

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens - PPGEL
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

VOLUME 9 – Junho de 2015
ISSN: 2176-5782



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

REITOR

José Bites de Carvalho

VICE-REITORA

Carla Liane Nascimento Santos

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROGRAD

Marcus de Almeida Gomes

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PPG

Atson Carlos Souza Fernandes

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO – PROEX

Marta Valéria Almeida Santana de Andrade

PRÓ-REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO – PROAD

Jairo Luiz Oliveira de Sá

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS - PPGEL

Prof. Dr. Gilberto Nazareno Telles Sobral

**Coordenador Pró – Tempore do Programa de Pós-Graduação em Estudo de
Linguagens – PPGEL**

Profa. Dra. Márcia Rios da Silva

Coordenadora da Linha de Pesquisa 1: Leitura, Literatura e Identidades

Profa. Dra. Lígia Pellon de Lima Bulhões

Coordenadora da Linha de Pesquisa 2: Linguagens, Discurso e Sociedade.

REVISTA TABULEIRO DE LETRAS

Editor-Chefe: Prof. Dr. Ricardo Oliveira de Freitas

COMISSÃO EXECUTIVA

Editora de texto: Lígia Péllon de Lima Bulhões

Editora de Layout: Cláudia Valéria Alves dos Santos

Revisor: Reinaldo Alves de Miranda

COMISSÃO EDITORIAL

Adelaide Augusta de Oliveira, Universidade do Estado da Bahia

Celina Márcia Abbade, Universidade do Estado da Bahia

Gilberto Sobral, Universidade do Estado da Bahia

Márcia Rios, Universidade do Estado da Bahia

PARECERISTAS ad hoc (VOLUME 9, n. 1)

Prof. Dr. Adeíto Manoel Pinho - Universidade Estadual de Feira de Santana

Prof. Dr. Gilberto Sobral - Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Maurício Beck - Universidade Estadual de Santa Cruz

CONSELHO CONSULTIVO

Prof. Dra. Alana de Oliveira F. El Fahl (Universidade Estadual de Feira de Santana)

Prof. Dra. Alba Valéria Silva (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

Prof. Dr. André Luiz Gaspari Madureira (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

Profa. Dra. Denise Zoghbi (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

Profa. Dra. Elisangela Santana (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

Prof. Dr. Elmo Santos (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

Prof. Dra. Enivalda Nunes Freitas Souza (Universidade Federal de Uberlândia)

Prof. Dr. Gilberto Nazareno Telles Sobral (UNEB – Universidade do Estado da Bahia)

Prof. Dr. José Henrique Santos (UNEB – Universidade do Estado da Bahia)

Profa. Dra. Lígia Péllon de Lima Bulhões (UNEB – Universidade do Estado da Bahia)

Profa. Dra. Lígia Negri (Universidade Federal do Paraná)

Profa. Dra. Lívia Maria Natália de Souza (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

Profa. Dra. Márcia Rios da Silva (UNEB – Universidade do Estado da Bahia)

Profa. Dra. Maria Anória de Jesus Oliveira (UFBA – Universidade do Estado da Bahia)

Profa. Dra. Nancy Rita Ferreira Vieira (UFBA – Universidade Federal da Bahia)
Profa. Dra. Norma Suely Pereira (UFBA – Universidade Federal da Bahia)
Prof. Dr. Paulo de Assis de A. Guerreiro (UFBA – Universidade Federal da Bahia)
Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel (UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana)
Prof. Dra. Regina Kohlrausch – (PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)
Profa. Dra. Renata Maria de Souza Nascimento (UNEB – Universidade do Estado da Bahia)

The logo consists of a yellow rectangular background. The word "TABULEIRO" is written in a bold, yellow, sans-serif font at the top. Below it, the words "DE LETRAS" are written in a bold, black, serif font.

VOLUME 09 – Junho de 2015
ISSN: 2176-5782

TABULEIRO DE LETRAS





TABULEIRO DE LETRAS



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons Attribution 3.0](#).

TABULEIRO DE LETRAS | Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL - UNEB) | ISSN 2176-5782

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Volume 09/ Número 1 – Junho de 2015
ISSN: 2176-5782

APRESENTAÇÃO

Prezad@s Leitores,

É com enorme satisfação que apresentamos o *Volume 9, número 1*, da Revista TABULEIRO DE LETRAS, organizada e dirigida pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, da Universidade do Estado da Bahia.

Como tem sido uma característica recorrente desta publicação, neste número estão contidos artigos que versam sobre os mais diversos e variados temas, pertinentes aos interesses da literatura, da língua e da cultura, aos estudos das linguagens. Seus autores também pertencem às mais variadas instituições de ensino e pesquisa, ilustrando o comprometimento da Revista com a diversidade e pluralidade na representatividade de autores, de temas, de interesses e instituições.

No primeiro artigo, intitulado *No silêncio da história, a ficção: a morte de Van Dorth*, João Antonio de Santana Neto aplica pressupostos teóricos da Análise de Discurso filiada a Pêcheux sobre o discurso construído acerca da cidade do Salvador presente no romance histórico *Dom Marcos*, de Altamirando Requião.

O segundo artigo, *O papel do parvo no teatro de Gil Vicente*, de Flávia Maria Schlee Eyler, traz uma abordagem sobre a função discursiva do parvo vicentino no teatro da Corte Portuguesa do século XVI. O pertencimento do parvo à ordem discursiva mundana possibilita a sátira e, sobretudo, a ironia. Assim, a autora analisa os contornos que determinarão a loucura encenada entre o real e o ilusório, entre a ordem e o caos, conduzindo a licenciosidade da comicidade da tradição popular medieval para uma autoironia como figura de pensamento inerente à condição do homem moderno.

No terceiro artigo, intitulado *Michel Pêcheux e a crítica aos recalques da história e da língua*, Rodrigo Oliveira Fonseca analisa obras de Michel Pêcheux em busca das críticas que o autor apresentou ao problema da circularidade na interpretação dos textos. O autor entende que Pêcheux torna pertinente a opção por não se recalcar a memória e seus preenchimentos/capturas que incidem na forma de interdiscurso, o que nos conduz para a ordem equívoca da língua, *locus* privilegiado onde se dão, de modo opaco e diverso, as reinscrições de memória.

O quarto artigo, *Práticas translínguas: o repertório linguístico do sujeito bilingue no século XXI*, de autoria de Antonieta Heyden Megale e Helena Regina Esteves de

Camargo, discute a noção de bilinguismo e de sujeito bilingue, a partir de uma visão de língua heteroglóssica, relacionada às experiências identitárias e às práticas linguísticas de sujeitos em sua condição bilíngue no século XXI. Por meio da análise de entrevista com um jovem, as autoras analisam as práticas translíngues do entrevistado.

No quinto artigo, de Célia Regina da Silva, intitulado *Experiências midiáticas e identidades culturais no hip hop: saberes e fazeres femininos negros*, a autora investiga a experiência de formação identitária por intermédio da apropriação tecnológica por grupo de mulheres do movimento hip hop. Busca-se compreender a forma com que as mulheres lidam com os mecanismos de produção de conteúdo musical, social e tecnológico, com base no uso de Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs).

No sexto artigo, intitulado *A geração da utopia: a influência da tradição oral como estratégia discursiva nos registros da luta pela descolonização*, os autores Murilo da Costa Ferreira, Karen Eloá de Assumpção Pereira abordam a importância da tradição oral africana no tecido ficcional da obra *A geração da utopia*, do escritor angolano Pepetela. Os autores acreditam que a obra, por meio de alguns recursos da expressão literária, apresenta um posicionamento crítico em relação aos acontecimentos históricos de Angola, ao possibilitar, por meio da sua leitura, a elaboração de um imaginário em torno da representação da angolanidade.

No sétimo artigo, *De la « manawa » à la prescriptrice de mode: la contribution des Dominicaines à l'esthétique de la Guadeloupe*, Alix Pierre, francês nascido na Ilha de Guadeloupe, radicado há quase duas décadas nos Estados Unidos, onde é professor no Departamento de Línguas e Literatura da Diáspora Africano e do Mundo, do Spelman College, em Atlanta, investiga a presença de mulheres dominicanas na Ilha de Guadeloupe e os reflexos de tal presença para a criação de um complexo cultural hispanofônico e para a integração dominicana à paisagem sociocultural (e estética) guadalupense.

Este número é composto, ainda, por uma resenha, de autoria de Maurício Silva, acerca do livro *A noção de cultura nas ciências sociais*, de Denys Cuche.

Boa leitura!

Ricardo Oliveira de Freitas
Editor-Chefe da Revista Tabuleiro de Letras

TABULEIRO DE LETRAS

No silêncio da história, a ficção: a morte de Van Dorth¹

The fiction in the silence of history: the death of Van Dorth

João Antonio de Santana Neto²

RESUMO: Neste trabalho, tem-se por objetivo aplicar pressupostos teóricos da Análise de Discurso filiada a Pêcheux, com vistas a estudar o discurso sobre a cidade do Salvador quanto a fatos da sua história, em uma perspectiva discursiva. Entre os pressupostos teóricos que se filiam a Pêcheux, destacam-se condições de produção, formações ideológica e discursiva, interdiscurso, memória discursiva, arquivo e sujeito. O *corpus* selecionado para este trabalho é composto de recorte do romance histórico *Dom Marcos* (1976b), de Altamirando Requião. Escolheu-se como tema “a morte de Van Dorth”, retratada no arquivo e no texto literário em questão. Chega-se à conclusão de que Requião, na função-autor, dá às personagens históricas valor secundário e às ficcionais, um papel central na narrativa, visto que estas determinam a focalização por parte do formulador, uma vez que é no silêncio da história que surge espaço para a ficção.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Arquivo; Romance Histórico; Altamirando Requião.

ABSTRACT: This study is an application of the theoretical underpinnings proposed by Pecheux's Discourse Analysis to the discourse about the city of Salvador regarding historical facts in a discursive perspective. Among Pecheux's theoretical presuppositions are the conditions of production of discourse, ideological and discursive formation, interdiscourse, discourse memory, archive and subject. The analyzed corpus was a section of the historical novel *Dom Marcos* (1976b) by Almirando Requião. The chosen theme was “the death of Van Dorth” depicted in the archive and literary text mentioned. The study concluded that that Requião, as the author, gives historical characters a secondary role and a primary role to the fictional characters of the narrative once they determine the focus given by the formulator since it is in the silence of history that the space for fiction emerges.

Keywords: Discourse Analysis; Archive; Historical Novel; Altamirando Requião.

¹Este trabalho integra o projeto de Estágio Pós-Doutoral “Retratos de Salvador: gestos de interpretação do discurso literário sobre a cidade do Salvador”, em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), com bolsa do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD - CAPES).

²Professor Permanente do Programa de Pós-Gradual em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, jneto@uneb.br.

Em seguida, Requião (1976b, p. 123) narra os fatos, seguindo de perto Frei Vicente do Salvador. Salvo que este último relata que Van Dorth foi morto pelo Capitão Francisco Padilha e o trombeteiro foi morto por Francisco Ribeiro, seu primo. Requião (1976b, p. 123), entretanto, narra os disparos de fisberta realizados tanto por Francisco Padilha contra Van Dorth quanto por Francisco Ribeiro contra o trombeteiro. Van Dorth foi atingido, mas ainda não estava morto, e o trombeteiro foi alvejado no peito por uma seta e fugiu cambaleando.

Então, o Comandante baiano não trepidou, na decisão que lhe conviria ser tomada, confirmando o seu valor militar, com a centelha da improvisação da única providência, que no caso, se tornava de mister. Alterava-se, subitamente, o plano primitivo da guerrilha: tornava-se imperativa a eliminação do chefe contrário, que tão imprudentemente se lhe oferecia, pois dessa circunstância tiraria o máximo proveito.

Não esperou que ninguém lhe tomasse a iniciativa: apontou sua escopeta ao rosto do Coronel, que se lhe aproximava, com celeridade, de fisberta em punho, e deflagrou-a, com a perícia habitual, que o tornara famoso atirador, enquanto o Capitão seu primo fazia o mesmo, na direção do ordenança, e uma chuva de flechas e projéteis caía sobre ambos os flamengos e suas respectivas montarias.

Van Dorth, desequilibrado, pela percussão, tombou do cavalo, pesadamente; e o corneteiro, com o peito transfixado, por uma seta, deitou a correr, cambaleante, para trás, chamando por socorro da tropa, que se atrasara.

O oficial holandês, por terra, com os olhos esbugalhados, a mão esquerda na espada e a direita comprimindo o pescoço, no qual a jugular interna fora seccionada e o nervo pneumogástrico atingido, punha golfadas de sangue, pela boca, sem poder articular sequer uma palavra ...

Requião (1976b, p. 123-124), então, desloca o centro da narrativa para a personagem ficcional Raquel. Descrita como filha do Escrivão da Câmara Rui Carvalho Pinheiro, “recebera, no batismo, o nome de Raquel, e nisto parecia querer a Providência reviver, em tal pessoa, a história bíblica de Jacó...” (REQUIÃO, 1976a, p. 24). O romance da personagem ficcional Raquel com a personagem histórica Antônio de Menezes Furtado e as ações decorrentes desse romance são ficcionais, criados por Requião. Antônio de Menezes Furtado, filho do Governador, apaixona-se por Raquel, mesmo estando noivo de Eunice, sobrinha de D. Marcos Teixeira, Bispo do Brasil.

O amor é correspondido e Antônio de Menezes rompe o noivado com Eunice, acarretando a raiva de D. Marcos Teixeira que, em sermão na Igreja da Sé, incentiva o “povo do Recôncavo” a retornar às suas casas e tarefas, desguarnecendo a defesa da cidade. Com a cidade invadida, a população foge para o aldeamento do Espírito Santo (atualmente Vila de Abrantes) e, no caminho, Eunice suicida-se nas águas do Rio Vermelho.

Com a cidade conquistada, os holandeses prendem o Governador D. Diogo de Mendonça Furtado e seu filho na nau capitânia, segundo consta no arquivo. Mas Requião cria uma narrativa na qual somente o primeiro foi preso na nau capitânia e, ao tentar resgatar o pai, Antônio de Mendonça Furtado recebe um tiro na cabeça e então se espalha o boato de sua morte. Tanto no arquivo quanto na ficção, pai e filho são enviados para a Holanda.

Na sequência da narrativa ficcional, Raquel jura vingar a morte do amado e, com o apoio do Bispo D. Marcos Teixeira, veste-se de homem e integra as fileiras do Capitão Francisco Padilha. Nessa empreitada, conta com o apoio de André Padilha, que a ama em segredo porque era amigo de Antônio Mendonça, e promete casar-se com ele após realizar a sua vingança.

Passou-se, então, uma cena estranha, de violência impressionante e de inacreditável imprevisto, em que à instantaneidade dos movimentos verificados se juntava a irrupção confirmatória do ódio fermentado e da vingança brutal. Antes que a qualquer outro dos emboscados ocorresse sequer idéia do que deveria fazer, dali por diante, isto é, se conviria avançar, para chegar ao ferido, ou mais acertado fora permanecer à espera do inimigo, prestes a surgir, Raquel, de um salto, com a agilidade da corça na vastidão da floresta, arrancou do cinto de André Padilha o punhal que estivera, pouco antes, a examinar, com os olhos, e, mais parecendo um demônio loiro, liberto das profundezas do Inferno grego, mais semelhando a um anjo do extermínio, expelido, de repente, das entranhas da terra, mais sugerindo a alegoria minaz de uma Erínia furiosa, procedente das águas da Stígia e desembarcada do lenho de Caronte, correu, inobstável, resoluta, irrestringível, na direção do cavaleiro derrubado.

De lâmina erguida, como emblema do desagravo, que coruscava terrível, aos raios quentes do sol, dir-se-ia aquela criatura, bela e jovem, como uma ninfa disfarçada em verdugo inconversível, a deusa tiranicida da liberdade, a espartíata da desforra baiana.

Foi certa, veloz, implacável, indômita, ao Coronel estendido em decúbito lateral; e, vendo-lhe a fronte a descoberto, encostada ao solo que caíra, com a mão direita, cravou-lhe, firme, o aço inflexível, numa das têmporas, enquanto com a esquerda, fazendo contrapeso, diligenciava por atravessar, de lado a lado, a cavidade daquela região. Como não o conseguisse, com a mesma rapidez anterior, fez de uma pedra um martelo, e, percutindo, acerbamente, várias vezes, o cabo da arma justicadora, só cessou o seu expediente, ao vê-la trespassar a cabeça e fixar-se na terra dura, num rangido de ossos fraturados.

Van Dorth estava morto.

Requião (1976b), na função-autor, dá às personagens históricas um valor secundário e às ficcionais, um papel central na narrativa, visto que estas determinam a focalização por parte do formulador, numa posição-sujeito da formação discursiva do romance histórico, uma

vez que é no silêncio da história que surge espaço para a ficção. Tal fato pode ser atestado pela vingança de Raquel no recorte acima.

A vingança é uma das paixões. Para se falar em paixão e apaixonados necessita-se recuar até a tragédia grega. A tragédia é uma forma dramática, cujas personagens protagonistas se veem enfrentando de maneira misteriosa, inexpugnável e inevitável o universo ou os deuses, movendo-se sempre até um desenlace fatal por uma força cega, a fatalidade, a *sina* ou o *fatum*.

As tragédias se caracterizam por acabar forçosamente em morte ou em loucura da personagem principal, que é sacrificada assim a essa força que se lhe impõe e contra a qual se rebela com orgulho insolente ou *hybris*.

A tragédia nasceu, como se conhece na Grécia, com obras de Tespis e Frinico, e se consolidou com a tríade de grandes trágicos do classicismo grego: Ésquilo, Sófocles e Eurípides.

A tragédia se cria a partir da ação dramática da personagem protagonista e nela não existem personagens cômicas. O protagonista da tragédia é excepcional por sua virtude, consciência ou preocupação social, ou seja, foge ao comum. Sempre há um profundo sentido ético e padece de uma paixão profunda (*páthos*), que os racionalistas gregos identificavam com um mal ou enfermidade. Por isso, o conflito do protagonista costuma ser, na maioria das vezes, consigo mesmo e com as forças da natureza, de sorte que sua luta é pelo restabelecimento da ordem cósmica, apelando para o conhecimento e a posterior superação, visando à realização de sua grandeza, por meio da *catarsis* que o purifica, mais que a ele, ao espectador.

Aristóteles dedica à tragédia grande parte de sua *Poética*, referindo-se a ela como imitação de ação esforçada e completa, de certa amplitude, em uma linguagem que tem ritmo, harmonia e canto. A tragédia clássica devia cumprir três condições: conter personagens de elevada condição social (heróis, reis, deuses), estar em uma linguagem elevada e digna, além de terminar tristemente, por meio da destruição ou da loucura de uma ou várias personagens sacrificadas por sua desmesura ou orgulho ao rebelar-se contra as leis do destino.

Conforme se pode observar, a base da tragédia é a paixão, ou seja, o *páthos*. Segundo Bailly (1909, p. 642), trata-se de sofrer de uma afeição viva, ser vivamente emotivo, se apaixonar. Para Lausberg (1982, p. 105-106), o *páthos* é o grau mais violento dos afetos, a comoção. Tanto assim que, na tragédia, o que se espera dos espectadores durante o espetáculo

são dois afetos com grau reduzido de violência: esperança e medo. Ao término da encenação, espera-se que os espectadores sintam comiseração e horror.

Observa-se no recorte que Raquel é regida pela cólera, visto que, segundo Aristóteles ([IV a.C.] 1986), esse sentimento é um grito contra a diferença imposta, “injusta” ou sentida como tal (a morte de seu amado), daí o sentimento de vingança. Nesse momento a cólera reequilibra a relação proveniente do ultraje, da afronta, e a imaginação se exprime no propósito da vingança, visto que apresenta o problema resolvido e, com isso, satisfaz quem se entrega a ela, ao mesmo tempo em que é por ela determinado. A cólera pressupõe a possibilidade dessa vingança, presumindo-se que o ofensor não é assim tão poderoso – “Daí a pouco, apareceram, na curva do areal ensolejado, dois cavaleiros, que se haviam apartado do grosso de sua tropa, naturalmente retardada. Um precedia o outro na medida de seis côvados” (REQUIÃO, 1976b, p. 122).

A narrativa da vingança segue o modelo dos romances históricos do romantismo, na medida em que apresenta uma adjetivação rica e erudita. Comparada a “um demônio loiro, liberto das profundezas do Inferno grego” (REQUIÃO, 1976b, p. 124), a imagem criada de “demônio”, como se acreditava na [Antiguidade](#), referia-se a um [gênio](#) que inspirava os indivíduos tanto para o [bem](#) quanto para o [mal](#). O “loiro” refere-se à cor dos cabelos da personagem. O inferno grego correspondia às profundezas ou ao reino de [Hades](#), para onde iam os mortos. Daí ser comum encontrar-se a referência de que Hades era deus dos infernos. O uso do plural, infernos, indica mais o caráter de submundo e mundo das profundezas do que o caráter de lugar de condenação, em geral dado pelo singular, inferno. Distinguindo o lugar dos mortos - o Hades - a mitologia grega também concebeu um lugar de condenação ou de prisão, o [Tártaro](#). A influência de Hades é quase que estritamente negativa e maléfica, vinculada a pragas, doenças, destruições e guerras, mas também é tida como influência de desafios, afinal, nas tradições antigas, para seguirem o "caminho do herói", testes e provações físicas e psicológicas eram necessárias. Assim, no contexto mitológico, Hera (esposa de Zeus) e Hades eram os principais responsáveis diretos por estas provações.

A construção ficcional da imagem de Raquel na concretização da sua vingança traz ainda outros elementos ligados à mitologia grega: “mais sugerindo a alegoria minaz de uma Erínia furiosa, procedente das águas da Stígia e desembarcada do lenho de Caronte (REQUIÃO, 1967b, p. 124). As Erínias (Fúrias para os [romanos](#) – *Furiae* ou *Dirae*) eram personificações da vingança, semelhantes a [Nêmesis](#). Enquanto Nêmesis (deusa da vingança) punia os deuses, as Erínias puniam os mortais. Eram [Tisífone](#) (Castigo), [Megera](#) (Rancor) e [Alecto](#)

(Inominável). Viviam nas profundezas do Tártaro, onde torturavam as almas pecadoras julgadas por Hades e [Perséfone](#). Nasceram das gotas do sangue que caíram sobre [Gaia](#), quando o [deus Urano](#) foi castrado por [Cronos](#). Pavorosas, possuíam asas de [morcego](#) e cabelo de [serpente](#).

Segundo a mitologia grega, antes de chegar ao Hades, os mortos pegavam a balsa de [Caronte](#) para atravessar o rio Aqueronte (das dores) – em algumas versões, em vez do rio Aqueronte, seria o rio Estige (“procedente das águas da Stígia”). Caronte transportava os heróis, as crianças, os ricos e os pobres para o Hades propriamente dito, mediante moedas para fazer a passagem. Era costume grego colocar uma moeda, chamada [óbolo](#), sobre os olhos do cadáver, para pagar Caronte pela viagem. Se a alma não pudesse pagar, ficaria forçadamente na margem do Aqueronte para toda a eternidade, e os gregos temiam que pudesse regressar para perturbar os vivos.

Requião (1967b, p. 124) continua: “dir-se-ia aquela criatura, bela e jovem, como uma ninfa disfarçada em verdugo inconversível, a deusa tiranicida da liberdade, a espartíata da desforra baiana. A beleza e a juventude de Raquel (tinha 20 anos) são resumidas na palavra “ninha”, que, segundo a mitologia grega corresponde à mulher nova, esbelta e formosa, divindade mitológica dos rios, dos bosques e dos montes. Observa-se, nessa passagem, a utilização da antítese, figura de pensamento que apresenta ideias contrárias: primeiro “ninha disfarçada em verdugo inconversível”, a delicadeza e a beleza das ninfas se opõem à imagem do verdugo: algoz, cruel e desumano; em seguida, “deusa tiranicida da liberdade”, deusa injusta e cruel, cuja vontade está acima da lei e da justiça, que não respeita a liberdade. Realizando um gesto de interpretação, pode-se ler a passagem como uma bela e jovem mulher que, de forma cruel e desumana, liberta o oprimido. E como resumo tem-se “espartíata”, habitante de Esparta, cidade guerreira, que desfruta de seus direitos. Ou seja, Requião resume da figura de Raquel todo o anseio de vingança do povo baiano invadido.

Conforme se pode verificar nesse recorte, Requião (1976b, p. 122-124) subjetiva-se na formação discursiva do romance histórico tradicional, formula o seu discurso bem ao gosto do romantismo e, na função-autor, numa posição-sujeito de bom sujeito, ou seja, muito próxima da forma-sujeito da formação discursiva na qual se subjetiva, o destaque desloca-se para as personagens ficcionais e é reservado às personagens históricas valor secundário, visto que aquelas determinam a focalização por parte do formulador, uma vez que é no silêncio da história que surge espaço para a ficção.

REFERÊNCIAS

ADENBURG, J. G. Invasão holandesa na Bahia pela testemunha ocular Johann Georg Adenburg [1631]. Trad. D. Clemente Maria da Silva - Nigra. In: **Ânuo do Arquivo Público da Bahia**, vol. 26, p. 113, 1938

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, [IV a.C.]1998.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndice de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, [IV a.C.] 1986.

BAILLY, M. A. **Abrégé du dictionnaire grec-français**. 12a. ed. Paris: Hachette, 1909.

COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. In: **Langages**, Paris, n. 62, juin. 1981.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, Mercado de Letras, 2011.

FREI VICENTE DO SALVADOR. **História do Brasil**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/7334880/Historia-Do-Brasil-Por-Frei-Vicente-Do-Salvador-1627#scribd>> p. 145 [1627]. Acesso em: 13 mai. 2015.

LAUSBERG, H. **Elementos de retórica literária**. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 3ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. (org.). **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes, Labeurb/UNICAMP, 2003.

REQUIÃO, A. **O baluarte: crônica do século XVII**. 2ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, [1940] 1976a.

REQUIÃO, A. **Dom Marcos: crônica do século XVII**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1976b. p. 122-124.

VARNHAGEN, F. A. de. **História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654**. Viena, Finsterbeck, 1871. Disponível em: <http://books.google.pt/books?id=dWACAAAAYAAJ&pg=PR5&dq=caravela&hl=pt-PT&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q=caravela&f=false>. Acesso em: 13 mai. 2015.

VEIGA, C. **Atravessando um século: a vida de Altamirando Requião**. Rio de Janeiro: Record. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1993.

VIEIRA, A. Anua da Província do Brazil. Carta I Ao Geral da Companhia de Jesus 1626 – Setembro 30. In: **Cartas do Padre Antonio Vieira**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925. p. 3-76 . Disponível em:
<http://www.google.com.br/url?sa=t&ret=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.brasiliana.usp.br%2Fbbd%2Fbitstream%2Fhandle%2F1918%2F01951310%2F019513-1_COMPLETEO.pdf&ei=KlhSVfiGHq-1sATx8YDQDQ&usg=AFQjCNHfeuRliVfyj5mqd7XRSc2D4vJNrQ>. Acesso em: 13 mai. 2015.

Recebido em: 07 de maio de 2015.

Aceito em: 30 de junho de 2015.

Em seguida, Requião (1976b, p. 123) narra os fatos, seguindo de perto Frei Vicente do Salvador. Salvo que este último relata que Van Dorth foi morto pelo Capitão Francisco Padilha e o trombeteiro foi morto por Francisco Ribeiro, seu primo. Requião (1976b, p. 123), entretanto, narra os disparos de fisberta realizados tanto por Francisco Padilha contra Van Dorth quanto por Francisco Ribeiro contra o trombeteiro. Van Dorth foi atingido, mas ainda não estava morto, e o trombeteiro foi alvejado no peito por uma seta e fugiu cambaleando.

Então, o Comandante baiano não trepidou, na decisão que lhe conviria ser tomada, confirmando o seu valor militar, com a centelha da improvisação da única providência, que no caso, se tornava de mister. Alterava-se, subitamente, o plano primitivo da guerrilha: tornava-se imperativa a eliminação do chefe contrário, que tão imprudentemente se lhe oferecia, pois dessa circunstância tiraria o máximo proveito.

Não esperou que ninguém lhe tomasse a iniciativa: apontou sua escopeta ao rosto do Coronel, que se lhe aproximava, com celeridade, de fisberta em punho, e deflagrou-a, com a perícia habitual, que o tornara famoso atirador, enquanto o Capitão seu primo fazia o mesmo, na direção do ordenança, e uma chuva de flechas e projéteis caía sobre ambos os flamengos e suas respectivas montarias.

Van Dorth, desequilibrado, pela percussão, tombou do cavalo, pesadamente; e o corneteiro, com o peito transfixado, por uma seta, deitou a correr, cambaleante, para trás, chamando por socorro da tropa, que se atrasara.

O oficial holandês, por terra, com os olhos esbugalhados, a mão esquerda na espada e a direita comprimindo o pescoço, no qual a jugular interna fora seccionada e o nervo pneumogástrico atingido, punha golfadas de sangue, pela boca, sem poder articular sequer uma palavra ...

Requião (1976b, p. 123-124), então, desloca o centro da narrativa para a personagem ficcional Raquel. Descrita como filha do Escrivão da Câmara Rui Carvalho Pinheiro, “recebera, no batismo, o nome de Raquel, e nisto parecia querer a Providência reviver, em tal pessoa, a história bíblica de Jacó...” (REQUIÃO, 1976a, p. 24). O romance da personagem ficcional Raquel com a personagem histórica Antônio de Menezes Furtado e as ações decorrentes desse romance são ficcionais, criados por Requião. Antônio de Menezes Furtado, filho do Governador, apaixona-se por Raquel, mesmo estando noivo de Eunice, sobrinha de D. Marcos Teixeira, Bispo do Brasil.

O amor é correspondido e Antônio de Menezes rompe o noivado com Eunice, acarretando a raiva de D. Marcos Teixeira que, em sermão na Igreja da Sé, incentiva o “povo do Recôncavo” a retornar às suas casas e tarefas, desguarnecendo a defesa da cidade. Com a cidade invadida, a população foge para o aldeamento do Espírito Santo (atualmente Vila de Abrantes) e, no caminho, Eunice suicida-se nas águas do Rio Vermelho.

Com a cidade conquistada, os holandeses prendem o Governador D. Diogo de Mendonça Furtado e seu filho na nau capitânia, segundo consta no arquivo. Mas Requião cria uma narrativa na qual somente o primeiro foi preso na nau capitânia e, ao tentar resgatar o pai, Antônio de Mendonça Furtado recebe um tiro na cabeça e então se espalha o boato de sua morte. Tanto no arquivo quanto na ficção, pai e filho são enviados para a Holanda.

Na sequência da narrativa ficcional, Raquel jura vingar a morte do amado e, com o apoio do Bispo D. Marcos Teixeira, veste-se de homem e integra as fileiras do Capitão Francisco Padilha. Nessa empreitada, conta com o apoio de André Padilha, que a ama em segredo porque era amigo de Antônio Mendonça, e promete casar-se com ele após realizar a sua vingança.

Passou-se, então, uma cena estranha, de violência impressionante e de inacreditável imprevisto, em que à instantaneidade dos movimentos verificados se juntava a irrupção confirmatória do ódio fermentado e da vingança brutal. Antes que a qualquer outro dos emboscados ocorresse sequer idéia do que deveria fazer, dali por diante, isto é, se conviria avançar, para chegar ao ferido, ou mais acertado fora permanecer à espera do inimigo, prestes a surgir, Raquel, de um salto, com a agilidade da corça na vastidão da floresta, arrancou do cinto de André Padilha o punhal que estivera, pouco antes, a examinar, com os olhos, e, mais parecendo um demônio loiro, liberto das profundezas do Inferno grego, mais semelhando a um anjo do extermínio, expelido, de repente, das entranhas da terra, mais sugerindo a alegoria minaz de uma Erínia furiosa, procedente das águas da Stígia e desembarcada do lenho de Caronte, correu, inobstável, resoluta, irrestringível, na direção do cavaleiro derrubado.

De lâmina erguida, como emblema do desagravo, que coruscava terrível, aos raios quentes do sol, dir-se-ia aquela criatura, bela e jovem, como uma ninfa disfarçada em verdugo inconversível, a deusa tiranicida da liberdade, a espartíata da desforra baiana.

Foi certa, veloz, implacável, indômita, ao Coronel estendido em decúbito lateral; e, vendo-lhe a fronte a descoberto, encostada ao solo que caíra, com a mão direita, cravou-lhe, firme, o aço inflexível, numa das têmporas, enquanto com a esquerda, fazendo contrapeso, diligenciava por atravessar, de lado a lado, a cavidade daquela região. Como não o conseguisse, com a mesma rapidez anterior, fez de uma pedra um martelo, e, percutindo, acerbamente, várias vezes, o cabo da arma justicadora, só cessou o seu expediente, ao vê-la trespassar a cabeça e fixar-se na terra dura, num rangido de ossos fraturados.

Van Dorth estava morto.

Requião (1976b), na função-autor, dá às personagens históricas um valor secundário e às ficcionais, um papel central na narrativa, visto que estas determinam a focalização por parte do formulador, numa posição-sujeito da formação discursiva do romance histórico, uma

vez que é no silêncio da história que surge espaço para a ficção. Tal fato pode ser atestado pela vingança de Raquel no recorte acima.

A vingança é uma das paixões. Para se falar em paixão e apaixonados necessita-se recuar até a tragédia grega. A tragédia é uma forma dramática, cujas personagens protagonistas se veem enfrentando de maneira misteriosa, inexpugnável e inevitável o universo ou os deuses, movendo-se sempre até um desenlace fatal por uma força cega, a fatalidade, a *sina* ou o *fatum*.

As tragédias se caracterizam por acabar forçosamente em morte ou em loucura da personagem principal, que é sacrificada assim a essa força que se lhe impõe e contra a qual se rebela com orgulho insolente ou *hybris*.

A tragédia nasceu, como se conhece na Grécia, com obras de Tespis e Frinico, e se consolidou com a tríade de grandes trágicos do classicismo grego: Ésquilo, Sófocles e Eurípides.

A tragédia se cria a partir da ação dramática da personagem protagonista e nela não existem personagens cômicas. O protagonista da tragédia é excepcional por sua virtude, consciência ou preocupação social, ou seja, foge ao comum. Sempre há um profundo sentido ético e padece de uma paixão profunda (*páthos*), que os racionalistas gregos identificavam com um mal ou enfermidade. Por isso, o conflito do protagonista costuma ser, na maioria das vezes, consigo mesmo e com as forças da natureza, de sorte que sua luta é pelo restabelecimento da ordem cósmica, apelando para o conhecimento e a posterior superação, visando à realização de sua grandeza, por meio da *catarsis* que o purifica, mais que a ele, ao espectador.

Aristóteles dedica à tragédia grande parte de sua *Poética*, referindo-se a ela como imitação de ação esforçada e completa, de certa amplitude, em uma linguagem que tem ritmo, harmonia e canto. A tragédia clássica devia cumprir três condições: conter personagens de elevada condição social (heróis, reis, deuses), estar em uma linguagem elevada e digna, além de terminar tristemente, por meio da destruição ou da loucura de uma ou várias personagens sacrificadas por sua desmesura ou orgulho ao rebelar-se contra as leis do destino.

Conforme se pode observar, a base da tragédia é a paixão, ou seja, o *páthos*. Segundo Bailly (1909, p. 642), trata-se de sofrer de uma afeição viva, ser vivamente emotivo, se apaixonar. Para Lausberg (1982, p. 105-106), o *páthos* é o grau mais violento dos afetos, a comoção. Tanto assim que, na tragédia, o que se espera dos espectadores durante o espetáculo

são dois afetos com grau reduzido de violência: esperança e medo. Ao término da encenação, espera-se que os espectadores sintam comiseração e horror.

Observa-se no recorte que Raquel é regida pela cólera, visto que, segundo Aristóteles ([IV a.C.] 1986), esse sentimento é um grito contra a diferença imposta, “injusta” ou sentida como tal (a morte de seu amado), daí o sentimento de vingança. Nesse momento a cólera reequilibra a relação proveniente do ultraje, da afronta, e a imaginação se exprime no propósito da vingança, visto que apresenta o problema resolvido e, com isso, satisfaz quem se entrega a ela, ao mesmo tempo em que é por ela determinado. A cólera pressupõe a possibilidade dessa vingança, presumindo-se que o ofensor não é assim tão poderoso – “Daí a pouco, apareceram, na curva do areal ensolejado, dois cavaleiros, que se haviam apartado do grosso de sua tropa, naturalmente retardada. Um precedia o outro na medida de seis côvados” (REQUIÃO, 1976b, p. 122).

A narrativa da vingança segue o modelo dos romances históricos do romantismo, na medida em que apresenta uma adjetivação rica e erudita. Comparada a “um demônio loiro, liberto das profundezas do Inferno grego” (REQUIÃO, 1976b, p. 124), a imagem criada de “demônio”, como se acreditava na [Antiguidade](#), referia-se a um [gênio](#) que inspirava os indivíduos tanto para o [bem](#) quanto para o [mal](#). O “loiro” refere-se à cor dos cabelos da personagem. O inferno grego correspondia às profundezas ou ao reino de [Hades](#), para onde iam os mortos. Daí ser comum encontrar-se a referência de que Hades era deus dos infernos. O uso do plural, infernos, indica mais o caráter de submundo e mundo das profundezas do que o caráter de lugar de condenação, em geral dado pelo singular, inferno. Distinguindo o lugar dos mortos - o Hades - a mitologia grega também concebeu um lugar de condenação ou de prisão, o [Tártaro](#). A influência de Hades é quase que estritamente negativa e maléfica, vinculada a pragas, doenças, destruições e guerras, mas também é tida como influência de desafios, afinal, nas tradições antigas, para seguirem o "caminho do herói", testes e provações físicas e psicológicas eram necessárias. Assim, no contexto mitológico, Hera (esposa de Zeus) e Hades eram os principais responsáveis diretos por estas provações.

A construção ficcional da imagem de Raquel na concretização da sua vingança traz ainda outros elementos ligados à mitologia grega: “mais sugerindo a alegoria minaz de uma Erínia furiosa, procedente das águas da Stígia e desembarcada do lenho de Caronte (REQUIÃO, 1967b, p. 124). As Erínias (Fúrias para os [romanos](#) – *Furiae* ou *Dirae*) eram personificações da vingança, semelhantes a [Nêmesis](#). Enquanto Nêmesis (deusa da vingança) punia os deuses, as Erínias puniam os mortais. Eram [Tisífone](#) (Castigo), [Megera](#) (Rancor) e [Alecto](#)

(Inominável). Viviam nas profundezas do Tártaro, onde torturavam as almas pecadoras julgadas por Hades e [Perséfone](#). Nasceram das gotas do sangue que caíram sobre [Gaia](#), quando o [deus Urano](#) foi castrado por [Cronos](#). Pavorosas, possuíam asas de [morcego](#) e cabelo de [serpente](#).

Segundo a mitologia grega, antes de chegar ao Hades, os mortos pegavam a balsa de [Caronte](#) para atravessar o rio Aqueronte (das dores) – em algumas versões, em vez do rio Aqueronte, seria o rio Estige (“procedente das águas da Stígia”). Caronte transportava os heróis, as crianças, os ricos e os pobres para o Hades propriamente dito, mediante moedas para fazer a passagem. Era costume grego colocar uma moeda, chamada [óbolo](#), sobre os olhos do cadáver, para pagar Caronte pela viagem. Se a alma não pudesse pagar, ficaria forçadamente na margem do Aqueronte para toda a eternidade, e os gregos temiam que pudesse regressar para perturbar os vivos.

Requião (1967b, p. 124) continua: “dir-se-ia aquela criatura, bela e jovem, como uma ninfa disfarçada em verdugo inconversível, a deusa tiranicida da liberdade, a espartíata da desforra baiana. A beleza e a juventude de Raquel (tinha 20 anos) são resumidas na palavra “ninha”, que, segundo a mitologia grega corresponde à mulher nova, esbelta e formosa, divindade mitológica dos rios, dos bosques e dos montes. Observa-se, nessa passagem, a utilização da antítese, figura de pensamento que apresenta ideias contrárias: primeiro “ninha disfarçada em verdugo inconversível”, a delicadeza e a beleza das ninfas se opõem à imagem do verdugo: algoz, cruel e desumano; em seguida, “deusa tiranicida da liberdade”, deusa injusta e cruel, cuja vontade está acima da lei e da justiça, que não respeita a liberdade. Realizando um gesto de interpretação, pode-se ler a passagem como uma bela e jovem mulher que, de forma cruel e desumana, liberta o oprimido. E como resumo tem-se “espartíata”, habitante de Esparta, cidade guerreira, que desfruta de seus direitos. Ou seja, Requião resume da figura de Raquel todo o anseio de vingança do povo baiano invadido.

Conforme se pode verificar nesse recorte, Requião (1976b, p. 122-124) subjetiva-se na formação discursiva do romance histórico tradicional, formula o seu discurso bem ao gosto do romantismo e, na função-autor, numa posição-sujeito de bom sujeito, ou seja, muito próxima da forma-sujeito da formação discursiva na qual se subjetiva, o destaque desloca-se para as personagens ficcionais e é reservado às personagens históricas valor secundário, visto que aquelas determinam a focalização por parte do formulador, uma vez que é no silêncio da história que surge espaço para a ficção.

REFERÊNCIAS

- ADENBURG, J. G. Invasão holandesa na Bahia pela testemunha ocular Johann Georg Adenburg [1631]. Trad. D. Clemente Maria da Silva - Nigra. In: **Ânuo do Arquivo Público da Bahia**, vol. 26, p. 113, 1938
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, [IV a.C.]1998.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndice de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, [IV a.C.] 1986.
- BAILLY, M. A. **Abrégé du dictionnaire grec-français**. 12a. ed. Paris: Hachette, 1909.
- COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. In: **Langages**, Paris, n. 62, juin. 1981.
- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, Mercado de Letras, 2011.
- FREI VICENTE DO SALVADOR. **História do Brasil**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/7334880/Historia-Do-Brasil-Por-Frei-Vicente-Do-Salvador-1627#scribd> > p. 145 [1627]. Acesso em: 13 mai. 2015.
- LAUSBERG, H. **Elementos de retórica literária**. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 3ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORLANDI, E. P. (org.). **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes, Labeurb/UNICAMP, 2003.
- REQUIÃO, A. **O baluarte: crônica do século XVII**. 2ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, [1940] 1976a.
- REQUIÃO, A. **Dom Marcos: crônica do século XVII**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1976b. p. 122-124.
- VARNHAGEN, F. A. de. **História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654**. Viena, Finsterbeck, 1871. Disponível em: http://books.google.pt/books?id=dWACAAAAYAAJ&pg=PR5&dq=caravela&hl=pt-PT&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q=caravela&f=false >. Acesso em: 13 mai. 2015.
- VEIGA, C. **Atravessando um século: a vida de Altamirando Requião**. Rio de Janeiro: Record. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1993.

VIEIRA, A. Anua da Província do Brazil. Carta I Ao Geral da Companhia de Jesus 1626 – Setembro 30. In: **Cartas do Padre Antonio Vieira**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925. p. 3-76 . Disponível em:
<http://www.google.com.br/url?sa=t&ret=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.brasiliana.usp.br%2Fbbd%2Fbitstream%2Fhandle%2F1918%2F01951310%2F019513-1_COMPLETEO.pdf&ei=KlhSVfiGHq-1sATx8YDQDQ&usg=AFQjCNHfeuRliVfyj5mqd7XRSc2D4vJNrQ>. Acesso em: 13 mai. 2015.

Recebido em: 07 de maio de 2015.

Aceito em: 30 de junho de 2015.

TABULEIRO DE LETRAS

O papel do parvo no teatro de Gil Vicente

The fool's role in the theater of Gil Vicente

Flávia Maria Schlee Eyler¹

RESUMO: Este artigo aborda a função discursiva do parvo vicentino no teatro da Corte Portuguesa do século XVI. O paradigma medieval de Deus como único autor da criação é questionado diante da abertura do mundo e sua secularização. Neste caso, o conceito de *cronotopo* permite uma reflexão sobre a possibilidade do teatro de condensar desacordos que partem da razão humana e aparecem como expressão discursiva. O personagem do parvo, com seus gestos e palavras sem nexos, implica estranhamentos e gargalhadas, mas também exige reflexões. Seu pertencimento à ordem discursiva mundana possibilita a sátira e, sobretudo, a ironia. A loucura encenada ganha corpo e, ao mesmo tempo em que espelha os contornos entre o real e o ilusório, entre a ordem e o caos, também conduz a licenciosidade da comicidade da tradição popular medieval para uma autoironia como figura de pensamento, tão cara ao homem moderno.

Palavras-chave: Teatro; Literatura; Discurso; Loucura; Ironia; Gil Vicente

ABSTRACT: This article addresses the discursive function of the Vicente's fool in the Portuguese Court theater in the 16th century. The medieval paradigm that considers God as the only author of the Creation is questioned before the world openness and its secularization. The concept of *cronotopo* leads us to a reflection on the theater possibility of condensing disagreements coming from the human reason and which appear as discursive expression. The character of the fool, with his gestures and senseless words, implies strangeness and laugh, but demands reflections. His belonging to the worldly discursive order makes possible the satire and the irony. The madness staged fleshes out and reflects the outlines between the real and the illusion, the order and the chaos, it also conducts the licentiousness of the comic characteristic of the medieval popular tradition to an auto irony as a thinking figure which concerns so much the modern man.

Keywords: Theater; Literature; Discourse; Madness; Irony; Gil Vicente

¹ Professora na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: feyler@puc-rio.br

forma diluída, em toda a fase final da Antiguidade e passou à Idade Média como lugar-comum, como outros atributos da mitologia antiga. [...] A teoria da “loucura do poeta” baseia-se no pensamento profundo da inspiração numinosa da poesia - idéia que reaparece de tempos em tempos, por assim dizer, como saber esotérico da origem divina da poesia (CURTIUS, 1996, p.575-576).

As realidades sociais que abrigavam o poeta inspirado pelas musas ou a palavra como revelação da ordem divina já não existiam. Assim, as convenções de gênero e os pactos sociais que davam sentido às manifestações antigas, tanto greco-romanas quanto cristãs medievais, já não se sustentavam no Renascimento. Agora, o problema da felicidade, do prazer, da paixão pelo poder e glória e da afirmação da vontade pessoal eram forças que precisavam ser ordenadas.

Ainda que emoldurada por convenções literárias, a obra de Gil Vicente não resiste a uma classificação por gêneros e, por isso mesmo, pode sinalizar a potencialidade das ações humanas, a partir de um novo lugar que mistura a tradição com observação crítica. A combinação de aspectos trágicos e cômicos em sua obra permite-lhe mostrar a riqueza e a profundidade que residem exatamente nessa espécie de desacordo entre as palavras e as coisas. No entrecruzamento de textos e referências selecionadas e ordenadas pelos mecanismos da memória, ele, num certo nível, devolve ao ocidente a primeira função do poeta: impedir o esquecimento daquilo que valeria a pena ser lembrado, mas agora já não mais seríamos feitos dos heróis, e sim os da própria condição humana. Gil Vicente dá voz à dimensão mais recôndita do ser humano, ao revelar o mundo às vezes mágico e misterioso, outras, simples e ingênuo das mais antigas manifestações do sagrado pagão que o Cristianismo não pôde eliminar. É mérito de Gil Vicente levar à Corte portuguesa, e dessa forma não deixar no esquecimento, os costumes, as falas, os gestos e os horizontes mentais e sensíveis de boa parte dos homens. Em suas comédias e tragicomédias, a dimensão transcendente – presente tanto nas tragédias da Antiguidade quanto nos Autos vicentinos mais sérios – é rasurada pela própria audiência que é convidada a participar de seu desfecho. Essa ambiguidade da comédia se dá pelo jogo – frequentemente político – entre o proibido e o permitido, sendo que uma das falhas cômicas mais características é a obsessão, espécie de compulsão mental do avaro, do hipocondríaco, do ciumento etc. que os separam socialmente dos outros. São personagens escravizados a um modelo de comportamento e desprovidos de autoconhecimento.

historiografia seriam capazes de encontrar uma verdadeira visão de mundo a partir do autor, seus personagens e contextos, embora nada seja mentira. Bakhtin (2003) propõe uma filosofia estética de âmbito geral ao invés de generalizações pseudocientíficas da história da literatura. Para ele, o autor deve tornar-se outro em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro. Por meio do outro procuramos compreender e levar em conta o valor da nossa imagem externa, do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro. Consideramos o fundo às nossas costas e essa questão é também fundamental para os historiadores os quais, apesar de lidarem com o que realmente aconteceu, jamais podem abandonar o lugar de onde observa e constrói aquilo que um dia existiu. Já na literatura, o autor pode imaginar e criar tudo aquilo que, se não aconteceu, pode acontecer. Dessa forma, nossa imagem externa refletida pelo outro não é a imagem externa artística das personagens ou, no caso da história, a verdade dos acontecimentos.

Retomar Gil Vicente no século XXI talvez nos permita repensar em nossa condição humana, isto é, é preciso ser inacabado e participar, como nos mostra Bakhtin (2003), do acontecimento ético aberto e singular da existência.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- ARÊAS, V. **Iniciação à comédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et. al. São Paulo: Editora HUCITEC, 1988.
- _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERGSON, H. **O riso**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BERARDINELLI, Cleonice. “Estudo prévio”. In: **Dois Autos de Gil Vicente (o da Mofina Mendes e o da Alma)**. Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p. 15-23.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- COSTA LIMA, L. **O controle do imaginário**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- COX, H. **Las fiestas de locos**. Madrid: Taurus, 1983.
- CURTIUS, E. R. **Literatura europeia e idade média latina**. São Paulo: Edusp, 1996.
- DE CERTEAU, M. **La Fable Mysthique 1**. Paris: Gallimard, 1982.
- DUBOIS, C. G. **O imaginário da renascença**. Brasília: UNB, 1995.
- EYLER, F. S. **Gil Vicente e o mundo em desconcerto**, 2000, 298, PUC- Rio, Rio de Janeiro.
- FEBVRE, L. **Le problème de l’incroyance au XVI^e siècle**. Paris: Albin Michel, 1968.
- FOUCAULT, M. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC- Rio, 2010.
- KLEIN, R. **A forma e o inteligível**. São Paulo: Edusp. 1998.
- PERELMAN, C. & TYTECA, L. O. **O tratado da argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PRATT, O. **Gil Vicente, notas e comentários**. Lisboa: Livraria Clássica, Editora, 1970.
- RICOEUR, P. **Teoria da Interpretação**. Lisboa: Edições 70, 1999.

SARAIVA, A. J. **Gil Vicente e o fim do teatro medieval**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970.

WILLEFORD, W. **The fool and his scepter**. Washington: Northwestern University Press, 1979.

VICENTE, G. Corte de Júpiter. In: **Obras completas**. 4. ed. Prefácio e notas do Prof. Marques Braga. Vol. 4. Lisboa: Sá da Costa, 1971.

Recebido em: 15 de junho de 2015.

Aceito em : 12 de julho de 2015.

forma, pertence ao mundo dos símbolos. Como tal, é transcendente e a-histórico. O *Louco* tem antecedentes entre todo tipo de pessoas que violaram a imagem padrão do homem. O grotesco bufão medieval, de acordo com Willeford (1979), assim como outros tipos de *Louco*, era um mascote que mantinha o relacionamento entre o mundo ordenado e o caos que ele delimitava. A deformação dos anões, corcundas e figuras grotescas eram refletidas nas roupas do *Louco*. Essa roupa possuía elementos desproporcionais e caóticos com padrões em desarmonia. O bufão medieval tinha orelhas de asno, uma crista de galo ou ambos (elementos animais sempre estavam presentes). No mundo medieval, onde o sagrado e o profano eram separados apenas pelas tênues linhas dos sacramentos e das festas religiosas,⁷ havia um estado de licença quase ilimitada. A grosseria desse descomedimento cômico era deliberadamente material. Havia os loucos naturais que atuavam na própria vida real e se locomoviam num pequeno porém variado círculo social: a corte, o mercado e a taberna. Eles existiam, produziam sua presença, mas nada representavam. Mesmo os mascarados de *Louco* eram eles mesmos.

Apenas um leve quadro institucional ou simbólico – festa, procissão, máscara ou fantasia, paródia – lembrava que esse destempero era apenas brincadeira. Essas manifestações, a partir do século XII foram, em vão, alvo de controle. Somente a partir do século XV surgiram outras formas para a expressão dessa loucura, por meio das *sotias* de teatro, bailes ou jogos. Uma das características do *Louco* é que ele surge de repente, porém parece que sempre estivera ali presente, espreitando. E quando é percebido significa que venceu todas as barreiras impostas para afastá-lo. Assim como aparecia, também desaparecia. Ele tem uma linguagem própria, estranha, mas essa estranheza não impossibilita que ela revele os segredos dos outros. Enfim, o *Louco* chama por outra dimensão do ser e da linguagem. Alguns têm o poder de irritar com seus trejeitos e brincadeiras e outros dividem com médicos e padres as funções mágicas e religiosas. Em sua característica ambiguidade, o *Louco* também pode ser a matéria primeira da sabedoria, o brilho espiritual e a totalidade.

suas senhoras. Existia uma aristocrática atração pelas monstruosidades humanas. Ver WILLEFORD, W. *The FoolandhisScepter*. Washington: NorthwesternUniversity Press, 1979, p. 9-15. Em Gil Vicente, segundo Cleonice Berardinelli, o vento é usado, muitas vezes, em sentido pejorativo que ainda hoje persiste: “cheio de vento”, “palavras de vento” e tudo isso está associado à simplicidade dos rústicos vicentinos.

⁷Qualquer solenidade religiosa iniciada pela missa podia transformar-se à tarde ou à noite num divertimento que por vezes chegava à irreverência. Como exemplo, tem-se a Quarta-Feira de Cinzas, dia que devia evocar aos cristãos a fragilidade da condição humana. O gesto de pegar um pouco de cinza e passá-lo pela testa degenerou em pura mascarada, acompanhada por gritos, cantos, disfarces e cortejos burlescos. Cf. HEERS, J. *Festas de Loucos e Carnavais*. Lisboa: Dom Quixote, 1987, p. 52. Ver também para o assunto COX, H. *LasFiestas de Locos*. Madrid: Taurus, 1983.

Porém, essa totalidade pertence às forças do caos. Dentre os brinquedos de que o *Louco* mais gosta estão os sinos. Eles indicavam a existência de outro tipo de ser movendo-se junto com ele, como vimos na *Floresta de Enganos*. O bater dos sinos era um símbolo da liberdade e da licença do *Louco* que tirava o sono do *Filósofo*.

Contudo, de acordo com Klein (1998), essa licença não significava a inexistência de regras. Havia sempre uma tensão, um contraste entre o desrecalque, a complacência na baixeza ou na bobagem e a vigilância que utiliza a máscara ou que verifica a fidelidade da paródia: essa dualidade, inseparável do cômico, por mais elementar que ele fosse, impedia-o de atingir o grau zero de relaxamento. Essa ambivalência, de certo modo, é constitucional: o *Louco* é ao mesmo tempo estúpido e sábio, escravo de seus instintos e espectador de sua própria conduta. O que importa, não é seu grau de inteligência, mas a dosagem de participação e de afastamento que situa a comicidade de seus feitos e gestos a uma distância diferente tanto do puro desrecalque quanto da pura ironia. Isso explica porque os homens do Renascimento concebiam com tanto gosto a situação do homem no mundo, ou da alma no corpo, sob a luz essencialmente cômica de uma história de loucos.

Por outro lado, Klein (1998) aponta as ligações entre o humanismo cristão – que aspirava a iluminar os fiéis e a purificar a fé – e os autores e pregadores – estes convidavam o homem a meditar sobre a morte, sobre o destino comum dos homens e sobre a “loucura” do apego à matéria. Assim, a arma espiritual do louco, a ironia que operava o distanciamento, servia aos moralistas de todos os tipos para denunciar precisamente a loucura ou a cegueira como condição normal da vida no mundo. A ambivalência dos desejos da alma encarnada correspondia à ambivalência da loucura. Porém, a ironia da loucura foi uma conquista que nasceu do desespero provocado pela quebra de referenciais. Saiu das profundezas de um mundo que se acreditava condenado a uma eterna navegação sem rumo.

O grande desatino era a percepção do próprio tempo e do homem sem a proteção da cosmovisão medieval. As pestes e as guerras dominavam a existência; a morte e a danação eterna ocupavam o centro dos temores de uma subjetividade que se formava. A presença descarnada da morte e a sua seriedade são, então, substituídas pela loucura.

A substituição do tema da morte pelo da loucura não marca uma ruptura, mas sim uma virada no interior da mesma inquietude. Trata-se ainda do vazio da existência, mas esse vazio não é mais reconhecido como termo exterior e final, simultaneamente ameaça e conclusão; ele é sentido no interior, como forma contínua e constante da existência. E enquanto outrora a loucura dos homens consistia em ver apenas que o termo da morte se

aproximava, enquanto era necessário trazê-los de volta à consciência através do espetáculo da morte, agora a sabedoria consistirá em denunciar a loucura por toda a parte, em ensinar aos homens que eles não são mais que mortos, e que se o fim está próximo, é na medida em que a loucura universalizada formará uma só e mesma entidade com a própria morte (FOUCAULT, 1999, p. 14-16).

Enfim, era a ordenação proposta por uma Igreja, cada vez mais comprometida com o século, que desabava liberando uma rede de novas significações. Suas imagens continuavam existindo, mas nada mais podiam ensinar. O sentido já não podia ser compreendido imediatamente, rompia-se a relação entre as palavras e as coisas, aquilo que os nominalistas anunciavam e que a segunda escolástica soube formalmente conter apenas por um determinado tempo. Com esse abalo, instaurava-se certo sentimento de opacidade do real e da primazia absoluta das coisas e das situações. A meditação obsessiva sobre a morte ocupava a imaginação. Por outro lado, os símbolos até então controlados nas alegorias medievais se soltavam.

No pensamento da Idade Média, as legiões de animais batizados definitivamente por Adão ostentavam simbolicamente os valores da humanidade. Mas no começo da Renascença, as relações com a animalidade se invertem [...] é o animal, agora, que vai espreitar o homem, apoderar-se dele e revelar-lhe sua própria verdade (FOUCAULT, 1999, p. 20).

De certa forma, o Renascimento desenvolve e amplia simbolicamente aquilo que o mundo medieval realizava materialmente. Pode-se encontrar aqui a questão da *mimese* estabelecida pela mudança do paradigma forma/substância para significado/significante e as perturbações daí decorrentes.⁸ Se por um lado esse desacordo levava a obscuras formas de entendimento do mundo, por outro, também abria caminho para que a loucura se transformasse num espelho que, nada refletindo de real, refletiria secretamente, para aquele que nele contemplasse o sonho de sua própria presunção. Ultrapassavam-se, assim, as grandes ameaças que invadiam e assombravam a imaginação. Nesse momento, a loucura passava a ser considerada no universo do discurso.

[Ela] torna-se uma forma relativa à razão ou, melhor, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória. Cada uma é a medida da outra, e nesse movimento de referência recíproca elas se recusam, mas uma fundamenta a outra. [...] O

⁸ Sobre a questão da performance como o outro da *mimesis*. Ver GUMBRECHT, 2010, p.148- 163.

espírito do homem, em sua finitude, não é tanto uma fagulha da grande luz quanto um fragmento de sombra. A verdade parcial e transitória da aparência não está aberta para sua inteligência limitada; sua loucura descobre apenas o avesso das coisas [...] O abismo da loucura em que estão mergulhados os homens é tal que a aparência de verdade que nele se encontra é simultaneamente sua rigorosa contradição. [...] Comparada com a verdade das essências e de Deus, toda a ordem humana é apenas uma loucura (FOUCAULT, 1999, p. 30-31).

CONCLUSÃO

A loucura deixava de ter uma existência absoluta; tornava-se ela própria uma forma de razão. E a pior loucura do homem era não reconhecer a miséria em que estava encerrado e a fraqueza que o impedia de aproximar-se do verdadeiro e do bom. Era preciso aceitar uma loucura imanente à razão. Em Gil Vicente, todas essas questões estão presentes e entrelaçadas. A dimensão do sofrimento humano, a fraqueza da consciência do bem, o pessimismo universal com relação ao futuro e a hipocrisia dos homens da Igreja. O *Parvo* vicentino desempenha um papel fundamental nesse jogo de espelhos. Sua posição é ambígua e misteriosa, entre a ordem e o caos, entre a realidade e a ilusão. Ao mesmo tempo em que espelha, também conduz a uma especulação. Através dele percebem-se fenômenos e questões que não deveriam ser percebidas, ou seja, questões que não deveriam ser imaginadas. No entanto, a loucura em Gil Vicente não pertence somente ao território do *Parvo* e sim ao próprio mundo.

A imagem do louco (e da loucura), equívoca como tantos grandes símbolos e projeções coletivas, é, em todos os casos, um instrumento de autocompreensão. Ora desperta o riso, porque apresenta uma espécie de modelo reduzido e inofensivo de uma anti-humanidade exorcizada, ora convida à meditação socrática e se oferece aos mais lúcidos como um espelho de sua verdadeira natureza (KLEIN, 1998, p. 419).

Para finalizar nossa reflexão sobre alguns aspectos da função discursiva do *parvo* na obra vicentina, vamos pensar que “a contemplação estética e o ato ético não podem abstrair a singularidade concreta do lugar que o sujeito desse ato e da contemplação artística ocupa na existência” (BAKHTIN, 2003, p. 21) e na importância do conceito de *cronotopo* nas obras de arte e também na escrita da história. Por ele nos aproximamos de questões e respostas para tudo aquilo que na vida se passa como evento e significação, mas que apenas obtém certa estabilidade quando, na luta do artista/historiador consigo mesmo, estes conseguem sedimentá-las como sentido em uma obra. No entanto, nem a crítica literária nem a

A norma moral, presente na tragédia, é, na comédia, transformada, em geral, na superação da obsessão através de seu próprio ridículo. De um certo ponto de vista, a tragédia não admite uma solução ou uma resposta e a comédia sim. Dentro do convencionalismo dos finais cômicos percebe-se uma liberação individual traduzida também em termos de reconciliação social. Porém, para além das discussões de gênero, ambas fazem parte do mesmo ritual que pretende dar conta do nascimento, morte e ressurreição do homem. Segundo esse ponto de vista, a tragédia seria uma comédia incompleta (ARÊAS, 1990, p.17-21).

A obra vicentina ganha um inestimável valor, diante do imperialismo exercido pelos modos de raciocínio que exaltavam as virtudes da razão e negligenciavam a produção cultivada nos ambientes populares os quais não se integravam no quadro estrito do raciocínio codificado segundo normas reconhecidas ou perdiam o contato com o real para propor utopias inviáveis. Por outro lado, o mundo da Renascença, quando olhado por esse prisma, revelava uma mitologia da miséria e do medo que cristalizava os terrores acumulados nos séculos anteriores e se manifestava por meio de seus antídotos: lugares santos, eremitas, exorcismos, cavaleiros de bom coração etc.

Essa mitologia do cotidiano daria uma imagem mais justa do homem do século XVI. Para ele, cada críspação de um estômago esfaimado, cada interrogação sobre a injustiça, a loucura ou os escândalos dos grandes provocavam alguma reação numa mitologia da fatalidade ou da transformação sobrenatural. A perda da íntima conexão entre as palavras e as coisas numa dimensão da transcendência divina revelava-se em aberrações aparentes de um discurso que se desenvolvia em função de leis internas. Nesse sentido, em Gil Vicente encontramos línguas macarrônicas e imaginárias, bem como bestiários de formas estranhas. “Essas manifestações brotavam devido à hipertrofia da função imaginativa e da função reguladora que engendrava os formalismos, ou seja, as regras da retórica e as convenções literárias” (DUBOIS, 1995, p.12).

[...] a criação discursiva e estética “razoável” é cercada pelo imaginário. Infiltra-se na mensagem manifestada uma mitologia de retaguarda que atua como freio, regressivo e nostálgico, tornando ambíguas as proposições em que um sentido esconde outro. A voz das sereias lamenta, aqui, as praias perdidas e os paraísos abandonados num passado mítico. O desejo intempestivo manifesta-se igualmente em excrescências laterais, em ficções onde o paradoxo, a antinomia cultivada e a anomalia erigida em sistema descobrem que o real poderia perfeitamente ser artífice, a natureza um objeto ideal e fictício. A partir desse momento, tudo é possível (DUBOIS, 1995, p. 16).

Dubois (1995, p. 25) reconhece a existência de um imaginário de ponta, quando a experimentação de ideias se faz pela extrapolação do real reconhecido, antecipando algo realizável. Enfim, uma mitologia de vanguarda contesta o real de hoje – que é recebido como realidade – para propor o de amanhã. Dessa maneira, o mito é retomado pela razão para se transformar em hipótese: o mito solar gera o heliocentrismo, os mitos do Renascimento geram revoluções. Nesse caso, pode-se pensar o universo vicentino como uma infiltração do imaginário de ponta gerando, juntamente com outros contemporâneos seus, questões pré-reformistas.

Costa Lima⁵(1989), ao distinguir o imaginário da imaginação, coloca questões inquietantes sobre a possibilidade de um paradigma, ao ser dominante, não hostilizar o imaginário. Para ele, o imaginário só pode ser tematizado e legitimado nos curtos intervalos entre a crise de um paradigma e a presença dominante de outro, ou quando a morte de um deus não tenha sido sucedida pelo advento de um novo.

Em Gil Vicente, pode-se encontrar essa questão pelo caminho traçado, por meio dos aspectos mais cômicos de sua obra. Certamente esse caminho não é o único. Porém, dentro das convenções de gênero, é a comédia que propicia, pelo riso que provoca, a cumplicidade num grupo humano. O riso marca um território, circunscreve um centro de previsibilidade ao apontar a excentricidade.

Apesar do universo do riso e do risível conter uma infinidade de categorias, como humor, ironia, comédia, piada, dito espirituoso, brincadeira, sátira, grotesco, gozação, ridículo, *nonsense*, farsa, humor negro, palhaçada, jogo de palavras ou simplesmente jogo, “pode-se condensar esse campo pela correspondência, quase completa, entre o risível e o cômico, e pelo consenso de que o riso é sempre regenerador e às vezes subversivo” (ALBERTI, 1999, p. 24).

Como não há comicidade fora do que é propriamente humano, é por intermédio do riso que uma sociedade experimenta de forma imaterial seus limites materiais, ou seja, aquilo que poderia perturbar seu equilíbrio e controle. Para Bergson (1983), o riso é uma espécie de gesto social. Pelo temor que inspira, ele reprime as excentricidades, mantém constantemente despertas e em contato mútuo as atividades acessórias que, de outra forma, levariam a uma extrema rigidez do corpo social. Ao manter válvulas abertas e legitimadas, o riso tem a função de aprimoramento geral. Por outro lado, o cômico só pode surgir em momentos bastante

⁵ Costa Lima distingue o imaginário da imaginação, considerando o primeiro como faculdade e o segundo como sua atuação. Ver Costa Lima, L. *Una cuestión de la modernidad: el lugar del imaginario*, University of Minnesota, vol.8, febrero, 1989.

precisos em que a sociedade (ou a pessoa) esteja isenta de preocupações com sua conservação.

Se traçarmos um círculo em torno de ações e intenções que comprometem a vida individual ou social e que se castigam a si mesmas por suas conseqüências naturais, restará ainda do lado de fora desse terreno de emoção e luta, uma zona neutra na qual o homem se apresenta simplesmente como espetáculo ao homem, certa rigidez do corpo, do espírito e do caráter que a sociedade quereria ainda eliminar para obter dos seus membros a maior elasticidade e a mais alta sociabilidade possíveis. Essa rigidez é o cômico, e a correção dela é o riso (BERGSON, 1983, p. 19).

Pode-se, dessa forma, compreender o papel que o cômico desempenhava nas sociedades de Corte em geral e na portuguesa em particular. Muito embora a tranquilidade acima referida estivesse longe, a Corte produzia esteticamente sua existência em termos de solidez e solidariedade. Contudo, exatamente o que estava de fora desse centro não podia ser ignorado. Afinal, a afirmação dos poderes ascendentes e sua própria sobrevivência precisavam que os anéis de ligação entre a realeza e seu corpo se reconhecessem.

Os tipos cômicos devolvem ao mundo a lembrança de sua materialidade. Ao contrário dos heróis trágicos que se afastam de seu corpo – não bebem, não comem, não se agasalham e, na medida do possível, nunca se sentam –, os tipos cômicos existem na plenitude de sua materialidade. “Nos tipos cômicos é o corpo que se adianta à alma; é a forma querendo impor-se ao fundo, a letra querendo impor-se ao espírito. É através do corpo que se atinge o alvo” (BERGSON, 1983, p. 34). Por isso, na comédia falam o advogado, o juiz e o médico, como se a justiça e a saúde fossem secundárias. E já que elas são fundamentais, seus aspectos exteriores devem ser rigorosamente respeitados. Porém, apesar do respeito devido, o cômico revestirá de certo ridículo físico o ridículo profissional. Desse modo, o meio se impõe ao fim, a forma ao fundo, e não mais a profissão é feita para o público, mas o público para refletir sobre a profissão.

A LOUCURA COMO ORDEM E DESORDEM

Em Gil Vicente, um dos aspectos do risível pode ser delimitado, entre outros, pela tipologia do *Louco*⁶, que não é uma invenção renascentista. Ele fixa-se como um tipo e, dessa

⁶Etimologicamente Fool (inglês) e Fole (francês) vem do latim *follicis*. O *Louco* é como um fole, suas palavras são somente ar, vazias de significado. Do italiano, junta-se *buffareque* é encher de ar, inchar. O vento é uma das mais arcaicas representações do espírito. O *Louco* tem então, a liberdade de espírito. No continente europeu, depois da queda do Império Romano, os circos eram formados por pessoas com deformidades físicas. Aleijados e monstruosos eram vendidos nos mercados romanos e anões nus eram encontrados nos salões de

forma, pertence ao mundo dos símbolos. Como tal, é transcendente e a-histórico. O *Louco* tem antecedentes entre todo tipo de pessoas que violaram a imagem padrão do homem. O grotesco bufão medieval, de acordo com Willeford (1979), assim como outros tipos de *Louco*, era um mascote que mantinha o relacionamento entre o mundo ordenado e o caos que ele delimitava. A deformação dos anões, corcundas e figuras grotescas eram refletidas nas roupas do *Louco*. Essa roupa possuía elementos desproporcionais e caóticos com padrões em desarmonia. O bufão medieval tinha orelhas de asno, uma crista de galo ou ambos (elementos animais sempre estavam presentes). No mundo medieval, onde o sagrado e o profano eram separados apenas pelas tênues linhas dos sacramentos e das festas religiosas,⁷ havia um estado de licença quase ilimitada. A grosseria desse descomedimento cômico era deliberadamente material. Havia os loucos naturais que atuavam na própria vida real e se locomoviam num pequeno porém variado círculo social: a corte, o mercado e a taberna. Eles existiam, produziam sua presença, mas nada representavam. Mesmo os mascarados de *Louco* eram eles mesmos.

Apenas um leve quadro institucional ou simbólico – festa, procissão, máscara ou fantasia, paródia – lembrava que esse destempero era apenas brincadeira. Essas manifestações, a partir do século XII foram, em vão, alvo de controle. Somente a partir do século XV surgiram outras formas para a expressão dessa loucura, por meio das *sotias* de teatro, bailes ou jogos. Uma das características do *Louco* é que ele surge de repente, porém parece que sempre estivera ali presente, espreitando. E quando é percebido significa que venceu todas as barreiras impostas para afastá-lo. Assim como aparecia, também desaparecia. Ele tem uma linguagem própria, estranha, mas essa estranheza não impossibilita que ela revele os segredos dos outros. Enfim, o *Louco* chama por outra dimensão do ser e da linguagem. Alguns têm o poder de irritar com seus trejeitos e brincadeiras e outros dividem com médicos e padres as funções mágicas e religiosas. Em sua característica ambiguidade, o *Louco* também pode ser a matéria primeira da sabedoria, o brilho espiritual e a totalidade.

suas senhoras. Existia uma aristocrática atração pelas monstruosidades humanas. Ver WILLEFORD, W. *The FoolandhisScepter*. Washington: NorthwesternUniversity Press, 1979, p. 9-15. Em Gil Vicente, segundo Cleonice Berardinelli, o vento é usado, muitas vezes, em sentido pejorativo que ainda hoje persiste: “cheio de vento”, “palavras de vento” e tudo isso está associado à simplicidade dos rústicos vicentinos.

⁷Qualquer solenidade religiosa iniciada pela missa podia transformar-se à tarde ou à noite num divertimento que por vezes chegava à irreverência. Como exemplo, tem-se a Quarta-Feira de Cinzas, dia que devia evocar aos cristãos a fragilidade da condição humana. O gesto de pegar um pouco de cinza e passá-lo pela testa degenerou em pura mascarada, acompanhada por gritos, cantos, disfarces e cortejos burlescos. Cf. HEERS, J. *Festas de Loucos e Carnavais*. Lisboa: Dom Quixote, 1987, p. 52. Ver também para o assunto COX, H. *LasFiestas de Locos*. Madrid: Taurus, 1983.

Porém, essa totalidade pertence às forças do caos. Dentre os brinquedos de que o *Louco* mais gosta estão os sinos. Eles indicavam a existência de outro tipo de ser movendo-se junto com ele, como vimos na *Floresta de Enganos*. O bater dos sinos era um símbolo da liberdade e da licença do *Louco* que tirava o sono do *Filósofo*.

Contudo, de acordo com Klein (1998), essa licença não significava a inexistência de regras. Havia sempre uma tensão, um contraste entre o desrecalque, a complacência na baixeza ou na bobagem e a vigilância que utiliza a máscara ou que verifica a fidelidade da paródia: essa dualidade, inseparável do cômico, por mais elementar que ele fosse, impedia-o de atingir o grau zero de relaxamento. Essa ambivalência, de certo modo, é constitucional: o *Louco* é ao mesmo tempo estúpido e sábio, escravo de seus instintos e espectador de sua própria conduta. O que importa, não é seu grau de inteligência, mas a dosagem de participação e de afastamento que situa a comicidade de seus feitos e gestos a uma distância diferente tanto do puro desrecalque quanto da pura ironia. Isso explica porque os homens do Renascimento concebiam com tanto gosto a situação do homem no mundo, ou da alma no corpo, sob a luz essencialmente cômica de uma história de loucos.

Por outro lado, Klein (1998) aponta as ligações entre o humanismo cristão – que aspirava a iluminar os fiéis e a purificar a fé – e os autores e pregadores – estes convidavam o homem a meditar sobre a morte, sobre o destino comum dos homens e sobre a “loucura” do apego à matéria. Assim, a arma espiritual do louco, a ironia que operava o distanciamento, servia aos moralistas de todos os tipos para denunciar precisamente a loucura ou a cegueira como condição normal da vida no mundo. A ambivalência dos desejos da alma encarnada correspondia à ambivalência da loucura. Porém, a ironia da loucura foi uma conquista que nasceu do desespero provocado pela quebra de referenciais. Saiu das profundezas de um mundo que se acreditava condenado a uma eterna navegação sem rumo.

O grande desatino era a percepção do próprio tempo e do homem sem a proteção da cosmovisão medieval. As pestes e as guerras dominavam a existência; a morte e a danação eterna ocupavam o centro dos temores de uma subjetividade que se formava. A presença descarnada da morte e a sua seriedade são, então, substituídas pela loucura.

A substituição do tema da morte pelo da loucura não marca uma ruptura, mas sim uma virada no interior da mesma inquietude. Trata-se ainda do vazio da existência, mas esse vazio não é mais reconhecido como termo exterior e final, simultaneamente ameaça e conclusão; ele é sentido no interior, como forma contínua e constante da existência. E enquanto outrora a loucura dos homens consistia em ver apenas que o termo da morte se

aproximava, enquanto era necessário trazê-los de volta à consciência através do espetáculo da morte, agora a sabedoria consistirá em denunciar a loucura por toda a parte, em ensinar aos homens que eles não são mais que mortos, e que se o fim está próximo, é na medida em que a loucura universalizada formará uma só e mesma entidade com a própria morte (FOUCAULT, 1999, p. 14-16).

Enfim, era a ordenação proposta por uma Igreja, cada vez mais comprometida com o século, que desabava liberando uma rede de novas significações. Suas imagens continuavam existindo, mas nada mais podiam ensinar. O sentido já não podia ser compreendido imediatamente, rompia-se a relação entre as palavras e as coisas, aquilo que os nominalistas anunciavam e que a segunda escolástica soube formalmente conter apenas por um determinado tempo. Com esse abalo, instaurava-se certo sentimento de opacidade do real e da primazia absoluta das coisas e das situações. A meditação obsessiva sobre a morte ocupava a imaginação. Por outro lado, os símbolos até então controlados nas alegorias medievais se soltavam.

No pensamento da Idade Média, as legiões de animais batizados definitivamente por Adão ostentavam simbolicamente os valores da humanidade. Mas no começo da Renascença, as relações com a animalidade se invertem [...] é o animal, agora, que vai espreitar o homem, apoderar-se dele e revelar-lhe sua própria verdade (FOUCAULT, 1999, p. 20).

De certa forma, o Renascimento desenvolve e amplia simbolicamente aquilo que o mundo medieval realizava materialmente. Pode-se encontrar aqui a questão da *mimese* estabelecida pela mudança do paradigma forma/substância para significado/significante e as perturbações daí decorrentes.⁸ Se por um lado esse desacordo levava a obscuras formas de entendimento do mundo, por outro, também abria caminho para que a loucura se transformasse num espelho que, nada refletindo de real, refletiria secretamente, para aquele que nele contemplasse o sonho de sua própria presunção. Ultrapassavam-se, assim, as grandes ameaças que invadiam e assombravam a imaginação. Nesse momento, a loucura passava a ser considerada no universo do discurso.

[Ela] torna-se uma forma relativa à razão ou, melhor, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória. Cada uma é a medida da outra, e nesse movimento de referência recíproca elas se recusam, mas uma fundamenta a outra. [...] O

⁸ Sobre a questão da performance como o outro da *mimesis*. Ver GUMBRECHT, 2010, p.148- 163.

espírito do homem, em sua finitude, não é tanto uma fagulha da grande luz quanto um fragmento de sombra. A verdade parcial e transitória da aparência não está aberta para sua inteligência limitada; sua loucura descobre apenas o avesso das coisas [...] O abismo da loucura em que estão mergulhados os homens é tal que a aparência de verdade que nele se encontra é simultaneamente sua rigorosa contradição. [...] Comparada com a verdade das essências e de Deus, toda a ordem humana é apenas uma loucura (FOUCAULT, 1999, p. 30-31).

CONCLUSÃO

A loucura deixava de ter uma existência absoluta; tornava-se ela própria uma forma de razão. E a pior loucura do homem era não reconhecer a miséria em que estava encerrado e a fraqueza que o impedia de aproximar-se do verdadeiro e do bom. Era preciso aceitar uma loucura imanente à razão. Em Gil Vicente, todas essas questões estão presentes e entrelaçadas. A dimensão do sofrimento humano, a fraqueza da consciência do bem, o pessimismo universal com relação ao futuro e a hipocrisia dos homens da Igreja. O *Parvo* vicentino desempenha um papel fundamental nesse jogo de espelhos. Sua posição é ambígua e misteriosa, entre a ordem e o caos, entre a realidade e a ilusão. Ao mesmo tempo em que espelha, também conduz a uma especulação. Através dele percebem-se fenômenos e questões que não deveriam ser percebidas, ou seja, questões que não deveriam ser imaginadas. No entanto, a loucura em Gil Vicente não pertence somente ao território do *Parvo* e sim ao próprio mundo.

A imagem do louco (e da loucura), equívoca como tantos grandes símbolos e projeções coletivas, é, em todos os casos, um instrumento de autocompreensão. Ora desperta o riso, porque apresenta uma espécie de modelo reduzido e inofensivo de uma anti-humanidade exorcizada, ora convida à meditação socrática e se oferece aos mais lúcidos como um espelho de sua verdadeira natureza (KLEIN, 1998, p. 419).

Para finalizar nossa reflexão sobre alguns aspectos da função discursiva do *parvo* na obra vicentina, vamos pensar que “a contemplação estética e o ato ético não podem abstrair a singularidade concreta do lugar que o sujeito desse ato e da contemplação artística ocupa na existência” (BAKHTIN, 2003, p. 21) e na importância do conceito de *cronotopo* nas obras de arte e também na escrita da história. Por ele nos aproximamos de questões e respostas para tudo aquilo que na vida se passa como evento e significação, mas que apenas obtém certa estabilidade quando, na luta do artista/historiador consigo mesmo, estes conseguem sedimentá-las como sentido em uma obra. No entanto, nem a crítica literária nem a

historiografia seriam capazes de encontrar uma verdadeira visão de mundo a partir do autor, seus personagens e contextos, embora nada seja mentira. Bakhtin (2003) propõe uma filosofia estética de âmbito geral ao invés de generalizações pseudocientíficas da história da literatura. Para ele, o autor deve tornar-se outro em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro. Por meio do outro procuramos compreender e levar em conta o valor da nossa imagem externa, do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro. Consideramos o fundo às nossas costas e essa questão é também fundamental para os historiadores os quais, apesar de lidarem com o que realmente aconteceu, jamais podem abandonar o lugar de onde observa e constrói aquilo que um dia existiu. Já na literatura, o autor pode imaginar e criar tudo aquilo que, se não aconteceu, pode acontecer. Dessa forma, nossa imagem externa refletida pelo outro não é a imagem externa artística das personagens ou, no caso da história, a verdade dos acontecimentos.

Retomar Gil Vicente no século XXI talvez nos permita repensar em nossa condição humana, isto é, é preciso ser inacabado e participar, como nos mostra Bakhtin (2003), do acontecimento ético aberto e singular da existência.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- ARÊAS, V. **Iniciação à comédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et. al. São Paulo: Editora HUCITEC, 1988.
- _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERGSON, H. **O riso**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BERARDINELLI, Cleonice. “Estudo prévio”. In: **Dois Autos de Gil Vicente (o da Mofina Mendes e o da Alma)**. Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p. 15-23.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- COSTA LIMA, L. **O controle do imaginário**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- COX, H. **Las fiestas de locos**. Madrid: Taurus, 1983.
- CURTIUS, E. R. **Literatura europeia e idade média latina**. São Paulo: Edusp, 1996.
- DE CERTEAU, M. **La Fable Mysthique 1**. Paris: Gallimard, 1982.
- DUBOIS, C. G. **O imaginário da renascença**. Brasília: UNB, 1995.
- EYLER, F. S. **Gil Vicente e o mundo em desconcerto**, 2000, 298, PUC- Rio, Rio de Janeiro.
- FEBVRE, L. **Le problème de l’incroyance au XVI^e siècle**. Paris: Albin Michel, 1968.
- FOUCAULT, M. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC- Rio, 2010.
- KLEIN, R. **A forma e o inteligível**. São Paulo: Edusp. 1998.
- PERELMAN, C. & TYTECA, L. O. **O tratado da argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PRATT, O. **Gil Vicente, notas e comentários**. Lisboa: Livraria Clássica, Editora, 1970.
- RICOEUR, P. **Teoria da Interpretação**. Lisboa: Edições 70, 1999.

SARAIVA, A. J. **Gil Vicente e o fim do teatro medieval**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970.

WILLEFORD, W. **The fool and his scepter**. Washington: Northwestern University Press, 1979.

VICENTE, G. Corte de Júpiter. In: **Obras completas**. 4. ed. Prefácio e notas do Prof. Marques Braga. Vol. 4. Lisboa: Sá da Costa, 1971.

Recebido em: 15 de junho de 2015.

Aceito em : 12 de julho de 2015.

TABULEIRO DE LETRAS

Michel Pêcheux e a crítica aos recalques da história e da língua

Michel Pêcheux and the criticism of the repressions of history and language

Rodrigo Oliveira Fonseca¹

RESUMO: O presente artigo se propõe a percorrer algumas obras de Michel Pêcheux em busca das críticas que o autor apresentou ao problema da circularidade na interpretação dos textos, que, dito de outra forma, é o problema de se “encontrar” na leitura aquilo que se procura. Problema clássico da sobre-interpretação estruturalista, como também do relativismo. O dispositivo teórico de Análise de Discurso proposto por Michel Pêcheux não “puxa o analista pelos cabelos”, livrando-o da história, da exterioridade e dos pragmatismos de mundos semanticamente normais. Pelo contrário, tal dispositivo sublinha e torna pertinente a opção por não se recalcar a memória e seus preenchimentos/capturas que incidem na forma de interdiscurso – entendido enquanto “*corpus* sócio-histórico de traços discursivos” (PÊCHEUX, 2011 [1982]) –, o que nos conduz para a ordem equívoca da língua, *locus* privilegiado no qual se dão, de modo opaco e diverso, as reinscrições de memória.

Palavras-chave: Michel Pêcheux; Interpretação; Circularidade; Ciência.

ABSTRACT: This article aims to analyze some works of Michel Pêcheux in search for the criticism that the author presented to the problem of circularity in the interpretation of texts, which, in other words, is the problem of "finding" in reading what is sought. This is a classic problem of over-structuralist interpretation, as well as of relativism. The theoretical device of Discourse Analysis proposed by Pêcheux does not "pull the analyst by his hair," freeing him from history, externality and pragmatisms of semantically normal worlds. On the contrary, it underlines and gives relevance to the option of not repressing memory and its fulfillments/captures that appear in the form of interdiscourse - understood as "*corpus* socio-historical discourse features " (PÊCHEUX 2011 [1982]) - which leads us to the equivocal order of language, privileged *locus* where, opaquely and in a varied way, the re-inscription of memory occurs.

Keywords: Michel Pêcheux; Interpretation; Circularity; Science.

INTRODUÇÃO

[...] se recusar a pensar sobre o fim como causa originária (no reflexo especular da origem e do fim) é de fato pensar como materialista.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB. Foi Pesquisador Associado do PPGEL-UNEB, bolsista de Desenvolvimento Científico Regional da Fapesb/CNPq, em estágio pós-doutoral sob a orientação do professor João Antonio de Santana Neto (UNEB).
E-mail: rodrigoflin@gmail.com

Acrescenta que, ao lado dessas técnicas materiais, têm-se as muitas “técnicas” de gestão social dos indivíduos, no interior de um espaço administrativo (jurídico, econômico e político) que opera sobre as **aparências** – destaco aqui o termo de Pêcheux, que também surge como “falsa aparência” e “necessidade (desejo) de aparência” – da coerção lógica disjuntiva, do **isso ou aquilo**, do **verdadeiro ou falso**. Afinal, pode-se ou não estar trabalhando e estar desempregado? Estar ao mesmo tempo casado e solteiro? Ser tanto civil como militar? Estar de licença médica e (co)pilotar um avião com 150 passageiros? Para um conjunto vasto de “especialistas e responsáveis de diversas ordens” simulam-se espaços discursivos logicamente estabilizados, organizados por disjuntivas, por meio dos quais todo sujeito falante sabe do que está falando, de modo transparente, e em que medida tais questões se apresentam como absurdas – ou **proibidas**, no caso das tecnologias de gestão administrativa ou “tecnologias sociais” (PÊCHEUX, 2008 [1983], pp. 62-63). No entanto, essa aparente homogeneidade lógica é atravessada por uma série de equívocos que “cobrem”¹² todos esses domínios das ciências exatas, das tecnologias e das administrações (PÊCHEUX, 2008 [1983], pp. 31-32).

Pêcheux tem o cuidado de mostrar que esses espaços discursivos logicamente estabilizados não são impostos do exterior – “apenas pelo poder dos cientistas, dos especialistas e responsáveis administrativos” – como coerções aos sujeitos pragmáticos (cada um de nós face às diversas urgências da vida). Trata-se mesmo de uma demanda, uma necessidade universal em torno de um “mundo semanticamente normal” (normatizado)¹³, o que não implica de modo algum em desconsiderar a sua relação umbilical com o Estado. É o caso de, seguindo as contribuições teóricas de Gramsci e Althusser (e de Foucault), considerar a presença invisível e positiva do Estado (e dos “poderes”) no cotidiano:

[...] esta necessidade de fronteiras coincide com a construção de laços de dependência face às múltiplas coisas-a-saber, consideradas como reservas de conhecimento acumuladas, máquinas-de-saber contra as ameaças de toda espécie: o Estado e as instituições funcionam o mais frequentemente – pelo menos em nossa sociedade – como polos privilegiados de resposta a esta necessidade ou a essa demanda (PÊCHEUX, 2008 [1983], p. 34).

¹² Ou **suturam**? Ou anulam uma falha, ao produzi-la?

¹³ Será o caso de se trazer aqui a figura da Ideologia em Althusser, com “i” maiúsculo?

De que modo as ciências sociais – mesmo aquelas ausentes da estante de livros do escritório da Talento RH – simulam a homogeneidade lógica que recalca a injunção à interpretação e à prática política? De que modo as análises estruturais e estruturalizantes, que vislumbram uma estabilidade discursiva própria das ciências da natureza e não se reconhecem por nada nas administrações, também cedem às circularidades? Já no texto de sua tese de terceiro ciclo (equivalente no Brasil ao doutorado), *Análise Automática do Discurso*, Michel Pêcheux (1997 [1969], pp. 66-69) estabelece uma distinção entre os espaços de análise documental-institucional (de textos jurídicos e científicos, por exemplo) e os espaços de análise não-institucional. Mostra que, no caso da análise documental, as classes de equivalência são definidas *a priori* pela própria norma institucional, enquanto que, na análise não-institucional, ao menos naquela pela qual o estruturalismo pretendia analisar um mito, pressupunha-se uma harmonia entre o produtor do mito e o seu analista¹⁴ (análoga à harmonia pressuposta entre o gramático e o falante de um língua) – e temos assim duas vias distintas que conduzem ao problema da circularidade, da reduplicação das interpretações: uma objetivista, institucional e técnica; outra subjetivista, cultural e erudita.

Essa mesma distinção entre espaços diferenciais de análise (com seus respectivos vícios e circularidades: pesquisador-instituição; pesquisador-objeto) aparecerá no par cultura científica/cultura literária em *Ler o Arquivo hoje* (PÊCHEUX, 2010 [1982]). A primeira cultura, ou tradição, é apresentada como “esse enorme trabalho anônimo, fastidioso, mas necessário, através do qual os aparelhos do poder de nossas sociedades gerem a memória coletiva” – e, podemos acrescentar, para além da gestão da memória, a atualização das máquinas-de-saber dos espaços administrativos e tecnológicos. É claro que aí existe leitura e interpretação, mas sob as exigências de um “apagamento de si na prática silenciosa de uma leitura consagrada ao serviço de uma Igreja, de um rei, de um Estado, ou de uma empresa” (PÊCHEUX, 2010 [1982], p. 52). Vemos assim que isso que Pêcheux designa por **cultura científica** não se restringe, de modo algum, à cultura dos cientistas.

Ao apresentar a **cultura literária** – dos historiadores, filósofos, escritores etc., dados a leituras “singulares” e “solitárias” – Pêcheux retoma um tema que havia explorado em 1966, a **divisão social do trabalho de leitura** – antes designado apenas como **divisão social do trabalho intelectual**, e agora incorporando este. E sublinha o caráter de dominação política dessa divisão: a alguns é dado o direito de produzir leituras originais, “interpretações”,

¹⁴ Aqui Pêcheux (1997 [1969], p. 67) cita o próprio Lévi-Strauss em sua ambição de “querer imitar o movimento espontâneo do pensamento mítico”.

enquanto a outros, resta a tarefa subalterna de preparar e de sustentar, mediante gestos anônimos de tratamento “literal” dos documentos, as ditas “interpretações” (PÊCHEUX, 2010 [1982], p. 52-53).

Como teórico comunista¹⁵, Pêcheux criticava, por meio das práticas de leitura de literatos-gestores e cientistas-gerentes, a própria divisão social do trabalho em uma sociedade de classes. Obviamente tem-se aí também um modo próprio de pensar e fazer ciência, qual seja de modo crítico, transdisciplinar, coletivo e responsável. Como afirma o seu parceiro intelectual e amigo Paul Henry, em referência aos textos publicados por Pêcheux na década de sessenta, havia “uma estratégia cuidadosamente deliberada” naqueles textos, para poder falar diferentemente a filósofos e a especialistas das ciências sociais:

Pêcheux é consciente da divisão e da especialização do trabalho intelectual (ao mesmo tempo em que a deplora); ele sabe que um filósofo não é um psicólogo experimentalista e que, inversamente, um psicólogo experimentalista também não é um filósofo. Daí sua estratégia (HENRY, 1990, pp. 19-20).

Uma estratégia, acrescento, que jamais se prestou a promover ecletismos, bricolagens teóricas ou comunidades de pesquisadores que, harmoniosamente, se complementariam uns aos outros. Na sua grande obra teórica, *Semântica e Discurso*, Pêcheux logo no início apresenta a necessidade de “colocar em presença a Linguística e a Filosofia, a falar de Linguística e de Filosofia, a falar de Linguística em Filosofia e de Filosofia em Linguística”, visando falar para linguistas e filósofos, em prioridade, e para isso promovendo desvios para que uns se habituassem com os outros (PÊCHEUX, 1997 [1975], p. 21). E no texto de 1982, em que aborda as duas grandes tradições de leitura, a dos literatos e a dos cientistas, Pêcheux novamente se dirige de forma explícita aos dois campos, falando no **entremeio** de ambos, reivindicando o fim do “divórcio cultural” que favorecia a exploração política de ambos, propondo que se pusesse em questão a **leitura do arquivo**:

É, em particular, dizer aos “literatos”: vocês acreditam poder ficar assim à distância da adversidade que ameaça historicamente a memória e o pensamento? Acreditam poder ficar tanto tempo ainda protegidos, na casa do seu mundo de arquivo particular?

¹⁵ Em meio a muitos outros, como Jean Dubois, Françoise Gadet, Michel Plon, Paul Henry, Régine Robin, Jacques Guilhaumou, Denise Maldidier, Jean-Baptiste Macellesi, Jean-Claude Gardin, Louis Guespin, Jean-Claude Milner,...

E é também dizer aos “cientistas”: vocês, a quem chamam de fabricantes-utilizadores de instrumentos, vocês acreditam poder ainda por muito tempo escapar à questão de saber para que vocês servem e quem os utiliza? (PÊCHEUX, 2010 [1982], p. 56).

E reencontramos assim as críticas iniciadas em 1969 e desenvolvidas anos a fio, da leitura subjetivista e da leitura objetivista, daquela que supostamente atravessa a materialidade do texto, tomada como linguisticamente transparente, e da outra que trata a língua como uma materialidade qualquer, denegando-a por meio das ilusões de uma metalinguagem universal (PÊCHEUX, 2010 [1982], pp. 56-57). Essa divisão foi apresentada por Pêcheux de diversas formas – como, por exemplo, a divisão que se estabelece entre a retórica e a lógica (PÊCHEUX, 1997 [1975]) –, ao passo que lhe coube teorizar insistentemente sobre o lugar fundamental e constitutivo da língua no seu funcionamento, e, mais especificamente, sobre as “condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos,...) em uma conjuntura histórica dada” (PÊCHEUX, 2011 [1984], pp. 151-152). Olhem com seriedade para a língua e para a história, alerta Michel Pêcheux. Mas olhem conjuntamente, já que apenas um olhar para um ou para outro não nos livrará dos recalques, das circularidades e dos narcisismos teóricos, e nesse momento ele dirige o apelo para o seu próprio quintal:

Compreendida entre o real da língua e o real da história, a Análise do Discurso não pode ceder nem para um, nem para o outro sem cair imediatamente na pior das complacências narcísicas.

Seria estranho que os analistas do discurso fossem os últimos a saber da conjunção existente entre a cegueira quanto à história e a surdez quanto à língua que diz respeito a seus objetos e a suas práticas (PÊCHEUX, 2009 [1981], p. 26).

O espaço em que as ciências se desenvolvem não está acima das demandas/comandas sociopolíticas e nem livre da “contaminação” pela matéria e da injunção à interpretação. Não há trabalho científico alheio às coisas-a-saber que, insidiosamente ou não, buscam inscrever e delimitar as suas práticas e descobertas nos espaços e propósitos de gestão-controle administrativo. Daí a importância de não se recalcar, enquanto fonte de absurdos ou proibições, a memória e seus preenchimentos/capturas na forma de interdiscurso, entendido enquanto “corpus sócio-histórico de traços discursivos” (PÊCHEUX, 2011 [1982]), o que imediatamente e conjuntamente nos conduz para a ordem equívoca da língua, que permite tais inscrições (reinscrições) de memória de modo opaco.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Sobre a reprodução*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 [1970].
- _____. *O futuro dura muito tempo: os fatos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- GUILHAUMOU, Jacques e MALDIDIER, Denise. Análise do discurso na França: a configuração metodológica inicial. Tradução de Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. In: PIOVEZANI & SARGENTINI (orgs.) *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011 [1984], pp. 95-98.
- HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução de Maria Fausta P. de Castro. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1992 [1977].
- _____. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). Tradução de Bethania Mariani. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1990, pp. 13-38.
- HERBERT, Thomas. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. Tradução de Mariza Vieira da Silva e Laura Parisi. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso – Michel Pêcheux*. Textos selecionados por Eni Orlandi. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2011 [1966], pp. 21-54.
- LAGAZZI, Suzy. A negação no discurso político eleitoral: impossibilidade e inaceitabilidade. In: INDURSKY & LEANDRO FERREIRA (orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999, pp. 122-130.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1993 [1846].
- ORLANDI, Eni. *Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. Tradução de Eni P. Orlandi. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, [1969] 1997, pp. 61-161.
- _____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. 3ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997 [1975].
- _____. Remontemos de Foucault a Spinoza. In: TOLEDO, Monforte (org.). *El discurso político*. México: Nueva Imagen, 1980, p. 181-200. Tradução de Mª do Rosário Gregolin. Xerox. 1977
- _____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. Tradução de Eni Orlandi [et al.]. In: *Semântica e Discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997 [1978], pp. 293-307.
- _____. O estranho espelho da Análise do Discurso (Prefácio). COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009 [1981], pp. 21-26.

- _____. Ler o arquivo hoje. Tradução de Maria das Graças L. M. do Amaral. In: ORLANDI, Eni. (org.) *Gestos de leitura na história do discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1982].
- _____. Leitura e Memória: projeto de pesquisa. Tradução de Tania Conceição Clemente de Souza. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso – Michel Pécheux*. Textos selecionados por Eni Orlandi. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2011 [1982], pp. 141-150.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2008 [1983].
- _____. Metáfora e Interdiscurso. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso – Michel Pécheux*. Textos selecionados por Eni Orlandi. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2011 [1984], pp. 151-161.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010 [1985].

Recebido em: 15 de junho de 2015.

Aceito em: 25 de julho de 2015.

trabalhador deve buscar toda a ajuda possível, dentro ou fora da empresa, de preferência especializada.

A incisa final, “de preferência especializada”, tanto na dimensão vertical do interdiscurso sobre “ajuda especializada” quanto na dimensão horizontal do intradiscorso da matéria (costurada por declarações de especialistas em RH e psicologia), interdita a interpretação de que o trabalhador deva procurar o seu sindicato para lidar com o fato e as consequências de “a maneira como trabalhamos hoje” – formulação que universaliza, homogeneiza, indiferencia e naturaliza algumas das modalidades mais intensas de exploração dos trabalhadores, como a terceirização. O fechamento da matéria com o box **Como melhorar o clima no trabalho**, com quatro dicas para aperfeiçoar os processos interativos dentro da empresa¹⁰, é a cereja do bolo que nos aponta para o fenômeno de “aparentemente transformar a comanda social, com o único fim de melhor cumpri-la”. Entre corrigir o comportamento empírico dos homens concretos e tornar real o mundo dos sujeitos morais, entre a factualidade das disfunções da exploração intensificada e o dever da otimização e da transparência das relações de subordinação à “maneira como trabalhamos hoje”, alguns saberes socialmente legitimados prestam-se a servir, enquanto técnicas, para melhor contornar e cumprir a comanda social, as exterioridades que determinam as práticas e produzem os seus sintomas, não as tomando jamais em discussão.

AS CIÊNCIAS E O RECALQUE DAS INTERPRETAÇÕES

Dezessete anos após a publicação de seu primeiro artigo, Michel Pêcheux (2008 [1983]) radicaliza sua crítica às ciências que, mais do que recalcar suas demandas políticas, recalcam suas próprias interpretações e o fato de interpretarem – podemos dizer que, por essa via, recalcam a sua prática política? O filósofo francês fala de um grande número de técnicas materiais que buscam

[...] encontrar, com ou sem a ajuda das ciências da natureza, os meios de obter um resultado que tire partido da forma a mais radical possível (isto é, levando em conta a esgotabilidade da natureza¹¹) dos processos naturais, para instrumentalizá-los, dirigi-los em direção aos efeitos procurados (PÊCHEUX, 2008 [1983], p. 30).

10 Coloque-se no lugar do outro; Ouça com atenção; Tome a dianteira; Atenção com a linguagem corporal.

11 E, podemos acrescentar aqui, explorando sua ambivalência, a esgotabilidade dos recursos humanos, em referência ao que dissemos acima da comanda referente à exploração dos trabalhadores.

Acrescenta que, ao lado dessas técnicas materiais, têm-se as muitas “técnicas” de gestão social dos indivíduos, no interior de um espaço administrativo (jurídico, econômico e político) que opera sobre as **aparências** – destaco aqui o termo de Pêcheux, que também surge como “falsa aparência” e “necessidade (desejo) de aparência” – da coerção lógica disjuntiva, do **isso ou aquilo**, do **verdadeiro ou falso**. Afinal, pode-se ou não estar trabalhando e estar desempregado? Estar ao mesmo tempo casado e solteiro? Ser tanto civil como militar? Estar de licença médica e (co)pilotar um avião com 150 passageiros? Para um conjunto vasto de “especialistas e responsáveis de diversas ordens” simulam-se espaços discursivos logicamente estabilizados, organizados por disjuntivas, por meio dos quais todo sujeito falante sabe do que está falando, de modo transparente, e em que medida tais questões se apresentam como absurdas – ou **proibidas**, no caso das tecnologias de gestão administrativa ou “tecnologias sociais” (PÊCHEUX, 2008 [1983], pp. 62-63). No entanto, essa aparente homogeneidade lógica é atravessada por uma série de equívocos que “cobrem”¹² todos esses domínios das ciências exatas, das tecnologias e das administrações (PÊCHEUX, 2008 [1983], pp. 31-32).

Pêcheux tem o cuidado de mostrar que esses espaços discursivos logicamente estabilizados não são impostos do exterior – “apenas pelo poder dos cientistas, dos especialistas e responsáveis administrativos” – como coerções aos sujeitos pragmáticos (cada um de nós face às diversas urgências da vida). Trata-se mesmo de uma demanda, uma necessidade universal em torno de um “mundo semanticamente normal” (normatizado)¹³, o que não implica de modo algum em desconsiderar a sua relação umbilical com o Estado. É o caso de, seguindo as contribuições teóricas de Gramsci e Althusser (e de Foucault), considerar a presença invisível e positiva do Estado (e dos “poderes”) no cotidiano:

[...] esta necessidade de fronteiras coincide com a construção de laços de dependência face às múltiplas coisas-a-saber, consideradas como reservas de conhecimento acumuladas, máquinas-de-saber contra as ameaças de toda espécie: o Estado e as instituições funcionam o mais frequentemente – pelo menos em nossa sociedade – como polos privilegiados de resposta a esta necessidade ou a essa demanda (PÊCHEUX, 2008 [1983], p. 34).

¹² Ou **suturam**? Ou anulam uma falha, ao produzi-la?

¹³ Será o caso de se trazer aqui a figura da Ideologia em Althusser, com “i” maiúsculo?

De que modo as ciências sociais – mesmo aquelas ausentes da estante de livros do escritório da Talento RH – simulam a homogeneidade lógica que recalca a injunção à interpretação e à prática política? De que modo as análises estruturais e estruturalizantes, que vislumbram uma estabilidade discursiva própria das ciências da natureza e não se reconhecem por nada nas administrações, também cedem às circularidades? Já no texto de sua tese de terceiro ciclo (equivalente no Brasil ao doutorado), *Análise Automática do Discurso*, Michel Pêcheux (1997 [1969], pp. 66-69) estabelece uma distinção entre os espaços de análise documental-institucional (de textos jurídicos e científicos, por exemplo) e os espaços de análise não-institucional. Mostra que, no caso da análise documental, as classes de equivalência são definidas *a priori* pela própria norma institucional, enquanto que, na análise não-institucional, ao menos naquela pela qual o estruturalismo pretendia analisar um mito, pressupunha-se uma harmonia entre o produtor do mito e o seu analista¹⁴ (análoga à harmonia pressuposta entre o gramático e o falante de um língua) – e temos assim duas vias distintas que conduzem ao problema da circularidade, da reduplicação das interpretações: uma objetivista, institucional e técnica; outra subjetivista, cultural e erudita.

Essa mesma distinção entre espaços diferenciais de análise (com seus respectivos vícios e circularidades: pesquisador-instituição; pesquisador-objeto) aparecerá no par cultura científica/cultura literária em *Ler o Arquivo hoje* (PÊCHEUX, 2010 [1982]). A primeira cultura, ou tradição, é apresentada como “esse enorme trabalho anônimo, fastidioso, mas necessário, através do qual os aparelhos do poder de nossas sociedades gerem a memória coletiva” – e, podemos acrescentar, para além da gestão da memória, a atualização das máquinas-de-saber dos espaços administrativos e tecnológicos. É claro que aí existe leitura e interpretação, mas sob as exigências de um “apagamento de si na prática silenciosa de uma leitura consagrada ao serviço de uma Igreja, de um rei, de um Estado, ou de uma empresa” (PÊCHEUX, 2010 [1982], p. 52). Vemos assim que isso que Pêcheux designa por **cultura científica** não se restringe, de modo algum, à cultura dos cientistas.

Ao apresentar a **cultura literária** – dos historiadores, filósofos, escritores etc., dados a leituras “singulares” e “solitárias” – Pêcheux retoma um tema que havia explorado em 1966, a **divisão social do trabalho de leitura** – antes designado apenas como **divisão social do trabalho intelectual**, e agora incorporando este. E sublinha o caráter de dominação política dessa divisão: a alguns é dado o direito de produzir leituras originais, “interpretações”,

¹⁴ Aqui Pêcheux (1997 [1969], p. 67) cita o próprio Lévi-Strauss em sua ambição de “querer imitar o movimento espontâneo do pensamento mítico”.

enquanto a outros, resta a tarefa subalterna de preparar e de sustentar, mediante gestos anônimos de tratamento “literal” dos documentos, as ditas “interpretações” (PÊCHEUX, 2010 [1982], p. 52-53).

Como teórico comunista¹⁵, Pêcheux criticava, por meio das práticas de leitura de literatos-gestores e cientistas-gerentes, a própria divisão social do trabalho em uma sociedade de classes. Obviamente tem-se aí também um modo próprio de pensar e fazer ciência, qual seja de modo crítico, transdisciplinar, coletivo e responsável. Como afirma o seu parceiro intelectual e amigo Paul Henry, em referência aos textos publicados por Pêcheux na década de sessenta, havia “uma estratégia cuidadosamente deliberada” naqueles textos, para poder falar diferentemente a filósofos e a especialistas das ciências sociais:

Pêcheux é consciente da divisão e da especialização do trabalho intelectual (ao mesmo tempo em que a deplora); ele sabe que um filósofo não é um psicólogo experimentalista e que, inversamente, um psicólogo experimentalista também não é um filósofo. Daí sua estratégia (HENRY, 1990, pp. 19-20).

Uma estratégia, acrescento, que jamais se prestou a promover ecletismos, bricolagens teóricas ou comunidades de pesquisadores que, harmoniosamente, se complementariam uns aos outros. Na sua grande obra teórica, *Semântica e Discurso*, Pêcheux logo no início apresenta a necessidade de “colocar em presença a Linguística e a Filosofia, a falar de Linguística e de Filosofia, a falar de Linguística em Filosofia e de Filosofia em Linguística”, visando falar para linguistas e filósofos, em prioridade, e para isso promovendo desvios para que uns se habituassem com os outros (PÊCHEUX, 1997 [1975], p. 21). E no texto de 1982, em que aborda as duas grandes tradições de leitura, a dos literatos e a dos cientistas, Pêcheux novamente se dirige de forma explícita aos dois campos, falando no **entremeio** de ambos, reivindicando o fim do “divórcio cultural” que favorecia a exploração política de ambos, propondo que se pusesse em questão a **leitura do arquivo**:

É, em particular, dizer aos “literatos”: vocês acreditam poder ficar assim à distância da adversidade que ameaça historicamente a memória e o pensamento? Acreditam poder ficar tanto tempo ainda protegidos, na casa do seu mundo de arquivo particular?

¹⁵ Em meio a muitos outros, como Jean Dubois, Françoise Gadet, Michel Plon, Paul Henry, Régine Robin, Jacques Guilhaumou, Denise Maldidier, Jean-Baptiste Macellesi, Jean-Claude Gardin, Louis Guespin, Jean-Claude Milner,...

E é também dizer aos “cientistas”: vocês, a quem chamam de fabricantes-utilizadores de instrumentos, vocês acreditam poder ainda por muito tempo escapar à questão de saber para que vocês servem e quem os utiliza? (PÊCHEUX, 2010 [1982], p. 56).

E reencontramos assim as críticas iniciadas em 1969 e desenvolvidas anos a fio, da leitura subjetivista e da leitura objetivista, daquela que supostamente atravessa a materialidade do texto, tomada como linguisticamente transparente, e da outra que trata a língua como uma materialidade qualquer, denegando-a por meio das ilusões de uma metalinguagem universal (PÊCHEUX, 2010 [1982], pp. 56-57). Essa divisão foi apresentada por Pêcheux de diversas formas – como, por exemplo, a divisão que se estabelece entre a retórica e a lógica (PÊCHEUX, 1997 [1975]) –, ao passo que lhe coube teorizar insistentemente sobre o lugar fundamental e constitutivo da língua no seu funcionamento, e, mais especificamente, sobre as “condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos,...) em uma conjuntura histórica dada” (PÊCHEUX, 2011 [1984], pp. 151-152). Olhem com seriedade para a língua e para a história, alerta Michel Pêcheux. Mas olhem conjuntamente, já que apenas um olhar para um ou para outro não nos livrará dos recalques, das circularidades e dos narcisismos teóricos, e nesse momento ele dirige o apelo para o seu próprio quintal:

Compreendida entre o real da língua e o real da história, a Análise do Discurso não pode ceder nem para um, nem para o outro sem cair imediatamente na pior das complacências narcísicas.

Seria estranho que os analistas do discurso fossem os últimos a saber da conjunção existente entre a cegueira quanto à história e a surdez quanto à língua que diz respeito a seus objetos e a suas práticas (PÊCHEUX, 2009 [1981], p. 26).

O espaço em que as ciências se desenvolvem não está acima das demandas/comandas sociopolíticas e nem livre da “contaminação” pela matéria e da injunção à interpretação. Não há trabalho científico alheio às coisas-a-saber que, insidiosamente ou não, buscam inscrever e delimitar as suas práticas e descobertas nos espaços e propósitos de gestão-controle administrativo. Daí a importância de não se recalcar, enquanto fonte de absurdos ou proibições, a memória e seus preenchimentos/capturas na forma de interdiscurso, entendido enquanto “corpus sócio-histórico de traços discursivos” (PÊCHEUX, 2011 [1982]), o que imediatamente e conjuntamente nos conduz para a ordem equívoca da língua, que permite tais inscrições (reinscrições) de memória de modo opaco.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Sobre a reprodução*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 [1970].
- _____. *O futuro dura muito tempo: os fatos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- GUILHAUMOU, Jacques e MALDIDIER, Denise. Análise do discurso na França: a configuração metodológica inicial. Tradução de Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. In: PIOVEZANI & SARGENTINI (orgs.) *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011 [1984], pp. 95-98.
- HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução de Maria Fausta P. de Castro. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1992 [1977].
- _____. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). Tradução de Bethania Mariani. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1990, pp. 13-38.
- HERBERT, Thomas. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. Tradução de Mariza Vieira da Silva e Laura Parisi. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso – Michel Pêcheux*. Textos selecionados por Eni Orlandi. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2011 [1966], pp. 21-54.
- LAGAZZI, Suzy. A negação no discurso político eleitoral: impossibilidade e inaceitabilidade. In: INDURSKY & LEANDRO FERREIRA (orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999, pp. 122-130.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1993 [1846].
- ORLANDI, Eni. *Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. Tradução de Eni P. Orlandi. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, [1969] 1997, pp. 61-161.
- _____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. 3ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997 [1975].
- _____. Remontemos de Foucault a Spinoza. In: TOLEDO, Monforte (org.). *El discurso político*. México: Nueva Imagen, 1980, p. 181-200. Tradução de Mª do Rosário Gregolin. Xerox. 1977
- _____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. Tradução de Eni Orlandi [et al.]. In: *Semântica e Discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997 [1978], pp. 293-307.
- _____. O estranho espelho da Análise do Discurso (Prefácio). COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009 [1981], pp. 21-26.

- _____. Ler o arquivo hoje. Tradução de Maria das Graças L. M. do Amaral. In: ORLANDI, Eni. (org.) *Gestos de leitura na história do discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1982].
- _____. Leitura e Memória: projeto de pesquisa. Tradução de Tania Conceição Clemente de Souza. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso – Michel Pécheux*. Textos selecionados por Eni Orlandi. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2011 [1982], pp. 141-150.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2008 [1983].
- _____. Metáfora e Interdiscurso. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso – Michel Pécheux*. Textos selecionados por Eni Orlandi. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2011 [1984], pp. 151-161.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010 [1985].

Recebido em: 15 de junho de 2015.

Aceito em: 25 de julho de 2015.

TABULEIRO DE LETRAS

Práticas translíngues: o repertório linguístico do sujeito bilíngue no século XXI

Translingual practices: the bilinguals' linguistic repertoire in the 21st century

Antonieta Heyden Megale¹
Helena Regina Esteves de Camargo²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir a noção de bilinguismo e de sujeito bilíngue, a partir de uma visão de língua heteroglóssica, relacionada às experiências identitárias e às práticas linguísticas de sujeitos em sua condição bilíngue no século XXI (GARCÍA, 2009; BUSCH, 2012). Para tanto, analisamos uma entrevista com um adolescente bilíngue, cuja família possui membros nos EUA e no Brasil. Com base nessa entrevista, selecionamos excertos que evidenciam uma concepção de bilinguismo monoglóssica por parte do entrevistado, ao mesmo tempo em que demonstram a impossibilidade de separação de suas línguas, o que resulta em sua prática translíngue (GARCÍA, 2009; CANAGARAJAH, 2011; 2013).

Palavras-chave: Bilinguismo; Prática translíngues; Repertório bilíngue.

ABSTRACT: This article aims at discussing the concept of bilingualism and bilingual individual from a heteroglossic vision of language, related to the identity experiences and linguistic practices of individuals in their bilingual condition in the 21st century (GARCÍA, 2009; BUSCH, 2012). Therefore, we analyzed an interview with a bilingual teenager, whose family has members in the USA and in Brazil. From this interview, we selected excerpts that point to a monoglossic concept of bilingualism by the interviewee and demonstrate the impossibility of separating his languages, which results in his translingual practice (GARCÍA, 2009; CANAGARAJAH, 2011; 2013).

Keywords: Bilingualism; Translingual practice; Bilingual repertoire.

1. INTRODUÇÃO

Blommaert (2010) enfatiza que se faz necessária a atualização da área de estudos sociolinguísticos na era da globalização. Para tanto, se faz premente a implementação de novas ideologias que entendam a linguagem como um conjunto de práticas perpetuamente móveis no tempo e no espaço.

¹Doutoranda do programa de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. antonietahyden@hotmail.com

²Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. helcamargo@yahoo.com.br

A seguir, selecionamos alguns excertos que nos possibilitaram discutir e analisar o repertório linguístico de Fabiano, a partir da concepção de translinguismo, discutida em nosso referencial teórico.

4.2 Práticas translíngues

Como discutido na primeira seção, intitulada “Práticas Bilíngues”, translinguismo é uma perspectiva de práticas linguísticas que engloba a dinâmica das interações entre línguas e comunidades, em vez de conceber as línguas como sistemas independentes, separados. Esse deslocamento, de uma abordagem que compreendia língua como um sistema demarcado, para outra que reconhece a fluidez e a criatividade presentes nas práticas linguísticas, ajuda-nos a elucidar nosso entendimento sobre bilinguismo.

O primeiro excerto selecionado foi gerado a partir da dúvida da entrevistadora quanto a uma palavra criada por Fabiano e seus amigos, o *subnick*. Essa palavra havia aparecido em seu diário quando Fabiano descreveu uma publicação feita em seu perfil naquele dia, a de que ele havia trocado seu *subnick*. Essa criação de palavra mostra claramente a interação entre recursos linguísticos e semióticos, ou seja, as línguas faladas por Fabiano, português e inglês, e a visualização da posição em que se encontra o *subnick* na tela do Blackberry.

Entrevistadora: What’s a subnick?⁶

Fabiano: It’s a kind of message that is in your profile... because your profile has a picture, your name, your status and your subnick. We call it subnick, like, me and my friends. We call it subnick because we say our name is the nick. So this subnick is under the name. So it’s like a subnick. But it’s a message. In Portuguese it would be **mensagem pessoal** because, if you go to the BBM in the Blackberry, it will be **mensagem pessoal**. It’s a thing you wanna write. You write it, and it stays in your profile⁷.

Entrevistadora: Ok. So it’s not an **apelido**⁸

Fabiano: No⁹.

⁶Entrevistadora: O que é um subnick?

⁷É um tipo de mensagem que vai no seu perfil... porque seu perfil tem uma foto, seu nome, seu status e seu subnick. Nós chamamos de subnick, tipo, eu e meus amigos. Nós chamamos de subnick porque dizemos que nosso nome é o nick. Então esse subnick está abaixo do nome. Então é tipo um subnick. Mas é uma mensagem pessoal porque, se você for ao BBM no Blackberry, vai ser mensagem pessoal. É uma coisa que você queira escrever. Você escreve e fica no seu perfil.

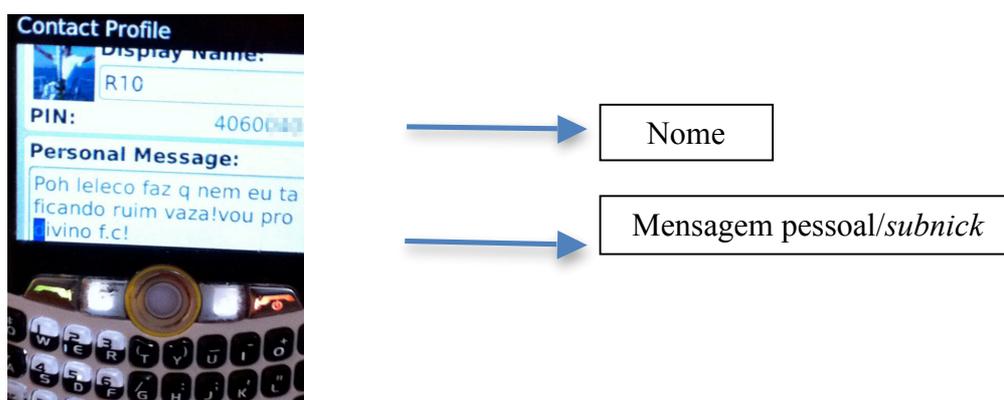
⁸Está bem. Então, não é um apelido.

⁹ Não

Para formar a palavra *subnick*, Fabiano parte do sintagma *nick*, forma abreviada da palavra *nickname*, que significa apelido. Em seguida, por causa da localização dessa mensagem pessoal em relação ao campo do nome, que pode também ser um apelido, Fabiano adiciona o prefixo *sub*, parte do léxico tanto do português quanto do inglês, indicando que a mensagem pessoal encontra-se abaixo do nome, conforme exemplificado a seguir:

Figura 1 – Tela do *BBM* no *Blackberry*

Fonte: Blog do Leo Dias¹⁰



Notamos que, em interação com seus amigos usuários do *BBM*, Fabiano não recorre a uma tradução direta da frase *mensagem pessoal* para *personalmessage*, o que seria um recurso referente a uma visão monoglóssica de língua, segundo a qual os significados seriam simplesmente transferidos de um sistema linguístico para o outro de maneira equivalente. Em vez disso, Fabiano cria uma palavra nova e estende os significados separados de mensagem pessoal e de *subnick* para mensagem localizada abaixo do nome. Percebemos, portanto, uma fusão dos códigos linguísticos e semióticos que resultaram na criação de um significado relevante e de uma nova indexicalidade. Desse modo, podemos dizer que Fabiano translingua. Percebemos, conforme proposto por Canagarajah (2013), que as línguas de Fabiano não são mantidas em compartimentos cognitivos separados, cada qual com seu tipo de competência e sua associação a diferentes grupos linguísticos. Sob a ótica do translinguismo, além dos recursos linguísticos, “os recursos semióticos do repertório ou da sociedade de um indivíduo interagem, formam parte de um recurso integrado e ampliam um ao outro”

¹⁰Disponível em: <http://blogs.odia.ig.com.br/leodias/2012/06/01/ronaldinho-gaicho-diz-que-vai-para-o-divino-futebol-club/>. Acesso em: 08 maio 2015.

(CANAGARAJAH, 2013, p. 8). Ao passarem por esse processo, as línguas se misturam de maneira transformadora, gerando novos sentidos e novas gramáticas.

Por fim, vale apontar que Fabiano cria o *subnick* com seus amigos para suprir uma possível falta de significado da frase *mensagem pessoal* no contexto de trocas de mensagens de texto pelo *BBM*. Para aquela determinada situação, em interações com outros usuários do *BBM*, a palavra *subnick* é negociada para melhor atender aos propósitos comunicativos do grupo.

No excerto a seguir, Fabiano explica que, apesar de o inglês não ser a língua falada em casa, há ocasiões em que ele é necessário, como quando há termos em inglês sem equivalência em português ou quando o pai intenciona causar humor:

Fabiano: In my house, like, my dad, my mom or brother, we don't speak English. Sometimes some terms, you know, like, I don't know, sometimes some terms that don't exist in Portuguese. Sometimes my dad, he plays with me, like, he puts in the **novela**, for fun, he doesn't like it, me neither, and there's a phrase in Portuguese really **cafona**, and he translates to English...¹¹

Em contextos bilíngues, no qual translinguar é a norma, muitas vezes, podemos perceber um aspecto transcultural dos bilíngues, pois pode haver uma relação entre suas práticas linguísticas e uma identidade de grupo. É possível que falar duas línguas signifique pertencer a duas ou mais comunidades linguísticas e, por consequência, estar vinculado a mais de uma cultura. Por outro lado, embora o sujeito seja bilíngue, também é possível que ele pertença e atue dentro de uma cultura principal, como Fabiano e sua família, que residem no Brasil. O translinguismo, além de refletir uma quantidade maior de escolhas e de expressões do que um monolíngue poderia transmitir, também transmite conhecimento cultural combinado que vem a afetar o uso da língua (GARCÍA, 2009, p. 47).

Nesse sentido, a menção à novela é significativa. Fabiano recorre à palavra novela de seu repertório. Uma possível explicação para sua escolha é o fato de essa palavra ser a mais presente em seu cotidiano, uma vez que Fabiano é brasileiro, residente em São Paulo e atua, principalmente, dentro da cultura brasileira, da qual as novelas são parte integrante. Novela é uma tradição da programação televisiva brasileira e tem aspectos únicos e diferentes das novelas de outros países (menor duração, transmissão de segunda a sábado, poucos personagens centrais, para citar alguns). Levando-se em conta que Fabiano não assiste a

¹¹Na minha casa, tipo, meu pai, minha mãe ou irmão, nós não falamos inglês. Às vezes, alguns termos, sabe, tipo, sei lá, às vezes, alguns termos que não existem em português. Às vezes, meu pai, ele brinca comigo, tipo, ele coloca na novela, por diversão, ele não gosta, eu também não, e tem uma frase em português muito cafona, e ele traduz para o inglês.

novelas em inglês, seria pouco provável que ele recorresse a qualquer outra opção presente em seu repertório linguístico para significar novela, algo tão presente em sua cultura brasileira.

Fabiano menciona que seu pai coloca na novela apenas por diversão, para exercitar o humor, pois não gosta delas. Ainda que Fabiano diga que também não gosta de novelas, ele assiste com seu pai de vez em quando; portanto, podemos deduzir que assistir a novelas seja uma prática da família. A prática de assistir a novelas somada ao recurso à palavra novela de seu repertório ressaltariam o pertencimento de Fabiano à cultura brasileira e exemplificariam como o translinguismo pode exprimir conhecimento cultural que afeta a língua.

Outro componente cultural relevante no excerto citado é o humor. O que é considerado engraçado varia de uma cultura para outra, uma vez que o humor é uma construção a partir das representações de mundo de uma comunidade. Para causar humor, o pai de Fabiano traduz frases cafonas em português para o inglês.

Logo no início do excerto, Fabiano declara a falta de equivalência total entre suas línguas e relata que tanto ele quanto sua família fazem uso de seus repertórios linguísticos para construir sentidos. É nesse sentido que podemos perceber uma característica marcante associada ao bilinguismo, que é a de que “o bilíngue dispõe de recursos que não estão acessíveis aos monolíngues para constituir atividades verbais socialmente significativas” (AUER 1995, apud GARCÍA, 2009, p. 48). Refutamos a ideia de que o bilíngue tenha dois repertórios linguísticos, cada qual com seu sistema estrutural e lexical, mas defendemos que ele possua um repertório constituído por línguas sem delimitação claramente definidas, um contínuo linguístico para ser acessado. Por ter um repertório diferenciado dos monolíngues, o bilíngue dispõe de mais escolhas linguísticas para a criação de sentidos. Esse repertório diferenciado também é exemplificado por Fabiano no excerto seguinte:

Fabiano: So I speak English to my teachers, to my cousins, to my family sometimes, and to my friends when like there's no other way to **expressar** yourself, you know? Like when, there's this phrase “by the way”, I just, I can't find, find like a word that can **substituir** this in Portuguese. So always when I want to say “by the way”, I say “by the way”. Sometimes people don't understand, “why did you say “by the way”?”, and I say because there's no other word to say this, you know? “By the way” is “by the way”. I think in Portuguese it would be “**aliás**”, but not for me, I think. “Bytheway” is unique¹².

¹²Então, eu falo inglês com meus professores, com minhas primas, com a minha família às vezes e com meus amigos quando, tipo, não tem nenhum outro jeito de se expressar, sabe? Tipo quando tem essa frase “bytheway”, eu digo “bytheway”. Às vezes, as pessoas não entendem, “por que você disse ‘bytheway?’”, e eu digo que é porque não tem nenhuma outra palavra em português para dizer isso, sabe? “Bytheway” é “bytheway”. Eu acho que em português seria “aliás”, mas não para mim, eu acho. “By the way” é único.

Em outro momento da entrevista, ao relatar com quem fala inglês, Fabiano menciona novamente a necessidade de recorrer ao seu repertório linguístico contínuo para construir sentidos de seu mundo bilíngue. Para ele, há vezes em que não há forma alguma de se expressar em uma única língua e que certos sentidos só podem ser passados por determinados itens do repertório e não podem ser substituídos por outros, como é o caso da expressão *bytheway*. Para Fabiano, somente *bytheway* é capaz de expressar um significado; assim, a diferença está no sentido e não nas línguas. Conforme aponta Busch (2012, p. 4),

as abordagens do translanguismo marcam um deslocamento da visão de língua que centraliza estrutura, sistema e regularidade para abordagens que reconhecem a fluidez e a criatividade nas práticas linguísticas. O foco de interesse de translanguar não está nas línguas, mas sim no discurso e no repertório e, portanto, as línguas não devem ser entendidas inquestionavelmente como categorias estáveis.

Dada a complexidade das comunidades de fala no século XXI, o translanguismo é cada vez mais uma regra do que exceção, conforme pudemos atestar a partir das análises dos excertos selecionados da entrevista concedida por Fabiano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises do discurso de Fabiano acerca de seu repertório linguístico apontam para uma discordância entre suas impressões sobre seu bilinguismo e suas práticas translíngues. Apesar de Fabiano demonstrar ter uma concepção sobre bilinguismo, que se aproxima do conceito de bilinguismo balanceado proposto por Bloomfield (1935) e Mcnamara (1967), suas práticas mostram que ele se comunica e se expressa muito bem em suas duas línguas e recorre ao seu repertório linguístico para fazer sentido de seu mundo bilíngue. O que Fabiano pensa e sente em relação à sua competência nas duas línguas é diferente de como atua com elas.

Essa distância entre o pensar sobre bilinguismo e o atuar em um mundo bilíngue, demonstrado por Fabiano, indica que, apesar dos estudos recentes, ainda perduram os modelos de bilinguismo monoglóssicos e, com eles, a concepção do falante nativo como autoridade de sua língua.

Consideramos que nossas análises das práticas translíngues de Fabiano nos leva às seguintes premissas: (i) seus idiomas fazem parte de um repertório que é acessado para fins comunicativos; (ii) suas línguas formam um sistema integrado e (iii) sua competência emerge de práticas locais em que duas línguas são negociados para a comunicação. A esse respeito, deve-se considerar o fato de que a competência bilíngue consiste em uma bi/

multicompetência com funções distintas para as línguas que formam seu repertório linguístico. Dessa forma, a competência linguística dos bilíngues deve ser centrada na construção do repertório linguístico em vez do domínio de cada língua separadamente (CANAGARAJAH, 2011).

Portanto, ousamos dizer que são necessários mais estudos que focalizem as práticas dos sujeitos bilíngues, pois a partir delas seria possível pensar modelos de ensino de línguas e modelos de educação bilíngue mais apropriados ao contexto sócio-histórico do século XXI, ou seja, modelos que entendam que as línguas utilizadas para comunicação fazem parte do repertório linguístico do sujeito. Assim, elas são parte de um sistema integrado de produção de sentido a partir de práticas sociais.

Nessa vertente, apoiados em uma visão de educação linguística crítica (MAHER, 2007a) ou uma educação linguística ampliada (CAVALCANTI, 2013), entendemos que para atuar no mundo contemporâneo, o professor deve ter conhecimentos que vão muito além dos relacionados à língua alvo. Um professor no mutante e híbrido mundo atual precisa desenvolver sua “sensibilidade à diversidade e pluralidade cultural, social e linguística” (CAVALCANTI, 2013, p. 212), a fim de entender seus alunos, não como falantes monoglóssicos deficientes, mas sim, como potentes narradores heteroglóssicos (KRAMSCH, 1995).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOMMAERT, J. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOOMFIELD, L. Linguistic aspects of science. **Philosophy of Science**.499-517. Reprinted in Hockett, 1970, pp. 307-321, 1935.

BUSCH, B. The Linguistic Repertoire Revisited. **Applied Linguistics Advance Access**, Oxford, p. 1-22, out. 2012.

CANAGARAJAH, S. Translanguaging in the classroom: Emerging issues for research and pedagogy. **Applied Linguistics Review**, 2, 1-28, 2011.

CANAGARAJAH, S. **Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations**. London and New York: Taylor & Francis Group, 2013.

CAVALCANTI, M. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. In: Moita Lopes, L.P. (org.) **Linguística Aplicada**

na **Modernidade Recente** – Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola/Cultura Inglesa, 2013, pp 211-226.

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st century: A global perspective**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GUMPERZ, J. Formal and informal standards in Hindi regional language area in C. A. Ferguson and J. Gumperz (eds): *Linguistic Diversity in South Asia*, Vol. III. RCAPF-P, pp. 92–118. **International Journal of American Linguistics**, 26/3, 1960.

GUMPERZ, J. Linguistic and social interaction in two communities, **American Anthropologist**, 66/(6/2): 137–53, 1964.

GUMPERZ, J. The speech community. In: **International Encyclopedia of the Social Sciences**, Macmillan, 381-386. Reimpresso em P. P. Giglioli, ed. (1972), *Language and social context*. Middlesex: Penguin Books, 219-231. 1968.

KRAMSCH, C. The cultural component of language teaching [Electronic Version]. *Language, Culture and Curriculum*, 1995, 8(12), 83–92. Acesso em: maio 2015. Disponível em: http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg_01_2/beitrag/kramsch2.htm

MACNAMARA, J. Bilingualism in the modern world. **Journal of social issues**, 1967.

MAHER, T. M. A Educação do Entorno para a Interculturalidade e o Plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (orgs.) **Linguística Aplicada: suas Faces e Interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007a, p.255-270.

_____, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007b, p.67-94.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, vol. 30, n.6, p. 1024-1054, nov. /2007.

Recebido em: 25 de maio de 2015.

Aceito em: 07 de julho de 2015.

A seguir, selecionamos alguns excertos que nos possibilitaram discutir e analisar o repertório linguístico de Fabiano, a partir da concepção de translinguismo, discutida em nosso referencial teórico.

4.2 Práticas translíngues

Como discutido na primeira seção, intitulada “Práticas Bilíngues”, translinguismo é uma perspectiva de práticas linguísticas que engloba a dinâmica das interações entre línguas e comunidades, em vez de conceber as línguas como sistemas independentes, separados. Esse deslocamento, de uma abordagem que compreendia língua como um sistema demarcado, para outra que reconhece a fluidez e a criatividade presentes nas práticas linguísticas, ajuda-nos a elucidar nosso entendimento sobre bilinguismo.

O primeiro excerto selecionado foi gerado a partir da dúvida da entrevistadora quanto a uma palavra criada por Fabiano e seus amigos, o *subnick*. Essa palavra havia aparecido em seu diário quando Fabiano descreveu uma publicação feita em seu perfil naquele dia, a de que ele havia trocado seu *subnick*. Essa criação de palavra mostra claramente a interação entre recursos linguísticos e semióticos, ou seja, as línguas faladas por Fabiano, português e inglês, e a visualização da posição em que se encontra o *subnick* na tela do Blackberry.

Entrevistadora: What’s a subnick?⁶

Fabiano: It’s a kind of message that is in your profile... because your profile has a picture, your name, your status and your subnick. We call it subnick, like, me and my friends. We call it subnick because we say our name is the nick. So this subnick is under the name. So it’s like a subnick. But it’s a message. In Portuguese it would be **mensagem pessoal** because, if you go to the BBM in the Blackberry, it will be **mensagem pessoal**. It’s a thing you wanna write. You write it, and it stays in your profile⁷.

Entrevistadora: Ok. So it’s not an **apelido**⁸

Fabiano: No⁹.

⁶Entrevistadora:O que é um subnick?

⁷É um tipo de mensagem que vai no seu perfil... porque seu perfil tem uma foto, seu nome, seu status e seu subnick. Nós chamamos de subnick, tipo, eu e meus amigos. Nós chamamos de subnick porque dizemos que nosso nome é o nick. Então esse subnick está abaixo do nome. Então é tipo um subnick. Mas é uma mensagem pessoal porque, se você for ao BBM no Blackberry, vai ser mensagem pessoal. É uma coisa que você queira escrever. Você escreve e fica no seu perfil.

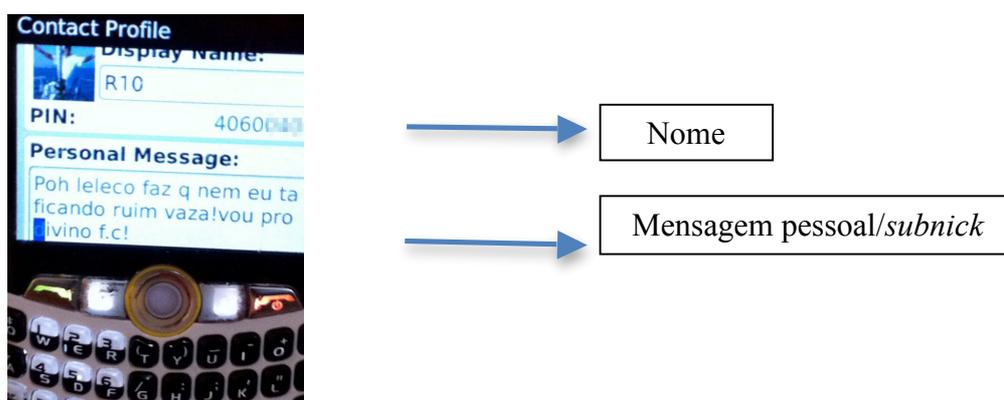
⁸Está bem. Então, não é um apelido.

⁹ Não

Para formar a palavra *subnick*, Fabiano parte do sintagma *nick*, forma abreviada da palavra *nickname*, que significa apelido. Em seguida, por causa da localização dessa mensagem pessoal em relação ao campo do nome, que pode também ser um apelido, Fabiano adiciona o prefixo *sub*, parte do léxico tanto do português quanto do inglês, indicando que a mensagem pessoal encontra-se abaixo do nome, conforme exemplificado a seguir:

Figura 1 – Tela do *BBM* no *Blackberry*

Fonte: Blog do Leo Dias¹⁰



Notamos que, em interação com seus amigos usuários do *BBM*, Fabiano não recorre a uma tradução direta da frase *mensagem pessoal* para *personalmessage*, o que seria um recurso referente a uma visão monoglóssica de língua, segundo a qual os significados seriam simplesmente transferidos de um sistema linguístico para o outro de maneira equivalente. Em vez disso, Fabiano cria uma palavra nova e estende os significados separados de mensagem pessoal e de *subnick* para mensagem localizada abaixo do nome. Percebemos, portanto, uma fusão dos códigos linguísticos e semióticos que resultaram na criação de um significado relevante e de uma nova indexicalidade. Desse modo, podemos dizer que Fabiano translingua. Percebemos, conforme proposto por Canagarajah (2013), que as línguas de Fabiano não são mantidas em compartimentos cognitivos separados, cada qual com seu tipo de competência e sua associação a diferentes grupos linguísticos. Sob a ótica do translinguismo, além dos recursos linguísticos, “os recursos semióticos do repertório ou da sociedade de um indivíduo interagem, formam parte de um recurso integrado e ampliam um ao outro”

¹⁰Disponível em: [http://blogs.odia.ig.com.br/leodias/2012/06/01/ronaldinho-gaicho-diz-que-vai-para-o-divino-futebol-clube/](http://blogs.odia.ig.com.br/leodias/2012/06/01/ronaldinho-gaicho-diz-que-vai-para-o-divino-futebol-club/). Acesso em: 08 maio 2015.

(CANAGARAJAH, 2013, p. 8). Ao passarem por esse processo, as línguas se misturam de maneira transformadora, gerando novos sentidos e novas gramáticas.

Por fim, vale apontar que Fabiano cria o *subnick* com seus amigos para suprir uma possível falta de significado da frase *mensagem pessoal* no contexto de trocas de mensagens de texto pelo *BBM*. Para aquela determinada situação, em interações com outros usuários do *BBM*, a palavra *subnick* é negociada para melhor atender aos propósitos comunicativos do grupo.

No excerto a seguir, Fabiano explica que, apesar de o inglês não ser a língua falada em casa, há ocasiões em que ele é necessário, como quando há termos em inglês sem equivalência em português ou quando o pai intenciona causar humor:

Fabiano: In my house, like, my dad, my mom or brother, we don't speak English. Sometimes some terms, you know, like, I don't know, sometimes some terms that don't exist in Portuguese. Sometimes my dad, he plays with me, like, he puts in the **novela**, for fun, he doesn't like it, me neither, and there's a phrase in Portuguese really **cafona**, and he translates to English...¹¹

Em contextos bilíngues, no qual translinguar é a norma, muitas vezes, podemos perceber um aspecto transcultural dos bilíngues, pois pode haver uma relação entre suas práticas linguísticas e uma identidade de grupo. É possível que falar duas línguas signifique pertencer a duas ou mais comunidades linguísticas e, por consequência, estar vinculado a mais de uma cultura. Por outro lado, embora o sujeito seja bilíngue, também é possível que ele pertença e atue dentro de uma cultura principal, como Fabiano e sua família, que residem no Brasil. O translinguismo, além de refletir uma quantidade maior de escolhas e de expressões do que um monolíngue poderia transmitir, também transmite conhecimento cultural combinado que vem a afetar o uso da língua (GARCÍA, 2009, p. 47).

Nesse sentido, a menção à novela é significativa. Fabiano recorre à palavra novela de seu repertório. Uma possível explicação para sua escolha é o fato de essa palavra ser a mais presente em seu cotidiano, uma vez que Fabiano é brasileiro, residente em São Paulo e atua, principalmente, dentro da cultura brasileira, da qual as novelas são parte integrante. Novela é uma tradição da programação televisiva brasileira e tem aspectos únicos e diferentes das novelas de outros países (menor duração, transmissão de segunda a sábado, poucos personagens centrais, para citar alguns). Levando-se em conta que Fabiano não assiste a

¹¹Na minha casa, tipo, meu pai, minha mãe ou irmão, nós não falamos inglês. Às vezes, alguns termos, sabe, tipo, sei lá, às vezes, alguns termos que não existem em português. Às vezes, meu pai, ele brinca comigo, tipo, ele coloca na novela, por diversão, ele não gosta, eu também não, e tem uma frase em português muito cafona, e ele traduz para o inglês.

novelas em inglês, seria pouco provável que ele recorresse a qualquer outra opção presente em seu repertório linguístico para significar novela, algo tão presente em sua cultura brasileira.

Fabiano menciona que seu pai coloca na novela apenas por diversão, para exercitar o humor, pois não gosta delas. Ainda que Fabiano diga que também não gosta de novelas, ele assiste com seu pai de vez em quando; portanto, podemos deduzir que assistir a novelas seja uma prática da família. A prática de assistir a novelas somada ao recurso à palavra novela de seu repertório ressaltariam o pertencimento de Fabiano à cultura brasileira e exemplificariam como o translinguismo pode exprimir conhecimento cultural que afeta a língua.

Outro componente cultural relevante no excerto citado é o humor. O que é considerado engraçado varia de uma cultura para outra, uma vez que o humor é uma construção a partir das representações de mundo de uma comunidade. Para causar humor, o pai de Fabiano traduz frases cafonas em português para o inglês.

Logo no início do excerto, Fabiano declara a falta de equivalência total entre suas línguas e relata que tanto ele quanto sua família fazem uso de seus repertórios linguísticos para construir sentidos. É nesse sentido que podemos perceber uma característica marcante associada ao bilinguismo, que é a de que “o bilíngue dispõe de recursos que não estão acessíveis aos monolíngues para constituir atividades verbais socialmente significativas” (AUER 1995, apud GARCÍA, 2009, p. 48). Refutamos a ideia de que o bilíngue tenha dois repertórios linguísticos, cada qual com seu sistema estrutural e lexical, mas defendemos que ele possua um repertório constituído por línguas sem delimitação claramente definidas, um contínuo linguístico para ser acessado. Por ter um repertório diferenciado do dos monolíngues, o bilíngue dispõe de mais escolhas linguísticas para a criação de sentidos. Esse repertório diferenciado também é exemplificado por Fabiano no excerto seguinte:

Fabiano: So I speak English to my teachers, to my cousins, to my family sometimes, and to my friends when like there's no other way to **expressar** yourself, you know? Like when, there's this phrase “by the way”, I just, I can't find, find like a word that can **substituir** this in Portuguese. So always when I want to say “by the way”, I say “by the way”. Sometimes people don't understand, “why did you say “by the way”?”, and I say because there's no other word to say this, you know? “By the way” is “by the way”. I think in Portuguese it would be “**aliás**”, but not for me, I think. “Bytheway” is unique¹².

¹²Então, eu falo inglês com meus professores, com minhas primas, com a minha família às vezes e com meus amigos quando, tipo, não tem nenhum outro jeito de se expressar, sabe? Tipo quando tem essa frase “bytheway”, eu digo “bytheway”. Às vezes, as pessoas não entendem, “por que você disse ‘bytheway?’”, e eu digo que é porque não tem nenhuma outra palavra em português para dizer isso, sabe? “Bytheway” é “bytheway”. Eu acho que em português seria “aliás”, mas não para mim, eu acho. “By the way” é único.

Em outro momento da entrevista, ao relatar com quem fala inglês, Fabiano menciona novamente a necessidade de recorrer ao seu repertório linguístico contínuo para construir sentidos de seu mundo bilíngue. Para ele, há vezes em que não há forma alguma de se expressar em uma única língua e que certos sentidos só podem ser passados por determinados itens do repertório e não podem ser substituídos por outros, como é o caso da expressão *bytheway*. Para Fabiano, somente *bytheway* é capaz de expressar um significado; assim, a diferença está no sentido e não nas línguas. Conforme aponta Busch (2012, p. 4),

as abordagens do translinguismo marcam um deslocamento da visão de língua que centraliza estrutura, sistema e regularidade para abordagens que reconhecem a fluidez e a criatividade nas práticas linguísticas. O foco de interesse de translinguar não está nas línguas, mas sim no discurso e no repertório e, portanto, as línguas não devem ser entendidas inquestionavelmente como categorias estáveis.

Dada a complexidade das comunidades de fala no século XXI, o translinguismo é cada vez mais uma regra do que exceção, conforme pudemos atestar a partir das análises dos excertos selecionados da entrevista concedida por Fabiano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises do discurso de Fabiano acerca de seu repertório linguístico apontam para uma discordância entre suas impressões sobre seu bilinguismo e suas práticas translíngues. Apesar de Fabiano demonstrar ter uma concepção sobre bilinguismo, que se aproxima do conceito de bilinguismo balanceado proposto por Bloomfield (1935) e Mcnamara (1967), suas práticas mostram que ele se comunica e se expressa muito bem em suas duas línguas e recorre ao seu repertório linguístico para fazer sentido de seu mundo bilíngue. O que Fabiano pensa e sente em relação à sua competência nas duas línguas é diferente de como atua com elas.

Essa distância entre o pensar sobre bilinguismo e o atuar em um mundo bilíngue, demonstrado por Fabiano, indica que, apesar dos estudos recentes, ainda perduram os modelos de bilinguismo monoglóssicos e, com eles, a concepção do falante nativo como autoridade de sua língua.

Consideramos que nossas análises das práticas translíngues de Fabiano nos leva às seguintes premissas: (i) seus idiomas fazem parte de um repertório que é acessado para fins comunicativos; (ii) suas línguas formam um sistema integrado e (iii) sua competência emerge de práticas locais em que duas línguas são negociados para a comunicação. A esse respeito, deve-se considerar o fato de que a competência bilíngue consiste em uma bi/

multicompetência com funções distintas para as línguas que formam seu repertório linguístico. Dessa forma, a competência linguística dos bilíngues deve ser centrada na construção do repertório linguístico em vez do domínio de cada língua separadamente (CANAGARAJAH, 2011).

Portanto, ousamos dizer que são necessários mais estudos que focalizem as práticas dos sujeitos bilíngues, pois a partir delas seria possível pensar modelos de ensino de línguas e modelos de educação bilíngue mais apropriados ao contexto sócio-histórico do século XXI, ou seja, modelos que entendam que as línguas utilizadas para comunicação fazem parte do repertório linguístico do sujeito. Assim, elas são parte de um sistema integrado de produção de sentido a partir de práticas sociais.

Nessa vertente, apoiados em uma visão de educação linguística crítica (MAHER, 2007a) ou uma educação linguística ampliada (CAVALCANTI, 2013), entendemos que para atuar no mundo contemporâneo, o professor deve ter conhecimentos que vão muito além dos relacionados à língua alvo. Um professor no mutante e híbrido mundo atual precisa desenvolver sua “sensibilidade à diversidade e pluralidade cultural, social e linguística” (CAVALCANTI, 2013, p. 212), a fim de entender seus alunos, não como falantes monoglóssicos deficientes, mas sim, como potentes narradores heteroglóssicos (KRAMSCH, 1995).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOMMAERT, J. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOOMFIELD, L. Linguistic aspects of science. **Philosophy of Science**.499-517. Reprinted in Hockett, 1970, pp. 307-321, 1935.

BUSCH, B. The Linguistic Repertoire Revisited. **Applied Linguistics Advance Access**, Oxford, p. 1-22, out. 2012.

CANAGARAJAH, S. Translanguaging in the classroom: Emerging issues for research and pedagogy. **Applied Linguistics Review**, 2, 1-28, 2011.

CANAGARAJAH, S. **Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations**. London and New York: Taylor & Francis Group, 2013.

CAVALCANTI, M. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. In: Moita Lopes, L.P. (org.) **Linguística Aplicada**

na **Modernidade Recente** – Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola/Cultura Inglesa, 2013, pp 211-226.

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st century: A global perspective**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GUMPERZ, J. Formal and informal standards in Hindi regional language area in C. A. Ferguson and J. Gumperz (eds): *Linguistic Diversity in South Asia*, Vol. III. RCAPF-P, pp. 92–118. **International Journal of American Linguistics**, 26/3, 1960.

GUMPERZ, J. Linguistic and social interaction in two communities, **American Anthropologist**, 66/(6/2): 137–53, 1964.

GUMPERZ, J. The speech community. In: **International Encyclopedia of the Social Sciences**, Macmillan, 381-386. Reimpresso em P. P. Giglioli, ed. (1972), *Language and social context*. Middlesex: Penguin Books, 219-231. 1968.

KRAMSCH, C. The cultural component of language teaching [Electronic Version]. *Language, Culture and Curriculum*, 1995, 8(12), 83–92. Acesso em: maio 2015. Disponível em: http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg_01_2/beitrag/kramsch2.htm

MACNAMARA, J. Bilingualism in the modern world. **Journal of social issues**, 1967.

MAHER, T. M. A Educação do Entorno para a Interculturalidade e o Plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (orgs.) **Linguística Aplicada: suas Faces e Interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007a, p.255-270.

_____, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007b, p.67-94.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, vol. 30, n.6, p. 1024-1054, nov. /2007.

Recebido em: 25 de maio de 2015.

Aceito em: 07 de julho de 2015.

TABULEIRO DE LETRAS

Experiências midiáticas e identidades culturais no *hip hop*: saberes e fazeres femininos negros

Media experiences and cultural identities in *hip hop*: knowledge and black female doings

Célia Regina da Silva¹

RESUMO: O estudo investiga a experiência de formação identitária por intermédio da apropriação tecnológica por grupo de mulheres do movimento *hip hop*. Busca-se compreender a forma com que as mulheres lidam com os mecanismos de produção de conteúdo musical, social e tecnológico. As Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) têm contribuído para a promoção de novos modelos de sociabilidade. A interatividade estabelece a quebra de barreiras entre públicos, fazendo com que receptores tornem-se sujeitos/emissores de conhecimento. A disseminação da cultura *hip hop* no contexto das periferias urbanas das cidades brasileiras trouxe à tona a cultura do gueto. Nela, mulheres jovens negras e mestiças produzem letras de música, grafites, filmes, vídeos, *blogs*, com base na vida da comunidade, nas experiências territoriais com a adesão ao estilo e à estética que as identifica como grupo cultural, geracional e étnico-racial.

Palavras-chave: Tecnologias da Comunicação e da Informação (TICs); Poesia; Identidade de Gênero e Raça; Hip-Hop, Ativismo Juvenil Midiático.

ABSTRACT: The paper investigates the identity formation experience through technological appropriation by the female *hip hop* movement. Try to understand the way women deal with the mechanisms of production of musical, social and technological content. The technologies of communication have contributed to the promotion of new models of sociability. The spread of *hip hop* culture in the context of urban peripheries of Brazilian cities raised the ghetto culture. There, the black and mestizo young women produce lyrics, graffiti, films, videos and blogs, based in the community, in the territorial experiences with adherence to the style and the aesthetic that identifies the group of women as a cultural, generational and ethnic-racial group.

1. NARRATIVA DE GINGAS

Para a maioria das mulheres do mundo, a Sociedade da Informação proporciona um espaço sem precedentes para afirmar sua cidadania e para renegociar suas relações sociais. [...] Uma tarefa básica para abordar gênero e desenvolvimento na sociedade da informação é a construção de novo discurso que não somente confronte dicotomias e hierarquias, mas que situe gênero claramente dentro dos contextos específicos, reconhecendo as realidades e aspirações múltiplas das mulheres.

(Anita Gurumurth, 2006)

From childhood, I believed that I would teach and write.

(Bell Hooks, 1994)

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB.

reconfigura esta relação: se entre os primeiros o relevo dado aos aspectos culturais sinaliza ‘acomodação’, e ‘enfraquecimento’, para os segundos é o elemento que deflagra processos de transformação pessoal e social. O diálogo se produz em função de um projeto político e ideológico específico (GOMES, 2000, p. 337).

Olívia Gomes (2000 p. 337) discorre sobre o papel da cultura e da política como agentes de mobilização do movimento social negro, na luta contra o racismo. Empreende reflexão sobre os modelos de atuação presentes nos primeiros grupos organizados, ainda na Ditadura Militar, com aqueles surgidos na década de 90 do século

XX. A autora confronta os modelos de discursos presentes nos círculos acadêmicos com aqueles da militância política, as duas categorias de ação organizativa. De um lado, observam-se organizações sociais negras com estratégias galgadas na ‘política racial’; do outro, as organizações antecessoras, que em pleno regime militar, tinham como foco a utilização da “cultura” para mobilizar, conscientizar e politizar a população negra pobre e moradora das periferias.

A partir da análise de um grupo cultural, o Vissungo, a autora salienta sobre as estratégias utilizadas e que se mostram eficazes na aproximação com públicos de perfis socioeconômicos diversificados: “tais propostas tinham como objetivo reconfigurar experiências culturais e recreativas populares tradicionais dentro de discurso preponderantemente étnico e político” (GOMES, 2000, p. 334).

Com o surgimento do movimento social negro na década de 1970, tem início um processo de valorização das expressões culturais de matrizes africanas. Até então, as manifestações culturais negras, como as escolas de samba, candomblé e umbanda, são consideradas símbolos da identidade nacional, e não procedentes de determinada identidade racial. Essa mudança de perspectiva no combate ao racismo é influenciada pela troca de experiências com outras comunidades descendentes da diáspora negra. O contato com outras comunidades que vivenciaram a opressão racial, mas que se organizaram politicamente para lutar por seus direitos (a exemplo dos negros nos Estados Unidos), impulsiona a exploração por vínculos identitários negros, por parte de militantes e intelectuais negros. A necessidade de reconhecimento da identidade negra e da organização política é ressaltada por Hanchard (1996, p. 55): “Os afro-brasileiros cada vez mais reconhecem que é necessário usar a prática e a produção cultural como princípios organizadores contra a opressão racial e como instrumentos para a construção

_____. Ações afirmativas: dois projetos voltados para a juventude negra. In: SILVA, P. B. G; SILVÉRIO, V, R. (Orgs.). **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: INEP, p. 219-243, 2003.

_____. **Mulheres Negras e Educação: trajetórias de vida, histórias de luta**. Disponível em: <<http://www.lpp-uerj.net>> Acesso em 08/03/2013.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. (Org.). Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HANCHARD, Michael. Cinderela negra: raça e esfera pública no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, n.30, p.41-59, 1996.

HERSCHMANN, Micael (Org.). **Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

LEMO, Andre & LEVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma cyber democracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o Virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **As Tecnologias da Inteligência**. Editora 34, 1993.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

QUINTÃO, A. A. A imagem das mulheres negras na televisão brasileira. In: **Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro**. Flávio Carranca e Rosane da Silva Borges (Orgs.). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

ROSE, Trícia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop. In: HERSCHMANN, Micael (Org.). **Abalando os anos 90: funk e hiphop, globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, p.190-212, 1997.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Jorge Zahar Editor Ltda, 1997.

WEST, Cornel. Prefácio p.15-16. (editores) DARBY, Derrick e SHELBY, Tommie. (trad) LEAL, Martha Malvezzi In: **Hip hop e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2006.

Recebido em: 08 de junho de 2015.

Aceito em: 21 de julho de 2015.

mudaram a realidade da vida privada: na *homepage* pessoal é possível manter um diário íntimo *on-line*, ou seja, a publicização de aspectos da vida privada tornada pública por obra e escolha individual, conforme explica Recuero (2003, p. 11): “Weblogs e fotologs, portanto, podem representar redes sociais, na medida em que cada weblog ou fotolog representa um indivíduo (ou um grupo) e a exposição de sua individualidade”.

Uma característica principal é a facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos na rede, da publicização da autoescrita. As páginas são personalizadas a critério de cada um, tendo o texto como arcabouço principal. Dois fatores são apontados para a sua popularização: é uma ferramenta de fácil manuseio, não requer conhecimentos profundos de informática; a hospedagem é gratuita. Nas mudanças ocasionadas pelo surgimento dos *blogs*, um ponto fundamental é que a informação é elaborada pelo usuário. O fluxo da informação deixa de ser vertical para se horizontalizar. A clássica relação entre emissão e recepção inexistente, já que a produção da informação está a cargo do usuário, que é responsável pelo meio de produção e de distribuição.

O *blog* é uma poderosa ferramenta organizacional para assuntos temáticos. Trata-se de espaço de construção da escrita colaborativa, aberta, elaborada por diversas mãos. Essas novas ferramentas da comunicação mediada por computador mudaram a forma de propagação de informações na sociedade, pela rapidez e interação. A tendência atual é que as organizações clássicas tornem-se comunidades e redes sociais *on-line*. Na mesma ordem de ideias, nesses tempos de nomadismo e de migração, os instrumentos do ciberespaço permitem a famílias dispersas, assim como às pessoas geograficamente afastadas geograficamente de sua comunidade nacional, manter contato estreito com seu grupo de pertencimento, principalmente com as novas tecnologias móveis. (LEVY, 2010, p.105).

A tecnologia marca presença no cotidiano das pessoas, de modo especial nos grandes centros urbanos. Das funções mais simples desenvolvidas no dia a dia, como o uso do telefone celular, às mais complexas, como exames médicos e dentários, estamos envolvidos pelo universo tecnológico. E, muito embora a técnica faça parte do cotidiano desde os tempos primórdios, esta se desenvolveu a tal ponto, que se entrelaça com o modo como vivemos em sociedade, com a apropriação de bens simbólicos e culturais na inter-relação seres humanos, técnicas e máquinas.

A participação ativa de usuários no modelo de produção da informação horizontalizada (de muitos para muitos) tem como principais fatores:

- 1) o maior acesso à Internet e interfaces simplificadas para publicação e cooperação online;
- 2) a popularização e miniaturização de câmeras digitais e celulares;
- 3) a “filosofia *hacker*” como espírito de época;
- 4) a insatisfação com os veículos jornalísticos e a herança da imprensa alternativa.

A acessibilidade é o principal fator que impulsiona a participação, com a queda de preços dos computadores e de conexão e com a multiplicação de serviços e pontos de acesso gratuito (como telecentros, ONGs e outras instituições comunitárias), *cibercafês* e pontos de conexão sem fio (*Wi-Fi*). Além disso, *blogs* (incluindo *fotologs* e *moblogs*), *wikis* e as tecnologias que simplificam a publicação e cooperação na rede favorecem a integração de outros participantes no processo de redação, circulação e debate na produção da informação.

Essas alternativas de busca de informação, de conhecimento, de domínio da técnica tem se mostrado essenciais para o exercício, tanto da inclusão digital quanto da inclusão social, vez que uma conduz a outra. O *software* social é a linguagem da era da informação. A capacidade de produzir, modificar, adaptar e distribuir o *software* condiciona a capacidade de qualquer comunidade ou grupo, grande ou pequena, para interagir com o mundo de computadores e redes que constituem a estrutura de nossa sociedade (CASTELLS, 2006, p. 228).

Na era virtual, a prática da leitura é conduzida por informações textuais que integram vídeo, música, gráficos, *links*, fala, imagem e texto. As novas tecnologias promoveram mudanças radicais nas rotinas produtivas e também no modo de percepção humana, contribuindo para o surgimento de novas formas de se contar histórias, de novas formas narrativas, em uma estrutura editorial não hierarquizada e não linear. Com isso, mudam as formas de produção, difusão e consumo da informação. A complexidade atual para o desenvolvimento de uma história no meio digital é marcada pela possibilidade de apresentação de pontos de vista diversificados e de interferência na narrativa, entre outros. Desse modo, a definição para o ser humano atual é de *homo media*, aquele que não apenas está entre os meios de comunicação pós-massivos, mas também interage com eles, neles interfere e por eles é influenciado:

Hoje, a *Web 2.0* permite uma maior participação, conversação, customização e integração de ferramentas, reforçando ainda mais a potência agregadora das tecnologias da cibercultura. O número de usuários de *blogs*, *softwares* sociais, jogos multiusuários, *MSN*, *SMS* ou *microblogs* é crescente, e podemos dizer que o uso social do

ciberespaço se dá exatamente nessas mídias comunitárias (LEVY, 2010, p. 111).

O Brasil possui cerca de 50,2 milhões de jovens, o que representa 26,4% da população brasileira. As mulheres negras somam aproximadamente 25% da população. São elas também que compõem a base da pirâmide econômica da sociedade, na qual nascer mulher, negra e pobre significa fazer parte de um quadro de tríplice discriminação. O sexismo, o racismo e hierarquização de classes são fatores que, em consonância, são preponderantes na manutenção de assimetrias sociais e raciais, em que a mulher negra recebe a maior carga de discriminação, conforme indica Antônia Aparecida Quintão:

Quando cruzamos o fator gênero com o fator etnia podemos constatar a exclusão das mulheres negras nos espaços de poder político e econômico já conquistado pelas mulheres brancas. É sobre a negra que recai todo o peso da herança colonial, onde o sistema patriarcal apoia-se solidamente sobre a superioridade masculina branca, na seguinte escala de valores: o poder político e econômico, social cultural é privilégio do homem de cor branca; em seguida, numa degradação de valor fica a mulher branca; abaixo dela, o homem de cor negra, ficando a mulher negra como o estrato mais desvalorizado da população brasileira (QUINTÃO, 2004, p. 54).

As desigualdades econômicas podem restringir o acesso das mulheres às melhores condições de vida, à prática de seus direitos sociais, e esse cerceamento reflete no acesso à educação e à produção de conhecimento, incidindo na brecha digital de gênero.

Em contraponto, o advento da *Web 2.0* contribuiu para o surgimento de *blogs*, listas e redes voltados para a visibilidade das questões femininas negras. Em iniciativas como *Rede Mulheres no Hip Hop*, *Hip Hop Mulher Soulsista*, *Eu, mulher preta*, *Mulheres jovens feministas*, *Webneguinha* e *Blog da Cidinha*, para citar alguns, pode-se perceber a presença de uma imagética negra. As mulheres escrevem, cantam, tocam, trocam, produzem, interagem, por conta própria, sem mediação de instituições para a produção discursiva.

Um tipo de discurso visual que privilegia representações positivas de mulheres e homens, contribuindo para reafirmar modelos afirmativos com enfoque no exercício do olhar, na promoção e valorização da estética negra. Os temas abordados tratam de questões relativas à arte, ao gênero, ao amor, à saúde, à literatura, à poesia, aos direitos sociais.

A produção de conteúdos descentralizada permite a presença de muitos produtores e produtoras escrevendo para muitos usuários. Trata-se da produção pluralizada, diferente da ideia de “um para muitos” da sociedade de massa. Nesta, especialistas escreviam, produziam

discurso para o maior número de indivíduos. No entanto, o mesmo cenário propício à produção coletiva apresenta acentuada divisão digital, conforme explica Wood:

A dificuldade das mulheres para ter acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação envolve tanto o simples acesso aos equipamentos e programas como a necessidade de acessar os recursos significativos para a mulher (WOOD, 2005, p. 50).

A autora reitera que as mudanças deverão advir a partir de ações desenvolvidas pelas próprias mulheres: “Os recursos para as mulheres, úteis e relevantes, não aparecerão a menos que sejam elas as que trabalhem para criá-los (geralmente em situações muito difíceis)” (WOOD, 2005, p. 50).

Nesse sentido, a (re) interpretação de discursos demanda o envolvimento e a proximidade semântica, subjetiva e local. São textos produtores de outros discursos, possibilitando que outras vozes sejam ouvidas, na multiplicidade que marca o fazer coletivo. Nesse ponto nos referimos à feitura de cartilha, livros e letras de música. No artigo “Hip Hop Mulher: experiências de organização”, Tiely Queen e Fernanda Sonega discorrem sobre a ação política desenvolvida em espaços urbanos marcados por forte presença jovem que reivindica transformações na estrutura e organização da cidade. Destacam a participação feminina nos vários ambientes da sociedade, seu protagonismo e atuação em manifestações culturais realizadas nos espaços urbanos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências das mulheres negras jovens do movimento *hip hop* demonstram modelo de emancipação galgada no uso social / ideológico da comunicação e tecnologia como força contra hegemônica. Movimento cultural da periferia, *lócus* inicial das ações, que exige transformação social na e pela cultura, conscientes da importância desse direito social na vida humana. As expressões culturais são, igualmente, fontes de formação de identidades, de resgate de tradições culturais, de inclusão social e digital, além da conscientização sobre o processo de exclusão das mulheres negras empobrecidas. Tais experiências são utilizadas de forma estratégica como alicerce de sustentação e são dinamizadoras de processos econômicos, sociais e culturais. Da cultura retiram o sustento, cultivam a autoimagem positivada, trocam conhecimentos, se qualificam, expandem seus horizontes.

Sobremaneira, são experiências de mulheres transgressoras a ocupar espaço de dominação masculina com cabeça, corpo e membros erguidos em busca de igualdade de direitos. Para tanto, transpõem barreiras impostas pela tríade sexo, cor e geração. Esses elementos ajudam-nas a fazer a mediação em diferentes espaços de socialização da forma como constroem suas identidades e como se percebem diante de si e da sociedade.

Entre as prerrogativas de ativismo político e social na Internet, sobressaem grupos que se identificam mutuamente com interesses e compromissos comuns. Desse modo, a produção de novas formas culturais e midiáticas funciona como agente de mobilização para novas ações políticas. Assim, as ações desenvolvidas pelas mulheres do hip hop (campanhas e mobilizações) inserem-nas em público protagonista do discurso e da ação política. Os grupos ativos no ciberespaço buscam novos modelos de trocas comunicacionais e de produção da informação voltada para interesses comuns.

Esse *continuum* faz surgir “redes dentro das redes”, o que é considerado “inovador”, já que proporciona a comunicação entre grupos distintos, com visões de mundo semelhantes (MORAES, 2001, p. 2).

Por sua vez, a criação de produtos culturais traz para as mulheres novas formas de inserção social e de se fazer presente no mundo, na medida em que essas produções as colocam em contato com profissionais especializados em diferentes áreas do mercado cultural. Ademais, contribui para a adaptação a ambiente tecnologizado, que pode culminar com outras ações políticas. Elas criam oportunidades de expressar suas vozes na rede virtual e, conseqüentemente, adquirir visibilidade social e de reconhecimento da existência individual e coletiva.

BIBLIOGRAFIA

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura.** v.1. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro.** Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.

GOMEZ, Nilma. L. Juventude, práticas culturais e identidade negra. **Revista Palmares em Ação**, v.1, n.2, p. 18-24, 2002.

e o exercício de identidades próprias”.

A discussão sobre a necessidade de valorização da identidade racial negra, em termos políticos, é impulsionada com a chegada dos bailes de *black soul*. Os bailes começam no Rio de Janeiro e se espalham pelo país. Nesse período, a sociedade brasileira vivia sob a égide do regime militar, e, influenciado pelo movimento dos direitos civis norte-americanos, surge o Movimento Negro Unificado (MNU), entidade criada em 1979, que aglutina militantes e intelectuais negros. O objetivo principal do MNU é a conscientização das massas, vinculando política e cultura na luta contra o racismo e a discriminação racial, por isso o foco na popularização do debate, que não deveria ficar circunscrito ao circuito intelectual e universitário:

Para grande parte dos militantes e intelectuais negros do período, a tarefa então conscientizadora tinha implicações singulares. Em parte estava marcada por uma postura reativa, frente à banalização e a mercantilização da ‘cultura’ por parte das elites e do Estado. Ao adjetivar-se como ‘negra’, tal visão de cultura conquistava certo valor num determinado mercado de bens simbólicos, na medida em que a pressupunham ‘pura’ (porque não cooptada) e de (resistência). A conscientização, sob este ponto de vista, consistia tanto em espécie de conversão a um *ethos* de sociabilidade militante e religiosa como reconfiguração no que diz respeito à nomenclatura, de termos raciais (GOMES, 2000, p. 338).

O Movimento Negro Unificado tem posição política esquerdista, durante anos pauta a agenda da militância negra do país e balança as estruturas da sociedade de redemocratização, com postura revolucionária, assumida pelo movimento. Surge na primeira metade do século XX. Dois movimentos tiveram maior expressividade no movimento de combate ao racismo na pós-escravidão: a Frente Negra Brasileira (1931), destinada a uma elite negra, com postura fascista e o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado em 1961, que privilegia a questão de classe. Ambas as entidades visam à inserção e à legitimação da existência da população negra na sociedade.

Os conteúdos midiáticos produzidos por grupos comunitários costumam revelar olhares “de dentro” das realidades mais próximas de seus contextos, de seus interesses, abrindo, talvez, com isso um canal maior de diálogos e interação entre as juventudes das periferias dos centros urbanos. Desse modo, deve-se ressaltar que a interação comunitária com outros setores da área cultural, acadêmica e comunitária é importante para a valorização da diversidade cultural e regional do país. Para que o audiovisual funcione como um agente

mobilizador eficaz na inserção social desses jovens, faz-se necessário tanto o domínio de práticas discursivas quanto uma maior interlocução externa com outros setores de produção e circulação de produtos midiáticos. Equipamentos tecnológicos não funcionam sozinhos, necessitam de sujeitos capacitados, de formação crítica, se almejamos transformações de fato.

Entende-se, portanto, a necessidade de valorizarmos os aspectos afirmativos das trajetórias pessoais e coletivas, assim como, projetos que priorizem o desenvolvimento de saberes, de conhecimento e, principalmente, de reflexão crítica que transita na interseção subjetividade e objetividade, contemplando a riqueza sociocultural das periferias urbanas.

Nessa perspectiva, visto à compreensão das práticas aglutinadoras que contribuem para a realização de dinâmicas organizativas e identitárias nos movimentos comunitários e sociais, reconhecendo, pois, a importância das expressões culturais como pilar valorativo na constituição de movimentos sociais juvenis, de acordo afirmação de Lino Gomes:

A inserção no mundo da cultura traz não só nova capacidade organizativa nos jovens, mas também interfere na construção da sua identidade. Fortalecimento da autoestima, aproximação dos elementos da cultura alicerçados numa matriz cultural africana ressignificada no Brasil, exercício da criatividade, segurança, possibilidade de se tornarem criadores ativos, contra todos os limites de um contexto social que lhes nega as condições dignas de sobrevivência são alguns exemplos da força da cultura nesses sujeitos (GOMES, 2003, p. 228).

Dessa forma, podemos pensar sobre a questão da disseminação da cultura *hip hop* no contexto das periferias urbanas das cidades brasileiras, em que jovens mulheres negras produzem letras de música, grafites, filmes, vídeos, *blogs*, isto é, produzem cultura baseadas, sobretudo, na vida da comunidade, nas experiências territoriais, de escassez de bens materiais, mas também da abundância de atitudes de solidariedade e de transformação. E isso seguramente contribui para a busca e/ou adesão a um estilo, a uma estética que os identifica junto àquele grupo social, geracional ou étnico, o que normalmente resulta em fortalecimento e afirmação identitária.

4. NA REDE DAS MINAS

O termo “*web*”+ “*log*” ou “arquivos na rede” foi usado pela primeira vez por John Barger, em 1997, como alternativa popular para a divulgação de textos *on-line*. Referia-se a um conjunto de *sites* que faziam coleção e divulgação de *links* considerados interessantes na *web*. (BLOOD et. al. 2009, p.28). Da literatura, para o cinema, e daí para a rede, os *blogs*

mudaram a realidade da vida privada: na *homepage* pessoal é possível manter um diário íntimo *on-line*, ou seja, a publicização de aspectos da vida privada tornada pública por obra e escolha individual, conforme explica Recuero (2003, p. 11): “Weblogs e fotologs, portanto, podem representar redes sociais, na medida em que cada weblog ou fotolog representa um indivíduo (ou um grupo) e a exposição de sua individualidade”.

Uma característica principal é a facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos na rede, da publicização da autoescrita. As páginas são personalizadas a critério de cada um, tendo o texto como arcabouço principal. Dois fatores são apontados para a sua popularização: é uma ferramenta de fácil manuseio, não requer conhecimentos profundos de informática; a hospedagem é gratuita. Nas mudanças ocasionadas pelo surgimento dos *blogs*, um ponto fundamental é que a informação é elaborada pelo usuário. O fluxo da informação deixa de ser vertical para se horizontalizar. A clássica relação entre emissão e recepção inexistente, já que a produção da informação está a cargo do usuário, que é responsável pelo meio de produção e de distribuição.

O *blog* é uma poderosa ferramenta organizacional para assuntos temáticos. Trata-se de espaço de construção da escrita colaborativa, aberta, elaborada por diversas mãos. Essas novas ferramentas da comunicação mediada por computador mudaram a forma de propagação de informações na sociedade, pela rapidez e interação. A tendência atual é que as organizações clássicas tornem-se comunidades e redes sociais *on-line*. Na mesma ordem de ideias, nesses tempos de nomadismo e de migração, os instrumentos do ciberespaço permitem a famílias dispersas, assim como às pessoas geograficamente afastadas geograficamente de sua comunidade nacional, manter contato estreito com seu grupo de pertencimento, principalmente com as novas tecnologias móveis. (LEVY, 2010, p.105).

A tecnologia marca presença no cotidiano das pessoas, de modo especial nos grandes centros urbanos. Das funções mais simples desenvolvidas no dia a dia, como o uso do telefone celular, às mais complexas, como exames médicos e dentários, estamos envolvidos pelo universo tecnológico. E, muito embora a técnica faça parte do cotidiano desde os tempos primórdios, esta se desenvolveu a tal ponto, que se entrelaça com o modo como vivemos em sociedade, com a apropriação de bens simbólicos e culturais na inter-relação seres humanos, técnicas e máquinas.

A participação ativa de usuários no modelo de produção da informação horizontalizada (de muitos para muitos) tem como principais fatores:

- 1) o maior acesso à Internet e interfaces simplificadas para publicação e cooperação online;
- 2) a popularização e miniaturização de câmeras digitais e celulares;
- 3) a “filosofia *hacker*” como espírito de época;
- 4) a insatisfação com os veículos jornalísticos e a herança da imprensa alternativa.

A acessibilidade é o principal fator que impulsiona a participação, com a queda de preços dos computadores e de conexão e com a multiplicação de serviços e pontos de acesso gratuito (como telecentros, ONGs e outras instituições comunitárias), *cibercafês* e pontos de conexão sem fio (*Wi-Fi*). Além disso, *blogs* (incluindo *fotologs* e *moblogs*), *wikis* e as tecnologias que simplificam a publicação e cooperação na rede favorecem a integração de outros participantes no processo de redação, circulação e debate na produção da informação.

Essas alternativas de busca de informação, de conhecimento, de domínio da técnica tem se mostrado essenciais para o exercício, tanto da inclusão digital quanto da inclusão social, vez que uma conduz a outra. O *software* social é a linguagem da era da informação. A capacidade de produzir, modificar, adaptar e distribuir o *software* condiciona a capacidade de qualquer comunidade ou grupo, grande ou pequena, para interagir com o mundo de computadores e redes que constituem a estrutura de nossa sociedade (CASTELLS, 2006, p. 228).

Na era virtual, a prática da leitura é conduzida por informações textuais que integram vídeo, música, gráficos, *links*, fala, imagem e texto. As novas tecnologias promoveram mudanças radicais nas rotinas produtivas e também no modo de percepção humana, contribuindo para o surgimento de novas formas de se contar histórias, de novas formas narrativas, em uma estrutura editorial não hierarquizada e não linear. Com isso, mudam as formas de produção, difusão e consumo da informação. A complexidade atual para o desenvolvimento de uma história no meio digital é marcada pela possibilidade de apresentação de pontos de vista diversificados e de interferência na narrativa, entre outros. Desse modo, a definição para o ser humano atual é de *homo media*, aquele que não apenas está entre os meios de comunicação pós-massivos, mas também interage com eles, neles interfere e por eles é influenciado:

Hoje, a *Web 2.0* permite uma maior participação, conversação, customização e integração de ferramentas, reforçando ainda mais a potência agregadora das tecnologias da cibercultura. O número de usuários de *blogs*, *softwares* sociais, jogos multiusuários, *MSN*, *SMS* ou *microblogs* é crescente, e podemos dizer que o uso social do

ciberespaço se dá exatamente nessas mídias comunitárias (LEVY, 2010, p. 111).

O Brasil possui cerca de 50,2 milhões de jovens, o que representa 26,4% da população brasileira. As mulheres negras somam aproximadamente 25% da população. São elas também que compõem a base da pirâmide econômica da sociedade, na qual nascer mulher, negra e pobre significa fazer parte de um quadro de tríplice discriminação. O sexismo, o racismo e hierarquização de classes são fatores que, em consonância, são preponderantes na manutenção de assimetrias sociais e raciais, em que a mulher negra recebe a maior carga de discriminação, conforme indica Antônia Aparecida Quintão:

Quando cruzamos o fator gênero com o fator etnia podemos constatar a exclusão das mulheres negras nos espaços de poder político e econômico já conquistado pelas mulheres brancas. É sobre a negra que recai todo o peso da herança colonial, onde o sistema patriarcal apoia-se solidamente sobre a superioridade masculina branca, na seguinte escala de valores: o poder político e econômico, social cultural é privilégio do homem de cor branca; em seguida, numa degradação de valor fica a mulher branca; abaixo dela, o homem de cor negra, ficando a mulher negra como o estrato mais desvalorizado da população brasileira (QUINTÃO, 2004, p. 54).

As desigualdades econômicas podem restringir o acesso das mulheres às melhores condições de vida, à prática de seus direitos sociais, e esse cerceamento reflete no acesso à educação e à produção de conhecimento, incidindo na brecha digital de gênero.

Em contraponto, o advento da *Web 2.0* contribuiu para o surgimento de *blogs*, listas e redes voltados para a visibilidade das questões femininas negras. Em iniciativas como *Rede Mulheres no Hip Hop*, *Hip Hop Mulher Soulsista*, *Eu, mulher preta*, *Mulheres jovens feministas*, *Webneguinha* e *Blog da Cidinha*, para citar alguns, pode-se perceber a presença de uma imagética negra. As mulheres escrevem, cantam, tocam, trocam, produzem, interagem, por conta própria, sem mediação de instituições para a produção discursiva.

Um tipo de discurso visual que privilegia representações positivas de mulheres e homens, contribuindo para reafirmar modelos afirmativos com enfoque no exercício do olhar, na promoção e valorização da estética negra. Os temas abordados tratam de questões relativas à arte, ao gênero, ao amor, à saúde, à literatura, à poesia, aos direitos sociais.

A produção de conteúdos descentralizada permite a presença de muitos produtores e produtoras escrevendo para muitos usuários. Trata-se da produção pluralizada, diferente da ideia de “um para muitos” da sociedade de massa. Nesta, especialistas escreviam, produziam

discurso para o maior número de indivíduos. No entanto, o mesmo cenário propício à produção coletiva apresenta acentuada divisão digital, conforme explica Wood:

A dificuldade das mulheres para ter acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação envolve tanto o simples acesso aos equipamentos e programas como a necessidade de acessar os recursos significativos para a mulher (WOOD, 2005, p. 50).

A autora reitera que as mudanças deverão advir a partir de ações desenvolvidas pelas próprias mulheres: “Os recursos para as mulheres, úteis e relevantes, não aparecerão a menos que sejam elas as que trabalhem para criá-los (geralmente em situações muito difíceis)” (WOOD, 2005, p. 50).

Nesse sentido, a (re) interpretação de discursos demanda o envolvimento e a proximidade semântica, subjetiva e local. São textos produtores de outros discursos, possibilitando que outras vozes sejam ouvidas, na multiplicidade que marca o fazer coletivo. Nesse ponto nos referimos à feitura de cartilha, livros e letras de música. No artigo “Hip Hop Mulher: experiências de organização”, Tiely Queen e Fernanda Sonega discorrem sobre a ação política desenvolvida em espaços urbanos marcados por forte presença jovem que reivindica transformações na estrutura e organização da cidade. Destacam a participação feminina nos vários ambientes da sociedade, seu protagonismo e atuação em manifestações culturais realizadas nos espaços urbanos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências das mulheres negras jovens do movimento *hip hop* demonstram modelo de emancipação galgada no uso social / ideológico da comunicação e tecnologia como força contra hegemônica. Movimento cultural da periferia, *lócus* inicial das ações, que exige transformação social na e pela cultura, conscientes da importância desse direito social na vida humana. As expressões culturais são, igualmente, fontes de formação de identidades, de resgate de tradições culturais, de inclusão social e digital, além da conscientização sobre o processo de exclusão das mulheres negras empobrecidas. Tais experiências são utilizadas de forma estratégica como alicerce de sustentação e são dinamizadoras de processos econômicos, sociais e culturais. Da cultura retiram o sustento, cultivam a autoimagem positivada, trocam conhecimentos, se qualificam, expandem seus horizontes.

Sobremaneira, são experiências de mulheres transgressoras a ocupar espaço de dominação masculina com cabeça, corpo e membros erguidos em busca de igualdade de direitos. Para tanto, transpõem barreiras impostas pela tríade sexo, cor e geração. Esses elementos ajudam-nas a fazer a mediação em diferentes espaços de socialização da forma como constroem suas identidades e como se percebem diante de si e da sociedade.

Entre as prerrogativas de ativismo político e social na Internet, sobressaem grupos que se identificam mutuamente com interesses e compromissos comuns. Desse modo, a produção de novas formas culturais e midiáticas funciona como agente de mobilização para novas ações políticas. Assim, as ações desenvolvidas pelas mulheres do hip hop (campanhas e mobilizações) inserem-nas em público protagonista do discurso e da ação política. Os grupos ativos no ciberespaço buscam novos modelos de trocas comunicacionais e de produção da informação voltada para interesses comuns.

Esse *continuum* faz surgir “redes dentro das redes”, o que é considerado “inovador”, já que proporciona a comunicação entre grupos distintos, com visões de mundo semelhantes (MORAES, 2001, p. 2).

Por sua vez, a criação de produtos culturais traz para as mulheres novas formas de inserção social e de se fazer presente no mundo, na medida em que essas produções as colocam em contato com profissionais especializados em diferentes áreas do mercado cultural. Ademais, contribui para a adaptação a ambiente tecnologizado, que pode culminar com outras ações políticas. Elas criam oportunidades de expressar suas vozes na rede virtual e, conseqüentemente, adquirir visibilidade social e de reconhecimento da existência individual e coletiva.

BIBLIOGRAFIA

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura.** v.1. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro.** Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.

GOMEZ, Nilma. L. Juventude, práticas culturais e identidade negra. **Revista Palmares em Ação**, v.1, n.2, p. 18-24, 2002.

_____. Ações afirmativas: dois projetos voltados para a juventude negra. In: SILVA, P. B. G; SILVÉRIO, V, R. (Orgs.). **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: INEP, p. 219-243, 2003.

_____. **Mulheres Negras e Educação: trajetórias de vida, histórias de luta**. Disponível em: <<http://www.lpp-uerj.net>> Acesso em 08/03/2013.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. (Org.). Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HANCHARD, Michael. Cinderela negra: raça e esfera pública no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, n.30, p.41-59, 1996.

HERSCHMANN, Micael (Org.). **Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

LEMO, Andre & LEVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma cyber democracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o Virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **As Tecnologias da Inteligência**. Editora 34, 1993.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

QUINTÃO, A. A. A imagem das mulheres negras na televisão brasileira. In: **Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro**. Flávio Carranca e Rosane da Silva Borges (Orgs.). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

ROSE, Trícia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop. In: HERSCHMANN, Micael (Org.). **Abalando os anos 90: funk e hiphop, globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, p.190-212, 1997.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Jorge Zahar Editor Ltda, 1997.

WEST, Cornel. Prefácio p.15-16. (editores) DARBY, Derrick e SHELBY, Tommie. (trad) LEAL, Martha Malvezzi In: **Hip hop e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2006.

Recebido em: 08 de junho de 2015.

Aceito em: 21 de julho de 2015.

TABULEIRO DE LETRAS

A geração da utopia: a influência da tradição oral como estratégia discursiva nos registros da luta pela descolonização

The generation of utopia: the influence of oral tradition as a strategy in records discursive struggle for decolonization

Prof. Dr. Murilo da Costa Ferreira¹
Karen Eloá de Assunção Pereira²

RESUMO: Em Angola, após a conquista da independência, ocorrida no ano de 1974, muitas das suas obras literárias passaram a evidenciar uma forte tendência em criticar o processo de luta contra o colonialismo. Pepetela (pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos), uma das vozes mais significativas da literatura angolana, apresenta em suas narrativas um tom cada vez mais desencantado diante do esvaziamento de ideais que marcou o âmbito sociopolítico e cultural de Angola nesse período. Em *A geração da utopia*, obra escrita em 1991, Pepetela revisita a movimentação político-cultural, ocorrida na Casa dos Estudantes do Império, dos anos 50 do século XX, passando pela fase dos violentos confrontos com o início da guerrilha anticolonial (1961) e, finalmente, o período que sucedeu à conquista da independência, de 1974 aos anos de 1990. Neste artigo abordamos a importância da tradição oral africana no tecido ficcional dessa narrativa, fundamentando-nos em estudos de pesquisadores como Laura Cavalcante Padilha, Carmen Lucia Tindó Secco, Hampaté-Bâ, entre outros. Nessa perspectiva, defendemos que *A geração da utopia*, por meio de alguns recursos da expressão literária, apresenta um posicionamento crítico em relação aos acontecimentos históricos de Angola, no período aqui apontado e, portanto, possibilita, por meio da sua leitura, a elaboração de um imaginário em torno da representação da angolanidade.

Palavras-chave: Angolanidade; (Pós)Independência; Oralidade; Utopia.

ABSTRACT: In Angola, after the achievement of independence, which occurred in 1974, many of his literary works began to show a strong tendency to criticize the process of struggle against colonialism. Pepetela (pseudonym Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos), one of the most important voices of the Angolan literature, presents his stories in a tone increasingly disenchanting before emptying ideals that marked the socio-political and cultural Angola during this period. In *A geração da utopia*, a romance written in 1991, Pepetela revisits all the guerrilla movement that preceded the Students House's of the Empire, the phase of violent clashes

¹ UNEB – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Titular de Literaturas de língua Portuguesa
Ilhéus – Bahia – Brasil CEP: 45653-005 E-mail: murilodacosta@uol.com.br

² UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz
Departamento de Letras / Programa de Mestrado em Letras: Linguagens e Representações
Ilhéus – Bahia – Brasil CEP: 45662-900 E-mail: kareneloapereira@hotmail.com

trabalho, a política para mim é a minha família, a política para mim é o futebol, etc., etc. Esse é o discurso dos imobilistas.

- A Judite tem razão, os que advogam o apoliticismo são os que ajudam a manter as coisas sempre paradas, sem progresso, qualquer que ele seja. E todos os regimes totalitários adoram esses apolíticos, embora não o reconheçam.

- Pobre de mim, o que fui dizer – lamentou Malongo, procurando fazer humor.

- Daqui a pouco, acusam-me de ser responsável desta merda toda (PEPETELA, 1999, p. 312-313).

Jovens como Judite e Orlando foram gerados, nascidos e crescidos em plena atmosfera revolucionária. Quando engravida de Judite, Sara, simbolicamente, gesta a esperança de um futuro de liberdade para Angola. Se a geração de Sara não soube fazer outra coisa além de idealizar Angola como nação independente, a geração que estava se formando e sendo espectadora de toda a problemática política e ideológica que envolvia a independência afigurava-se como possível atuante na construção de uma nação verdadeiramente livre da alienação imposta pelo mundo ocidental. Para tanto, era necessário politizar essa nova geração, levando-a ao enfrentamento diante dos graves problemas sociais e políticos que assolavam Angola, tornando-a capaz de criticar e construir uma outra história para sua nação, uma conquista possível e não ideal.

Ao se defrontarem com toda a problemática surgida pós-independência, os jovens angolanos, até então entusiasmados com a coragem e o heroísmo característicos da geração que partiu para “descobrir Angola” e arriscou suas vidas por ela, preferem mergulhar numa alienação e numa apoliticidade. Frente a essa nova forma de domínio, uma outra revolução se faz urgente, e com isso um novo ciclo espera-se que tão logo se inicie.

A INFLUÊNCIA DA TRADIÇÃO ORAL EM *A GERAÇÃO DA UTOPIA*.

O ato de escolher uma obra literária angolana, escrita por um ex-guerrilheiro, quase duas décadas após o fim da Guerra Civil, expressa a nossa vontade por investigar as nuances de um texto ficcional marcado pelo desejo de liberdade de um povo. As configurações discursivas apresentadas em *A geração da utopia* (1999), narrativa escrita pelo escritor angolano Pepetela, transmitem o sentimento de luta de jovens que se lançaram na guerra pela libertação de Angola do jugo colonial. É esse sentimento que faz crescer o desejo por (re)construir uma ideia de nação, utilizando, para tanto, a linguagem literária como uma alternativa geradora de discussões.

para que se efetive a oralidade no texto escrito, como pode se notar no trecho destacado na sequência:

Fomos nas matas. Outros que estavam do lado de cá do Muiê disseram que iam ver ainda. Os soldados levaram-nos no arame farpado, apanharam o gado deles. Foi eles disseram: Hum, hum, aqueles outros foram nas matas, eles é que têm razão. E também abriram. Os do Movimento começaram a nos mobilizar que somos todos camaradas. Mas afinal era só mentira. Vinham só comer da comida do povo. Muitos rapazes aceitaram lutar, alguns foram castigados só atoamente, não pode. Eu, no meu coração, pensei: esse Chapuile é da minha tribo, posso falar com ele (PEPETELA, 1999, p. 185).

O romance de Pepetela, ao mostrar-se como uma forma de denúncia da política colonialista e de crítica à ideologia de consumo propagada pelo neocolonialismo, evidencia o caráter combativo das obras literárias pós-coloniais. Nessa trajetória de combate aos valores ocidentais, a cultura local é resgatada, com o objetivo de reconstruir a identidade nacional por meio da literatura, conforme cita Laura Padilha:

Na retomada dos modelos nacionais, a tradição oral vai funcionar como mecanismo transformador dos novos padrões estéticos. O desvio da norma e a nota dissonante – tão caros à modernidade – são conseguidos com o traço dessa nova fala ficcional, griotizada e griotizante, que é tanto letra quanto voz e gesto (PADILHA, 1995, p. 138).

A pesquisadora mencionada chama a atenção para um importante aspecto das literaturas africanas modernas de língua portuguesa: a griotização. Antigos contadores de história, os *griots* transmitiam os saberes da cultura africana por meio de narrativas e poesias. Tal qual os *griots*, os escritores se utilizam das técnicas da tradição oral para narrar suas histórias, resultando no que Laura Padilha chamará de “griotização da escrita”. Um processo que, segundo ela, buscava atender à necessidade específica dos escritores africanos de língua portuguesa, que, envolvidos no movimento revolucionário, procuravam informar e conscientizar seu povo para a importância da luta armada.

Os textos escritos, nessa perspectiva, podem ser narrados oralmente para um público ouvinte, reproduzindo os costumes dos ancestrais. Pelo fato de costurar na tessitura literária a língua portuguesa e os diversos falares angolanos, a narrativa de Pepetela ultrapassa os limites da nação angolana e faz com que um público cada vez maior tome conhecimento da história sociopolítica de Angola. Da simbiose resultante entre a língua do colonizador e a(s) língua(s) do colonizado, constrói-se um ambiente de leitura que não se restringe ao povo angolano.

Percorrer a trajetória histórica de Angola – por meio de uma obra ficcional, situada no período das primeiras organizações do movimento para a independência, forjada na Casa dos Estudantes do Império, até os anos após a vitória sobre o colonizador – leva a uma série de reflexões sobre a nação angolana pós-independência e os indivíduos que, tomados de heroísmo, priorizaram uma coletividade, em detrimento de suas vidas. Embora o romance *A geração da utopia* configure marcas de uma época específica, os anos 1990, ele direciona o nosso olhar para um passado recente, no intuito de nos tornarmos capazes de refletir acerca do futuro da nação angolana. Influenciado pelas ideias de Marx, no que tange à atemporalidade da arte, Ernst Fischer discorre sobre a função da arte, o que fundamenta as nossas afirmações.

O que importa é que Marx enxergou que, na arte historicamente condicionada por um estágio social não desenvolvido, perdurava um *momento de* humanidade; e nisso Marx reconheceu o poder da arte de se sobrepor ao momento histórico e exercer um fascínio permanente. Podemos colocar a questão da seguinte maneira: toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento (FISCHER, 1987, p. 17).

Assim, esta viagem antropológica possibilitada pela narrativa de Pepetela, ao invés de buscar um destino determinado, quer o terreno fluido das indeterminações, das errâncias. A presente análise chega até aqui percorrendo caminhos que não revelaram um fim, já que viajar por uma trajetória apontada pela arte é, em si, uma proposta de análise inconclusiva. Conforme as vozes enunciadoras de *A geração da utopia*, por ser um exercício de constante luta pela liberdade, precisa-se evitar procurar respostas deterministas acerca de todo o processo que culminou na conquista da independência da nação angolana.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, BENJAMIN. **De Vãos e Ilhas**: literatura e comunitarismos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Trad. Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: **Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser**. Rocha, João Cezar de Castro (Org.). Trad. Bluma Waddington Vilar, João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa**. Lisboa: A regra do jogo, 1980.

MARX, Karl. **Manuscritos Económicos e Filosóficos**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1964

MATA, Inocência. A periferia da periferia. In: **Revista de Língua e Literatura**, Lisboa, Universidade Aberta. 2007.

MATA, Inocência. Pepetela: A Releitura da História entre Gestos de Reconstrução. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (orgs.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MOURALIS, Bernard. **As contraliteraturas**. Trad. António Filipe Rodrigues Marques e João David Pinto Correia. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EDUFF, 1995.

PEPETELA. **A geração da utopia**. Luanda: Editorial Nzila, 1999.

PEPETELA. **As Aventuras de Ngunga**. São Paulo, Ática, 1980.

PEPETELA. **Mayombe**. 2. edição. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1980.

PEPETELA. **O Cão e os Caluandas**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.

RIAÚZOVA, Helena. **Dez anos de Literatura Angolana: ensaio sobre a moderna literatura angolana 1975-1985**. Luanda: U. E. A., 1986.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **A magia das letras africanas**: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

Recebido em: 01 de junho de 2015.

Aceito em: 10 de julho de 2015.

é tamanha que, mesmo diante das grandes transformações pelas quais todo o mundo vem passando, ela permanece presente não somente no âmbito da literatura, mas também no da religião, das instituições sociais, da política, e dessa maneira determina o cotidiano de seu povo.

No caso específico da escrita literária angolana da contemporaneidade, podemos perceber a influência marcante das narrativas orais, as quais são recuperadas no intuito de reforçar um legado de valores perpassados de geração para geração, fundamentando, desse modo, a elaboração da ideia de nação.

- Talvez. Talvez de velho de kimbo, de sekulo. Esses velhos que desprezamos, imbuídos da nossa cultura citadina judaico-cristã, têm muito a nos ensinar sobre a gestão do tempo, sobre os ritmos da vida. Beberam isso na fonte da sabedoria. Transmitem esses ensinamentos através de fábulas, de poemas orais, de adivinhas. Apesar de aparecerem em livros, não os sabemos ler. O que eles nos dizem, com as suas palavras, e que não entendemos, é que a natureza tem os seus próprios ritmos com os quais nos devemos conciliar para modificar a natureza. Ora, o que fazemos nós, os crioulos híbridos de duas civilizações? Impomos apenas a componente da industrialização e do desenvolvimento exógeno, quer sejamos socialistas quer capitalistas, o que implica outros ritmos (PEPETELA, 1999, p. 259/260).

No fragmento em destaque, podemos notar a ênfase dada pelo personagem Sábio à sabedoria ancestral transmitida oralmente, cujos ensinamentos são desconsiderados por muitos, os quais, segundo ele, preferem ostentar a pretensa superioridade da cultura ocidental. Esse angolano contemporâneo, que o personagem ironicamente chama de “crioulo híbrido de duas civilizações”, mostra-se influenciado pela ideia de superioridade de saberes impostos como universais, mas guardião de uma ancestralidade que chega a lhe ser atávica.

O discurso literário em *A geração da utopia* é, então, produto dessas tensões entre o velho e o novo, a tradição e a (pós)modernidade, o oral e o escrito, a colonização e a descolonização, o passado e o futuro. Os costumes sagrados, herança da ancestralidade africana, são resgatados em meio à complexa estrutura social e política da África subsaariana, inserida no contexto mundial do neoliberalismo. Angola, assim como outros países africanos de língua portuguesa, é dependente economicamente das grandes potências mundiais e, portanto, assume as exigências desse sistema imperialista, sem, no entanto, deixar de lado as heranças culturais e suas tradições.

Faz-se importante ressaltar, no entanto, que esse espaço de busca por uma autonomia é inaugurado a partir de um ambiente de crítica e reflexão. Os escritores pós-coloniais assumem

uma postura contundente, no que se refere aos determinismos impostos pela política colonialista, contudo são conscientes das transformações culturais advindas da globalização. O trânsito de informações internacionais é tal que não há como se pensar numa literatura essencialmente angolana. Para a estudiosa portuguesa Ana Mafalda Leite,

A insistência nos intertextos culturais, orais, indígenas, das literaturas africanas faz parte de um projecto de definição do estatuto nacional das literaturas emergentes, especialmente após a descolonização. [...] A reivindicação é, no seu início, marcada ideologicamente pela ideia nacionalista, que se rege pela nostalgia de uma percepção emocional unificante e que, por seu turno, se identifica com a ideia de uma estética fundamentada nos registos pré-coloniais das culturas africanas orais (LEITE, 2003, p. 44).

O que é posto em xeque é a figura do colonizador, que já não mais paira sobre a cultura angolana como uma referência que se quer predominante. A autonomia perseguida é relativizada pelas contaminações culturais, a luta agora é pela afirmação das tradições locais em meio a uma realidade global. A Angola narrada por Pepetela é a nação do lamento saudoso do velho Salamanga, é o motivo das idealizações de Sábio, é a nação, enfim, cindida por culturas outras. Na contemporaneidade, após os longos anos sob o jugo do colonizador e das profundas influências sofridas com as transformações no cenário político mundial com a queda do regime socialista, as narrativas orais angolanas são revisitadas sob o olhar dos escritores angolanos, marcado pelas complexidades do momento atual.

Mediante todos os acontecimentos que atuaram decisivamente na história sociocultural e política de Angola, muitos escritores e intelectuais, com a conquista da independência, dedicaram-se a pensar o projeto de (re)construção da ideia de nação. As questões identitárias envolvidas em tal projeto exigiam a recuperação das tradições culturais angolanas, daí a importância dada à ancestralidade. Implementa-se, então, uma espécie de resgate do passado, porém essa retomada não é feita de modo saudosista, visto que o passado é revisitado para criticar o processo de apagamento cultural imposto pelo colonizador.

Examinamos, por isso, a maneira como o discurso enunciador em *A geração da utopia* recupera a ancestralidade africana. Em nossa empreitada, analisamos a forma como a narrativa incorporou elementos do universo da tradição oral para compor um discurso combativo. Não somente os horrores impostos pelo colonialismo são denunciados, como também se criticam severamente aqueles que compõem as estruturas de poder, os quais se corrompem em prol de interesses pessoais, ficando submissos à ideologia de consumo atual.

A tensão entre a cultura ancestral africana e os valores ideológicos advindos da globalização, na contemporaneidade, determina a construção, em termos de matéria identitária, da Angola pós-colonial. Desse modo, a nação angolana retratada no romance de Pepetela é plural, marcada tanto pela ligação que mantém com suas tradições, com sua ancestralidade, quanto pelas fraturas causadas pelos valores mercantilistas pregados pela lógica de consumo neoliberal.

Produto dos séculos de resistência que precisou impor diante da cultura opressiva do colonizador, Angola não pode ser vista como um espaço homogêneo. *A geração da utopia* tem sua trama desenvolvida justamente nas complexidades estabelecidas por conta das profundas diferenças raciais, dos trânsitos culturais, das divergências entre os muitos grupos étnicos. As vozes enunciadoras apresentam Angola a partir de um diálogo entre a oralidade e a escrita literária.

Assim, a nossa análise assinalou que a tradição ancestral oralizada é ressignificada literariamente pelas estratégias de uma escrita marcada por traços característicos de um contexto griotizante. A escrita é apropriada, rasurada, para que o discurso enunciador consiga dar conta da oralidade. Inauguram-se novas formas de relacionamento linguístico, o que fica evidente na maneira como a estrutura da língua portuguesa é atravessada por palavras dos diversos falares angolanos, abrindo novos espaços semânticos no percurso narrativo.

A língua portuguesa passa a ser africanizada, outro ritmo lhe é conferido, sua estrutura é alterada; utilizada como veículo conscientizador da luta pela libertação, essa língua deixa de ser domínio dos colonizadores portugueses para propagar a importância da valorização da cultura local. A língua portuguesa, então, perde o caráter de instrumento repressivo para ficar a serviço da revolução, tornando-se uma estratégia de resistência e resgate da cultura angolana.

A utilização, na literatura, das diversas línguas faladas em Angola, por exemplo, é uma artimanha que elabora uma das estratégias para a consolidação de uma expressão linguística angolana. Mesmo diante da preponderância da língua portuguesa, procura-se respeitar as marcas dos falares angolanos. “O recurso ao quimbundo”, novamente recorrendo às afirmações de Alfredo Margarido, “assim como às deformações fonéticas do português, não são uma tentativa folclórica ou populista, mas a busca duma semântica angolana” (MARGARIDO, 1980, p. 339), ou mesmo a montagem de uma “dicção”, segundo Laura Padilha. O tom coloquial que é dado na escrita literária de *A geração da utopia* abre espaço

Diante de uma amarga experiência como a da colonização, processo histórico que violentou física e ideologicamente a nação angolana, toma cada vez mais fôlego entre os escritores pós-coloniais de Angola o desejo por exaltar a coragem de seu povo e dos seus heróis guerrilheiros, sem desconsiderar as marcas da presença do colonizador na sua cultura. Nesse sentido, a trama narrativa de *A geração da utopia* mostra-se capaz de realinhar a ideia de nação e reelaborar a identidade local, adequando-as ao contexto histórico-cultural da pós-colonialidade.

Cativos do prazer possibilitado pelo texto literário, entregamo-nos à sedutora experiência da leitura de *A geração da utopia*. Seguindo a concepção hedonista do semiólogo francês Roland Barthes, na qual repousa a ideia de que a escrita é uma espécie de kama-sutra (BARTHES, 1987, p. 10), em que fica manifesta a erotização da enunciação literária, mergulhamos no fascínio suscitado pela obra de Pepetela. Assim, a história e a cultura angolanas configuraram-se em matéria ficcional e foram sendo desnudas diante do nosso olhar, atento a cada detalhe revelado.

Consideramos, portanto, o contexto histórico, a situação sociopolítica e a expressão literária angolana como aspectos profundamente imbricados. Segundo a pesquisadora Laura Cavalcante Padilha, em Angola, os processos estético e histórico estabelecem entre si significativas interfaces, por isso, “literatura e construção da nacionalidade são duas faces de uma mesma moeda” (PADILHA, 1995, 138). No intuito de recuperar a voz emudecida pela violência e opressão do colonizador, jovens como Viriato da Cruz, Mario de Andrade, Agostinho Neto, Pepetela, António Jacinto, entre tantos outros, põem-se a escrever a história da sua própria nação, pelo viés de uma linguagem que, sendo na poética ou na narrativa, procura subverter o padrão europeu.

Fica perceptível, então, que o projeto de luta pela liberdade e “descoberta” de Angola surge para além das fronteiras políticas, históricas e ideológicas, vez que ele atinge as diversas formas de expressão cultural, sendo uma delas a representação literária. Com o objetivo de aproximar o povo angolano da revolução que está por se organizar, os escritores desse referido momento da história de Angola buscam retomar o imaginário nacional, valorizando-o em seus textos, os quais evidenciam a cultura angolana em seus mais amplos aspectos, dentre eles a linguagem. Nessa perspectiva, tanto a poesia quanto a prosa trazem as marcas dos diversos falares angolanos, seja o Kimbundu, o Umbundu ou o Kikongo.

É por meio dessa literatura, cada vez mais representativa do sentimento de angolanidade, que os escritores conseguem fazer a nação despertar para a necessidade da luta.

Eis o que se afigurou como foco norteador da nossa análise: a construção da identidade nacional angolana, a partir das marcas socioculturais que compõem a história dessa nação. Consideramos, para tanto, a perspectiva lançada pelo olhar aguçado do escritor Pepetela que, a partir do espaço da interdiscursividade criado no diálogo com as narrativas orais africanas, além de construir uma série de reflexões acerca da construção da nação angolana e da condição conflituosa na qual está envolvida, ainda permite que essas reflexões sejam ressignificadas pelo ato da leitura.

Nesse sentido, ao analisar uma obra literária da contemporaneidade, não há como nos destituirmos das referências do passado, pelo fato de, na cultura africana, os saberes ancestrais serem transmitidos de geração para geração por meio das narrativas orais. Daí o nosso foco principal ser a influência da tradição oral no discurso literário de *A geração da utopia*, por esta se configurar como uma das estratégias de resistência cultural da África subsaariana. Usada como uma das ferramentas da dominação colonial, a língua portuguesa foi sendo imposta aos falantes de cada território colonizado. Em Angola, a diversidade linguística proveniente dos falares das diversas etnias foi atravessada pela língua do colonizador.

Apesar da resistência física e cultural que os angolanos impuseram contra o regime opressivo de Portugal, levando-os a conquistar a independência após séculos de dominação, a língua portuguesa mostrou-se sobrepujante frente aos dialetos tradicionais africanos. No entanto, a escolha pelo uso da língua do dominador, no universo literário, por exemplo, não foi destituída de intenção. Em virtude de a língua de Portugal ser vastamente conhecida, seja entre as suas ex-colônias, seja no mundo ocidental, muitos escritores angolanos optam por utilizá-la, a fim de que seus textos ganhem o fôlego necessário para serem reconhecidos além das fronteiras do seu território.

Caso os diversos dialetos falados em Angola fossem utilizados na escrita literária, o conteúdo a ser transmitido pelas obras ficaria limitado às comunidades falantes de cada um desses dialetos específicos. No intuito de dar voz e existência aos ex-cêntricos, por muito tempo silenciados, é então que a moderna literatura angolana apresenta-se na língua do colonizador. Conforme explana o filósofo ganês Kwame Anthony Appiah, isso não equivale a negar que haja vigorosas tradições vivas de cultura oral, nem a ignorar a importância de algumas línguas tradicionais escritas. Mas, busca abrir caminho fora de suas próprias comunidades, adquirindo reconhecimento internacional (APPIAH, 1991, p. 20).

Assim, essa postura está longe de se configurar uma negação às tradições culturais africanas. Corporificado nos registros da escrita, o contexto sociocultural angolano se dá a

conhecer num espaço cada vez amplo, e assim os ecos dos brados de seu povo se fazem ouvir em lugares nunca antes alcançados. A cultura de predomínio oral, cujos conhecimentos são transmitidos de geração para geração por meio do ritmo e da musicalidade conferidos pelos atos da fala, passa a dialogar com a escrita, resultando na criação de um “texto-corpo”, para utilizarmos a imagem criada pela pesquisadora Laura Cavalcante Padilha (PADILHA, 1995, p. 20).

Ao analisarmos uma obra literária angolana, não poderíamos deixar de pensá-la como significante de uma série de gestos coreográficos, ritmos e musicalidade, tal qual o corpo. Os atos encenados pelo texto de Pepetela recriam a ambientação cada vez mais viva da tradição oral dos países africanos de língua portuguesa. Por isso *A geração da utopia* é um romance interpelativo, no qual o confronto entre a dominação colonial e a resistência que os angolanos impõem é costurado sob vários focos no tecido narrativo, resultando em questionamentos constantes acerca do processo de colonização e descolonização.

O confronto erigido a partir de uma cultura que se pretende hegemônica com outra que se coloca resistente reproduz literariamente essa tensão tão comum na contemporaneidade. Ao nos reportarmos para a história angolana, podemos perceber como a cultura local se transformou com as interferências dos colonizadores portugueses, que já invadiam seu território desde o século XV. Em meio às práticas de repressão impostas pela política colonialista, os angolanos procuraram defender suas tradições culturais e os saberes ancestrais que, mesmo num contexto hostil, continuavam sendo veiculados oralmente pelos mais velhos, como na fala do velho Samalanga, personagem de *A geração da utopia*:

Estão a fazer outra vez guerra de kuata-kuata? Eles foram, nunca mais voltaram. Os tugas ficaram pior que kisonde. A raiva daqueles carros ainda novinhos que saltaram haka, os presos que apanharam nas matas começaram então a matar com metralhadora na vista de nós. Daí caí no chão, pensei outra vez vou retirar, aqui não dá. Disse à mulher vamos embora. O Pide estava intrujar, me pagava cem escudos por dia como bom pedreiro, não liguei. Vim na mata. Mas afinal foi esta guerra vocês trouxeram, só para o povo morrer? Vale mais acabar com ela (PEPETELA, 1999, p. 184-185).

Representativo de uma coletividade, o personagem Samalanga, com a visão perspicaz e a sabedoria dos mais velhos, declara-se amargurado com o que a revolução se transformara. O que ele viu e viveu converte-se em depoimento envolto de certo peso e sacralidade, o qual merece ser ouvido e acatado. A desilusão que marca a sua narrativa se reproduz na fala do povo angolano, já cansado de todas as formas de violência a que estavam sendo expostos. A

sua voz, autorizada pela força das tradições orais africanas, vem abalizar o posicionamento defendido pelo narrador/autor e por Sábio durante o percurso da trama romanesca.

Os relatos das experiências vivenciadas pelos mais velhos em Angola são transmitidos pela fala, reforçando o valor da tradição oral, que é característica das civilizações africanas. Reconhecer a oralidade como forma de preservação da sabedoria dos ancestrais leva os indivíduos de uma determinada comunidade, como a dos angolanos, a desenvolverem a capacidade de ouvir, de se deixar invadir pelas histórias de outrem. A cultura africana desconcerta a noção cartesiana, por isso não há distinção entre ritos religiosos e manifestações festivas, entre o sagrado e o utilitário ou entre atividades pedagógicas e de entretenimento.

Reitera-se, portanto, a ideia de que as obras literárias africanas de língua portuguesa vão além de um projeto estético, tendo também, tão africanamente entrelaçados, interesses de cunho político e histórico, conforme vimos afirmando até aqui. Soma-se a esses aspectos, que fazem parte do mapeamento traçado a partir da leitura e análise de *A geração da utopia*, a valorização de tradições locais, fenômeno que tem se mostrado como uma reação ao fortalecimento do culto à globalização.

Considerada como força vital entre muitas civilizações africanas, a palavra é o sopro do sagrado, que traz com ela a sabedoria e a subjetividade de quem a transmite, para ser perpetuada por quem a recebe. Acerca da oralidade, a pesquisadora Carmen Lucia Tindó Secco observa: “Envoltas em sacralidade, as histórias orais se faziam instrumento dos mais velhos que passavam ensinamentos e conselhos aos mais jovens, fundando, dessa maneira, a ‘cadeia da tradição’, imprescindível ao desenvolvimento das sociedades (SECCO, 2008, p. 26).”

Perseguindo propósitos que vão muito além do prazer que a literatura pode vir a propiciar, ciente do comprometimento político que funciona como força de atuação das suas obras, Pepetela volta-se para o saber local, transmitido por meio da oralidade, e insere-o nas suas narrativas como ponto de referência para a crítica que faz à inevitável influência da cultura global. Seu texto denuncia a desvalorização da tradição oral africana em decorrência do eurocentrismo e do modelo de sistema capitalista que se mostra cada vez mais hegemônico.

É essa denúncia que ratifica o valor de uma angolanidade cada vez mais viva e resistente. A ideia defendida aqui, baseando-nos nas análises de Stuart Hall, é a de uma nação angolana resultante da articulação dos conhecimentos herdados dos ancestrais e das inovações advindas da globalização (2003, p. 77/78). Assim, a força da tradição oral na cultura africana

é tamanha que, mesmo diante das grandes transformações pelas quais todo o mundo vem passando, ela permanece presente não somente no âmbito da literatura, mas também no da religião, das instituições sociais, da política, e dessa maneira determina o cotidiano de seu povo.

No caso específico da escrita literária angolana da contemporaneidade, podemos perceber a influência marcante das narrativas orais, as quais são recuperadas no intuito de reforçar um legado de valores perpassados de geração para geração, fundamentando, desse modo, a elaboração da ideia de nação.

- Talvez. Talvez de velho de kimbo, de sekulo. Esses velhos que desprezamos, imbuídos da nossa cultura citadina judaico-cristã, têm muito a nos ensinar sobre a gestão do tempo, sobre os ritmos da vida. Beberam isso na fonte da sabedoria. Transmitem esses ensinamentos através de fábulas, de poemas orais, de adivinhas. Apesar de aparecerem em livros, não os sabemos ler. O que eles nos dizem, com as suas palavras, e que não entendemos, é que a natureza tem os seus próprios ritmos com os quais nos devemos conciliar para modificar a natureza. Ora, o que fazemos nós, os crioulos híbridos de duas civilizações? Impomos apenas a componente da industrialização e do desenvolvimento exógeno, quer sejamos socialistas quer capitalistas, o que implica outros ritmos (PEPETELA, 1999, p. 259/260).

No fragmento em destaque, podemos notar a ênfase dada pelo personagem Sábio à sabedoria ancestral transmitida oralmente, cujos ensinamentos são desconsiderados por muitos, os quais, segundo ele, preferem ostentar a pretensa superioridade da cultura ocidental. Esse angolano contemporâneo, que o personagem ironicamente chama de “crioulo híbrido de duas civilizações”, mostra-se influenciado pela ideia de superioridade de saberes impostos como universais, mas guardião de uma ancestralidade que chega a lhe ser atávica.

O discurso literário em *A geração da utopia* é, então, produto dessas tensões entre o velho e o novo, a tradição e a (pós)modernidade, o oral e o escrito, a colonização e a descolonização, o passado e o futuro. Os costumes sagrados, herança da ancestralidade africana, são resgatados em meio à complexa estrutura social e política da África subsaariana, inserida no contexto mundial do neoliberalismo. Angola, assim como outros países africanos de língua portuguesa, é dependente economicamente das grandes potências mundiais e, portanto, assume as exigências desse sistema imperialista, sem, no entanto, deixar de lado as heranças culturais e suas tradições.

Faz-se importante ressaltar, no entanto, que esse espaço de busca por uma autonomia é inaugurado a partir de um ambiente de crítica e reflexão. Os escritores pós-coloniais assumem

uma postura contundente, no que se refere aos determinismos impostos pela política colonialista, contudo são conscientes das transformações culturais advindas da globalização. O trânsito de informações internacionais é tal que não há como se pensar numa literatura essencialmente angolana. Para a estudiosa portuguesa Ana Mafalda Leite,

A insistência nos intertextos culturais, orais, indígenas, das literaturas africanas faz parte de um projecto de definição do estatuto nacional das literaturas emergentes, especialmente após a descolonização. [...] A reivindicação é, no seu início, marcada ideologicamente pela ideia nacionalista, que se rege pela nostalgia de uma percepção emocional unificante e que, por seu turno, se identifica com a ideia de uma estética fundamentada nos registos pré-coloniais das culturas africanas orais (LEITE, 2003, p. 44).

O que é posto em xeque é a figura do colonizador, que já não mais paira sobre a cultura angolana como uma referência que se quer predominante. A autonomia perseguida é relativizada pelas contaminações culturais, a luta agora é pela afirmação das tradições locais em meio a uma realidade global. A Angola narrada por Pepetela é a nação do lamento saudoso do velho Salamanga, é o motivo das idealizações de Sábio, é a nação, enfim, cindida por culturas outras. Na contemporaneidade, após os longos anos sob o jugo do colonizador e das profundas influências sofridas com as transformações no cenário político mundial com a queda do regime socialista, as narrativas orais angolanas são revisitadas sob o olhar dos escritores angolanos, marcado pelas complexidades do momento atual.

Mediante todos os acontecimentos que atuaram decisivamente na história sociocultural e política de Angola, muitos escritores e intelectuais, com a conquista da independência, dedicaram-se a pensar o projeto de (re)construção da ideia de nação. As questões identitárias envolvidas em tal projeto exigiam a recuperação das tradições culturais angolanas, daí a importância dada à ancestralidade. Implementa-se, então, uma espécie de resgate do passado, porém essa retomada não é feita de modo saudosista, visto que o passado é revisitado para criticar o processo de apagamento cultural imposto pelo colonizador.

Examinamos, por isso, a maneira como o discurso enunciador em *A geração da utopia* recupera a ancestralidade africana. Em nossa empreitada, analisamos a forma como a narrativa incorporou elementos do universo da tradição oral para compor um discurso combativo. Não somente os horrores impostos pelo colonialismo são denunciados, como também se criticam severamente aqueles que compõem as estruturas de poder, os quais se corrompem em prol de interesses pessoais, ficando submissos à ideologia de consumo atual.

A tensão entre a cultura ancestral africana e os valores ideológicos advindos da globalização, na contemporaneidade, determina a construção, em termos de matéria identitária, da Angola pós-colonial. Desse modo, a nação angolana retratada no romance de Pepetela é plural, marcada tanto pela ligação que mantém com suas tradições, com sua ancestralidade, quanto pelas fraturas causadas pelos valores mercantilistas pregados pela lógica de consumo neoliberal.

Produto dos séculos de resistência que precisou impor diante da cultura opressiva do colonizador, Angola não pode ser vista como um espaço homogêneo. *A geração da utopia* tem sua trama desenvolvida justamente nas complexidades estabelecidas por conta das profundas diferenças raciais, dos trânsitos culturais, das divergências entre os muitos grupos étnicos. As vozes enunciadoras apresentam Angola a partir de um diálogo entre a oralidade e a escrita literária.

Assim, a nossa análise assinalou que a tradição ancestral oralizada é ressignificada literariamente pelas estratégias de uma escrita marcada por traços característicos de um contexto griotizante. A escrita é apropriada, rasurada, para que o discurso enunciador consiga dar conta da oralidade. Inauguram-se novas formas de relacionamento linguístico, o que fica evidente na maneira como a estrutura da língua portuguesa é atravessada por palavras dos diversos falares angolanos, abrindo novos espaços semânticos no percurso narrativo.

A língua portuguesa passa a ser africanizada, outro ritmo lhe é conferido, sua estrutura é alterada; utilizada como veículo conscientizador da luta pela libertação, essa língua deixa de ser domínio dos colonizadores portugueses para propagar a importância da valorização da cultura local. A língua portuguesa, então, perde o caráter de instrumento repressivo para ficar a serviço da revolução, tornando-se uma estratégia de resistência e resgate da cultura angolana.

A utilização, na literatura, das diversas línguas faladas em Angola, por exemplo, é uma artimanha que elabora uma das estratégias para a consolidação de uma expressão linguística angolana. Mesmo diante da preponderância da língua portuguesa, procura-se respeitar as marcas dos falares angolanos. “O recurso ao quimbundo”, novamente recorrendo às afirmações de Alfredo Margarido, “assim como às deformações fonéticas do português, não são uma tentativa folclórica ou populista, mas a busca duma semântica angolana” (MARGARIDO, 1980, p. 339), ou mesmo a montagem de uma “dicção”, segundo Laura Padilha. O tom coloquial que é dado na escrita literária de *A geração da utopia* abre espaço

para que se efetive a oralidade no texto escrito, como pode se notar no trecho destacado na sequência:

Fomos nas matas. Outros que estavam do lado de cá do Muiê disseram que iam ver ainda. Os soldados levaram-nos no arame farpado, apanharam o gado deles. Foi eles disseram: Hum, hum, aqueles outros foram nas matas, eles é que têm razão. E também abriram. Os do Movimento começaram a nos mobilizar que somos todos camaradas. Mas afinal era só mentira. Vinham só comer da comida do povo. Muitos rapazes aceitaram lutar, alguns foram castigados só atoamente, não pode. Eu, no meu coração, pensei: esse Chapuile é da minha tribo, posso falar com ele (PEPETELA, 1999, p. 185).

O romance de Pepetela, ao mostrar-se como uma forma de denúncia da política colonialista e de crítica à ideologia de consumo propagada pelo neocolonialismo, evidencia o caráter combativo das obras literárias pós-coloniais. Nessa trajetória de combate aos valores ocidentais, a cultura local é resgatada, com o objetivo de reconstruir a identidade nacional por meio da literatura, conforme cita Laura Padilha:

Na retomada dos modelos nacionais, a tradição oral vai funcionar como mecanismo transformador dos novos padrões estéticos. O desvio da norma e a nota dissonante – tão caros à modernidade – são conseguidos com o traço dessa nova fala ficcional, griotizada e griotizante, que é tanto letra quanto voz e gesto (PADILHA, 1995, p. 138).

A pesquisadora mencionada chama a atenção para um importante aspecto das literaturas africanas modernas de língua portuguesa: a griotização. Antigos contadores de história, os *griots* transmitiam os saberes da cultura africana por meio de narrativas e poesias. Tal qual os *griots*, os escritores se utilizam das técnicas da tradição oral para narrar suas histórias, resultando no que Laura Padilha chamará de “griotização da escrita”. Um processo que, segundo ela, buscava atender à necessidade específica dos escritores africanos de língua portuguesa, que, envolvidos no movimento revolucionário, procuravam informar e conscientizar seu povo para a importância da luta armada.

Os textos escritos, nessa perspectiva, podem ser narrados oralmente para um público ouvinte, reproduzindo os costumes dos ancestrais. Pelo fato de costurar na tessitura literária a língua portuguesa e os diversos falares angolanos, a narrativa de Pepetela ultrapassa os limites da nação angolana e faz com que um público cada vez maior tome conhecimento da história sociopolítica de Angola. Da simbiose resultante entre a língua do colonizador e a(s) língua(s) do colonizado, constrói-se um ambiente de leitura que não se restringe ao povo angolano.

Percorrer a trajetória histórica de Angola – por meio de uma obra ficcional, situada no período das primeiras organizações do movimento para a independência, forjada na Casa dos Estudantes do Império, até os anos após a vitória sobre o colonizador – leva a uma série de reflexões sobre a nação angolana pós-independência e os indivíduos que, tomados de heroísmo, priorizaram uma coletividade, em detrimento de suas vidas. Embora o romance *A geração da utopia* configure marcas de uma época específica, os anos 1990, ele direciona o nosso olhar para um passado recente, no intuito de nos tornarmos capazes de refletir acerca do futuro da nação angolana. Influenciado pelas ideias de Marx, no que tange à atemporalidade da arte, Ernst Fischer discorre sobre a função da arte, o que fundamenta as nossas afirmações.

O que importa é que Marx enxergou que, na arte historicamente condicionada por um estágio social não desenvolvido, perdurava um *momento de* humanidade; e nisso Marx reconheceu o poder da arte de se sobrepor ao momento histórico e exercer um fascínio permanente. Podemos colocar a questão da seguinte maneira: toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento (FISCHER, 1987, p. 17).

Assim, esta viagem antropológica possibilitada pela narrativa de Pepetela, ao invés de buscar um destino determinado, quer o terreno fluido das indeterminações, das errâncias. A presente análise chega até aqui percorrendo caminhos que não revelaram um fim, já que viajar por uma trajetória apontada pela arte é, em si, uma proposta de análise inconclusiva. Conforme as vozes enunciativas de *A geração da utopia*, por ser um exercício de constante luta pela liberdade, precisa-se evitar procurar respostas deterministas acerca de todo o processo que culminou na conquista da independência da nação angolana.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, BENJAMIN. **De Vãos e Ilhas**: literatura e comunitarismos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Trad. Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: **Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser**. Rocha, João Cezar de Castro (Org.). Trad. Bluma Waddington Vilar, João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa**. Lisboa: A regra do jogo, 1980.

MARX, Karl. **Manuscritos Económicos e Filosóficos**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1964

MATA, Inocência. A periferia da periferia. In: **Revista de Língua e Literatura**, Lisboa, Universidade Aberta. 2007.

MATA, Inocência. Pepetela: A Releitura da História entre Gestos de Reconstrução. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (orgs.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MOURALIS, Bernard. **As contraliteraturas**. Trad. António Filipe Rodrigues Marques e João David Pinto Correia. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EDUFF, 1995.

PEPETELA. **A geração da utopia**. Luanda: Editorial Nzila, 1999.

PEPETELA. **As Aventuras de Ngunga**. São Paulo, Ática, 1980.

PEPETELA. **Mayombe**. 2. edição. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1980.

PEPETELA. **O Cão e os Caluandas**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.

RIAÚZOVA, Helena. **Dez anos de Literatura Angolana: ensaio sobre a moderna literatura angolana 1975-1985**. Luanda: U. E. A., 1986.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **A magia das letras africanas**: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

Recebido em: 01 de junho de 2015.

Aceito em: 10 de julho de 2015.

TABULEIRO DE LETRAS

De la « manawa » à la prescriptrice de mode : la contribution des Dominicaines à l'esthétique de la Guadeloupe

From street walker to trend setter: the contribution of women from the Dominican Republic to Guadeloupe's aesthetic

Alix Pierre¹

RÉSUMÉ: Après les ressortissants d'Haïti, la communauté dominicaine est la plus importante en Guadeloupe, au regard des chiffres. Si une grande majorité des Haïtiens sont dans le secteur d'activité maraîcher, les Dominicains en sont absents. Ils sont au contraire plus diplômés et la population immigrante est majoritairement féminine. Il existe deux termes dans le vocabulaire créole guadeloupéen pour souligner la présence dominicaine: *manawa* et *kolokèt*. Lourds de sens (ils font tous les deux références aux prostituées importées), ils révèlent les préjugés en place dans la psyché guadeloupéenne. Si la population hispanophone a changé au fil du temps, tant au niveau du nombre que des compétences apportées, la désinence est restée la même. Dans le subconscient collectif, l'image de la République Dominicaine sur le sol guadeloupéen se résume aux professionnelles du sexe qui arpente la rue Raspail, dans le quartier du Carénage. Cependant, cette perception étriquée, défavorable et voire xénophobe ne rend pas compte de l'intégration des Dominicains, et en particulier les femmes, dans le paysage socioculturel guadeloupéen. Le présent travail examine le décalage existant entre le lexique dévalorisant et la contribution dominicaine réelle dans le champ esthétique. Une attention particulière est accordée aux causes et condition de la réinstallation, aux relations entre les immigrés

¹ AP African Diaspora and the World. Spelman College. E-mail: apierre2@spelman.edu

Diplômé de l'Université de la Sorbonne, Paris III (Maîtrise, Diplôme d'Études Approfondies) et the Florida State University (Doctorat), Alix Pierre enseigne dans les départements de World Languages and Literature et African Diaspora and the World à Spelman College, à Atlanta, aux États Unis. Il a enseigné en France, aux Antilles et dans divers établissements en Amérique. Ses domaines de spécialisations ont les études francophones ainsi que les études postcoloniales. Il s'intéresse en particulier à la réponse artistique des Afro-descendants en état de diglossie dans un contexte (néo) colonial. Il est l'auteur de *L'image de la femme résistante chez quatre romancières noires: vision diasporique de la femme en résistance chez Maryse Condé, Simone Schwarz-Bart, Toni Morrison et Alice Walker* (Saarbrücken: PAF, 2014). Il fait partie du comité de rédaction des revues *Caribbean Vista: Critiques of Caribbean Arts and Culture* et *Negritud: Journal of Afro Caribbean Studies*. Il est membre du bureau de l'Association des Écrivains de La Caraïbe.

Mestre pela Universidade de Sorbonne - Paris III e Doutor pela Florida State University. Professor do Departamento de Idiomas do Mundo, Literatura e Diáspora Africana no Spelman College, em Atlanta, Estados Unidos. Ele ensinou na França, no Caribe e em várias universidades norte-americanas. Suas áreas de especialização são estudos francófonos e estudos pós-coloniais. É autor de "A imagem da mulher forte em quatro romancistas negras: a visão diaspórica das mulheres na resistência em Maryse Condé, Simone Schwarz-Bart, Toni Morrison e Alice Walker (Saarbrücken: PAF, 2014). Faz parte do conselho editorial das revistas *Perspectivas Caribenhas: crítica de artes e cultura* e *Negritud: revista de estudos afro-caribenhos*. É membro da Associação dos Escritores do Caribe.

celui où il lui faut uniquement un soin ou un shampoing. Ces deux prestations sont le plus fréquemment réalisées.

Le budget s'analyse de la façon suivante:

2) Étude du budget mensuel

Exemple 1 : défrisage

Dans cet exemple précis, au cours du mois, cette cliente va réaliser trois prestations. Pour un bon entretien des cheveux, un défrisage doit être suivi de soins.

Fréquence	Prestations	Coût
Première semaine	Défrisage + couleur + coupe + brushing	75 €
Deuxième semaine	Soin après le défrisage (8 à 10 jours plus tard)	30 € 40 € (avec ampoule)
Quatrième semaine	2ème soin 15 jours plus tard	30 € 40 € (avec ampoule)
Budget mensuel		155 € (75 + 40 + 40)

Remarque: un défrisage ou une retouche peut être effectuée toutes les 6 à 8 semaines

Exemple 2: un shampoing seul

Prestation	Tarif	Prestation	Tarif	Prestation	Tarif
1 shampoing par semaine	25 €	Un soin tous les 15 jours	30 à 40 €	Un soin et un shampoing par mois	55 à 75 €
2 shampoings par semaine	50 €	2 soins par mois	60 à 80 €		
3 shampoings par semaine	75 €				
4 shampoings par semaine	100 €				
Budget mensuel (4 * 25)	100 €	Budget mensuel	30 à 80 €	Budget mensuel	55 à 75 €

Remarque: un shampoing est réalisé chaque semaine ou tous les quinze jours en moyenne. Les soins peuvent être alternés avec des shampoings. Il est important de noter que ces tarifs se situent dans la moyenne.

Notons que de plus, en sus du shampoing, défrisage et autres prestations, il faut ajouter les ventes additionnelles destinées à l'entretien quotidien du cheveu. Ce qui vient augmenter les dépenses consacrées au poste coiffure. Pour une efficacité optimale et un entretien quotidien, il faudrait nourrir ses cheveux de sérum, de masques, et de crèmes spécifiques adaptées à la nature des cheveux.

sympathisants.¹⁸De nombreuses boîtes de nuit comme le Blue Night, Amazone, la Casa del tango, Lola Palozza, et Bik Kréyol organisent également des soirées spéciales consacrées aux danses latines. De la simple offre de cours, on est passé aujourd'hui à l'organisation de compétitions très prisées comme Salsamania qui font venir les professionnels de rangs mondiaux dans l'île.

Il convient de remarquer que l'engouement pour la musique de la République Dominicaine précède de loin l'intérêt pour la danse. Au courant des années 80, les Guadeloupéens admirent José Luis Guerra, et avant lui Wilfredo Vargas et Johnny Ventura. Le premier est sans doute le crooner dominicain le plus connu en Guadeloupe. Ainsi, la piste de danse a confirmé l'importance de la salsa en tant que prescriptrice de mode.

La danse, vecteur de sensualité, contribue dans une certaine mesure à renforcer dans les mentalités cette importance de l'esthétique dans la relation « amoureuse, » et chez les hommes tend à créer cette idée de la beauté latine comme « standard ».

Les hommes guadeloupéens, qui ne l'oublions pas sont à l'origine de la migration des Dominicaines sur le territoire, ont pris note. Et chemin faisant, de simple « consommateurs »¹⁹ du début, ils sont passés d'un rapport purement mercantile avec les femmes latines à une relation amoureuse. Dorénavant, la femme n'est plus perçue comme une « salope » dont on paie les services avec tout le mépris inclus dans l'échange, mais comme une compagne souhaitable. Au quotidien, la relation prend soit la forme du concubinage soit de plus en plus celle du mariage. Le recensement de 1999 montre que « parmi les immigrés qui vivent en couple 41% sont en union avec une personne non immigrée » (Atlas 19). L'étude va plus loin en affirmant que « les femmes immigrées forment plus souvent que les hommes immigrés en couple avec une personne non immigrée » (respectivement 49% et 31%) (Atlas 19).

En dernier ressort, la force conjuguée des soins esthétiques, de la danse, de la musique et du code amoureux font que, de plus en plus, la République Dominicaine est devenue une destination de rêve promue par les agences de voyage. De Pointe-à-Pitre, il est aujourd'hui possible de se rendre par avion à Boca Chica, Puerto Plata, Punta Cana ou Saint-Domingue pour une somme modique.²⁰En plus des autres attractions, le festival de merengue, qui a lieu en Juillet, attire un public nombreux.

¹⁸Au nombre des associations et clubs, on compte Camino, Café con léché, la Candéla, Salsarosa et Viva Salsa.

¹⁹Dans le cadre de la prostitution s'entend.

²⁰Par exemple, l'agence Penchard Voyages propose neuf formules différentes de séjour allant de 2 à 8 jours, à des tarifs compris entre 344 € à 1.039 € et qui incluent le vol aller-retour et l'hébergement.

CONCLUSION

Grâce à son goût prononcé pour l'esthétique, l'élévation de son niveau d'étude, et son mental d'entrepreneur ainsi que la reconnaissance de ses compétences dans le secteur de la beauté, le statut d'immigrée de bas de gamme qui est malheureusement encore le lot commun des Haïtiennes et de Dominicaines tend à ne plus s'appliquer à la Dominicaine. En effet, si les premières à débarquer en Guadeloupe se cantonnaient à la prostitution, aujourd'hui les nouvelles venues ont d'autres options qui s'offrent à elles.

Leur maîtrise de savoir-faire dont la demande est en constante progression de la part de la population locale leur offre des perspectives de débouchés tant sur le plan économique, social que culturel. Ainsi, vu le succès des techniques et compétences qu'elles ont emmenées avec elles de la RD, on assiste dans une certaine mesure à une « latinisation » de l'esthétique antillaise. On constate donc une forte intégration par l'activité économique qui tend de plus en plus à se renforcer et ce grâce à l'implantation également de surfaces de vente dédiées à la cosmétique et à l'esthétique (magasins de vêtements, produits d'esthétique...).

Cependant, loin d'être éphémère cette « dominicanisation » prend racine et s'étend au champ amoureux. Bien que les mariages inter-dominicains prédominent toujours, il est à noter que les Guadeloupéens vivant maritalement avec des Dominicaines ou les épousant est en progression constante.²¹ En plus de leur plastique, il est clair que l'intégration par l'activité économique met ces femmes en position de force et augmente sensiblement leurs chances de trouver un prétendant fiable, eu égard à la respectabilité acquise par le biais du travail. Arrêtons-nous un instant sur le nombre d'enfants nés de ces relations, qui sont de droit français. Fort des bénéfices de la scolarisation mise à leur disposition, une fois sur le marché de l'emploi ils seront en mesure de jouer un rôle de premier ordre dans la société. Leur intégration et celle de leurs mères les positionne de telle manière à influencer la Guadeloupe sur le plan social, économique et culturel.

En effet, si jusqu'à maintenant l'impact des Haïtiens et Dominicains n'est pas nécessairement notoire²² dans la mesure où ils sont issus de cultures créolophones comme

²¹ Outre un constat ponctuel de la tendance, l'INSEE n'a malheureusement pas de chiffres à proposer.

²² L'amour des Guadeloupéens pour le kompadirèk haïtien dément cette perception. D'autre part, la présence et l'influence du groupe *TambouGuinen* dans le carnaval de Guadeloupe reste à étudier. Enfin, lorsque l'artiste

les Guadeloupéens²³, il en va autrement des Dominicains. Il nous semble que même si l'intégration demande que ces derniers maîtrisent les langues du pays d'accueil, la présence du langage espagnol appelle un repositionnement linguistique de la part du gros de la population d'accueil qui peut à terme porter des fruits.

A l'ère de la mondialisation, il serait peut-être bon de cultiver le rhizome latin/hispanique. On peut penser que l'émergence de cadres, de diplômés hautement qualifiés maniant couramment le français, l'espagnol, l'anglais et le créole représente un avantage majeur non négligeable. On peut imaginer des accords commerciaux et de coopération plus substantiels entre la Guadeloupe et la République Dominicaine par l'entremise du Conseil Régional, sous le haut patronage de l'Élysée. Dans le champ universitaire, des partenariats entre les universités dominicaines et l'UAG afin de soutenir un programme d'études caribéennes latines de premier ordre sont également envisageables. Le paysage audiovisuel local gagnerait également en une représentation plus nuancée et juste des différentes composantes (linguistiques, raciales, identitaires) de la société guadeloupéenne. Il sera intéressant de se pencher sur les recensements à venir et les changements observés au sein de la communauté dominicaine.

REFERENCES

ATLAS des populations immigrées en Guadeloupe. INSEE édition 2006

CARDET, L. L'esthétique se veut touche à tout. **Franchise Magazine**. Web site. Disponible à: <<http://www.franchise-magazine.com>>. Consulté le 14 Mai 2012.

CODE de la Santé publique, article L.5131-1 - **Commentaire d'utilisateurs sur la crème**. Site Web. Disponible à: <<http://www.unhomme.fr/page/.../marche-cosmetique.php>>. Consulté le 14 Mai 2012.

Enquête INSEE 2006 - **Étude du marché des cosmétiques en France**. Site web. Disponible à: <<http://www.oodoc.com>>. Consulté le 14 Mai 2012.

ÉTUDE marketing. Site web. Disponible à: <<http://www.paperblog.fr/828768/le-marche-de-la-cosmetique-bio-en-plein-boom-causes-et-consequences/>>. Consulté le 14 Mai 2012.

FRANCE, Antilles Guadeloupe. 20.04.2009

auteur, compositeur, interprète Dominique Coco nomme son groupe KaraïbKoumbeat, l'observateur est en droit de se demander s'il s'agit là d'un acte fortuit ou d'une forme de révérence.

²³Quoi qu'il y ait des différences notoires.

Fabrice Hatem. Site Web. Disponible à: <http://fabrice.hatem.free.fr/index.php?option=comcontent&task=view&id=155&Itemid=45>. Consulté le 14 Mai 2012.

GUADELOUPE. Réapparition de la xénophobie anti-haïtienne. **Lutte de classe**. No 90. Septembre 2005. Disponible à: <<http://www.secretsid.com/2009/10/avene-tolerance-extreme/>>. Consulté le 14 Mai 2012.

LE MARCHÉ de la beauté et du bien-être. Disponible à: <<http://www.annoncebeaute.com>>. Consulté le 14 Mai 2012.

LE MARCHÉ des cosmétiques bio, produits de soin naturels. Disponible à: <<http://www.oodoc.com/68425-france-marche-cosmetique-france-analyse.php>>. Consulté le 14 Mai 2012.

MARKETING Etudiant. Site Web. Disponible à: <<http://www.marketing-etudiant.fr/.../marche-cosmetiques.php>>. Consulté le 14 Mai 2012.

MAXIMIN, C. **La parole aux masques**: littérature, oralité et culture populaire dans la Caraïbe anglophone du XX siècle. Paris: Éditions Caribéennes, 1991.

MOREL, A. **Dominicanidades**. Site Web. Disponible à: <<http://www.aleida.net/salon-en.html>>. Consulté le 14 Mai 2012.

MULOT, S. **Chabines et métisses dans l'univers antillais**: entre assignations et négociations identitaires. Disponible à: <<http://www.clio.revues.org/7447>>. Consulté le 6 Mai 2012.

SMERALDA, J. **Peau noire, cheveu crépu**: l'histoire d'une aliénation. Pointe-à-Pitre: Éditions Jasor, 2004.

Recebido em: 27 de maio de 2015.

Aceito em: 30 de junho de 2015.

D'un autre côté, les produits naturels pour cheveux contiennent des vitamines et des protéines qui viennent des fruits et des légumes, autrement-dit de la nature. Ils nourrissent les cheveux en leur procurant les nutriments nécessaires à l'obtention d'un rendu et d'une texture soyeuse. Au final, votre cheveu est en bonne santé. Beaucoup de femmes trouvent qu'après avoir utilisé ces produits, leurs cheveux restent en bonne santé de façon permanente.

On a pu observer que l'un des plus gros problèmes résultant de l'usage des produits et techniques (noirs) américains est qu'ils endommagent les cheveux. Les crèmes relaxantes, les colorants chimiques et les méthodes de coiffage corrosifs comme les permanentes ou les couleurs ont tendance à abimer la tige du cheveu. En revanche, les salons de coiffure dominicains ont la réputation de se concentrer sur la promotion de la santé des cheveux. L'accent est mis sur le maintien et le traitement des cheveux. Cela est dû en grande partie au grand nombre de produits coiffant fabriqués avec des ingrédients propres à la Caraïbe. En utilisant une gamme de produits concentrés sur la santé des cheveux, les professionnelles s'inscrivent dans une démarche de développement durable.

Les coiffeuses *pan'nyol* ont trois autres éléments déterminants dans leur arsenal commercial, le délai d'attente qui tend à diminuer du fait de la rapidité à laquelle s'exécute chaque étape des prestations, les tarifs compétitifs et les services complémentaires. L'une des plaintes les plus courantes dans les salons antillais, concerne le temps d'attente. Aux dires de clientes interrogées, il n'est pas rare d'être prise en charge une heure après l'horaire programmé de votre rendez-vous. Ensuite, en fonction du service requis, il est possible de passer au moins 30 minutes sous le casque pour le séchage. Tout compte fait, lorsque l'on met bout à bout le temps consacré aux différentes opérations, il est fréquent qu'une cliente passe en moyenne un temps relativement long dans un salon. On constate que dans beaucoup de salons, l'équipe de travail est composée en moyenne d'une à deux personnes, ce qui contribue à augmenter les délais d'attente. A l'inverse, beaucoup des consommatrices fréquentant des salons dominicains affirment que beaucoup d'efforts sont réalisés afin d'écourter les délais d'attente notamment en proposant des prestations complémentaires (soins des pieds et des mains, soins du visage, maquillage...). Ce qui contribue à renforcer ce professionnalisme et à bien mettre en évidence que dans l'esthétique ce qui prime c'est l'anti-stress. Cette valeur ajoutée constitue l'arme secrète des coiffeuses.

Non seulement vous perdez moins de temps dans un salon dominicain, mais on cherche à l'optimiser au maximum pour renforcer votre capital beauté. Ainsi, le gain de

temps est inestimable pour des femmes qui doivent mener de front vie professionnelle et vie familiale.

D'autre part, alors que les salons antillais sont devenus plutôt coûteux, leurs homologues dominicains parviennent à facturer moins cher les prestations tout en offrant les mêmes services à leurs clientes. Ainsi, ces dernières jouissent de la possibilité d'avoir leurs cheveux entretenus par une professionnelle plus souvent. Et cela signifie souvent des cheveux en meilleure santé.

La fidélisation du client est importante. Il faut donc faire preuve d'ingéniosité et être attentif aux besoins du client tant sur le plan esthétique que financier. D'où la nécessité de mettre en place des tarifs attractifs pour mieux répondre à leurs attentes.

Si d'une manière générale chez la Caribéenne l'esthétique est culturelle, l'attention accordée au corps semble encore plus mise en valeur chez la Dominicaine, et la Brésilienne. Sur le plan de la plastique, rien ne semble négligé ou laissé au hasard. Le culte de la beauté est entretenu. L'un des exemples les plus convainquants est sans doute le nombre élevé de Caribéennes hispaniques, d'Amérique centrale et d'Amérique latine qui de manière régulière se classent parmi les trois finalistes du concours de Miss Monde ou de Miss Univers.¹⁴ Aleida Morel, une experte en maquillage et soin de la peau, confie :

La plus part des Dominicaines ont les cheveux bouclés (*el pelotexturado*) et ceux-ci demandent beaucoup d'attention. Par conséquent, presque toutes les Dominicaines vont au salon de coiffure (*el salón de belleza* ou la *peluquería*) une ou deux fois par semaine. A la République Dominicaine, et quelque soit le pays où nous vivons, le salon de coiffure occupe une grande place dans notre culture (The Dominican Hair 1).

Les atouts majeurs dont dispose la femme originaire de la RD sont ses cheveux (le résultat d'un mélange entre Africains, Européens et Amérindiens), son teint, ses ongles bien faits et son maquillage impeccable et les secrets de beauté bios concoctés depuis la nuit des temps pour maintenir cette belle apparence. Les îles de la Caraïbe présentent des sociétés hautement stratifiées issues de la plantocratie. En tant que telles, le pouvoir se négocie à la jonction des rapports de classes, de race et de pigmentation de la peau. Dans une analyse socioéconomique et politique des îles de la région, Colette Maximin affirme : « Dans les

¹⁴La gagnante de Miss Univers 2008 était vénézuélienne, la première dauphine était de la Colombie et la seconde de la RD. La RD a remporté le titre en 1982 et en 2003. Miss univers 2009 était une vénézuélienne et sa seconde dauphine était une Dominicaine. En 2010, la deuxième dauphine de Miss Monde était une vénézuélienne.

sociétés pluriethniques et très stratifiées de la Caraïbe, il est impossible d'éluder les facteurs de race et de classe » (La Parole 91). Plus sa peau est claire, plus l'individu est bien perçu dans la société. Et inversement, plus sa peau est sombre, plus négative est sa perception.

A ce propos, le discours sur les cheveux cristallise de manière admirable le concept d'identité et d'image de soi. « La texture du cheveu s'est vu dotée d'un véritable coefficient de discrimination » affirme Juliette Sméralda (Peau noire 8). Sur l'échelle de gradation, le cheveu crépu est relégué en bas de liste au profit du « bèlchivé »¹⁵ (*pelobueno*) qui souligne presque toujours l'ascendance européenne. En fait, le cheveu et la pigmentation de la peau sont au cœur du discours discriminatoire. Sméralda précise : « Depuis le 16^{ème} siècle, les traits que sont la couleur plus ou moins foncée de la peau, l'état laineux de la chevelure et un visage prognathe (oblique) se trouvèrent fréquemment associés, dans le discours sur l'infériorité intellectuel et social des porteurs » (Peau noire 8).

D'une certaine manière, par un jeu de transfert au niveau du subconscient, la femme dominicaine, qui dans beaucoup mais pas tous les casa le teint clair, une texture de cheveux non négroïde, dispose d'une poitrine généreuse et d'un arrière train ample est un condensé de tout cette glose raciale et esthétique valorisante. De plus, là où la Guadeloupéenne élevée dans le culte de la respectabilité apostolique et romaine donne la primeur à la tempérance et la sobriété quant à son image extérieure, la latine semble avoir moins d'inhibition à exposer son corps, en particulier à la vue des hommes.

Il s'en suit qu'en plus des techniques de coiffure révolutionnaires, les shorts moulants, les matières qui prennent la forme du corps comme le lycra, les talons-aiguilles à la hauteur vertigineuse, tout comme les combinaisons ahurissantes de faux ongles ont fait leur apparition sur le marché guadeloupéen.

Si certaines *pan'nyol* se parent sans difficulté de toute cette panoplie dans leur quotidien, il existe un cadre qui a et continue de propulser la latine sur le devant de la scène sociale guadeloupéenne où elle est sublimée, la piste de danse. La vague des danses latines a déferlé sur la Guadeloupe dans les années 90 et n'a cessé d'aller grandissante depuis. Associée d'abord aux salles de sport¹⁶, la salsa¹⁷, la bachata et le merengue se sont aujourd'hui organisées en clubs ou associations qui comptent de nombreux

¹⁵Le cheveu de bonne qualité.

¹⁶Le club Stélia et Sam Body ont été les premiers à engager des professeures latines.

¹⁷Au niveau du grand public on ne distingue pas vraiment les trois danses. Ainsi, le terme « salsa » qui est apparu en premier est générique. Dès lors, il importe peu que la salsa soit cubaine et que les ressortissants hispaniques soient de la République Dominicaine.

Comment expliquer l'évolution de ce marché et la percée des Dominicaines dans ce secteur? Il faut savoir que les cheveux défrisés demandent beaucoup d'entretien. Une femme se lave les cheveux en moyenne tous les dix à quinze jours. A cet effet, certaines préfèrent aller chez la coiffeuse plutôt que de s'en charger elles-mêmes. Sur un échantillon de cent Antillaises interrogées, voici les raisons les plus populaires avancées pour faire faire son shampoing par sa coiffeuse, plutôt que de le faire soi-même:

Argument 1	C'est mieux fait, surtout la partie coiffage (pose des bigoudis, brushing)
Argument 2	C'est un vrai moment de plaisir, un moment de détente pour soi
Argument 3	Certaines coiffeuses vous proposent des massages pour vous relaxer, cela favorise la micro circulation et la repousse
Argument 4	C'est l'occasion de se faire belle, de mettre en valeur son capital beauté
Argument 5	C'est important pour l'image selon le type de métier exercé

Au final, on retient que, selon le budget de chacun, la part de dépense consacrée à l'esthétique et plus précisément à la coiffure peut varier de 100 à 160 euros en moyenne sur les deux prestations mentionnées ci-dessus. En prenant en considération l'enquête menée auprès de notre échantillon de cent femmes et les prestations auxquelles elles souscrivent, il est possible d'affirmer que les dépenses mensuelles au poste de coiffure pourraient représenter en moyenne, un chiffre d'affaires mensuel de l'ordre de 12.800 € dans la zone géographique étudiée. Précisons selon les éléments de l'enquête, qu'environ 40% de ce chiffre d'affaires est destiné à des salons appartenant à des hispaniques, soit 5120 euros. Compte tenu des réponses apportées par l'enquête, nous pouvons donc déduire, qu'annuellement, un chiffre d'affaires potentiel de 61440 euros pourrait être réalisé par des salons de coiffure appartenant à des ressortissants de la RD, dans la commune des Abymes.¹³

Quelle est la raison de ce succès ? Indéniablement ces femmes dominicaines sont courageuses, intelligentes et en tant que chefs d'entreprise s'en sortent à bon compte. Elles brassent un volume d'argent important. L'argument le plus probant en faveur de cette thèse est la prolifération constante de salons. Est-ce trop s'avancer que d'affirmer que l'on assiste à une passation de pouvoir dans le domaine de l'esthétique et de la beauté en terre guadeloupéenne? Il est de coutume d'attribuer le succès économique de la diaspora asiatique à sa ténacité, sa solidarité et son effacement. Il faudrait peut-être appliquer les mêmes

¹³Ce sont les dépenses annuelles de 100 femmes ayant les cheveux défrisés (simulation 1).

critères aux femmes latines. Sous leurs airs de migrantes perçues comme « innocentes », « effacées », « timorées » voire « illettrées », grâce à leur savoir-faire technique, leur coup marketing et il faut le dire leur phénotype qui est la tendance du moment à l'échelle mondiale comme le confirme la couverture médiatique dont jouissent les icônes comme Shakira, J-Lo, Thalia, Zoe Saldana, Salma Hayec, Penélope Cruz, Eva Longoria, Roselyn Sánchez, Eva Mendes et Sofia Vergara, pour ne citer que celles-ci, elles pénètrent sur le marché, et petit à petit sont en train de « supplanter » les Guadeloupéennes. Elles semblent avoir compris qu'une politique compétitive des prix, alliée à un marketing de choc (dont fait partie leur beauté) sont des atouts indispensables pour réussir dans le monde des affaires et que le marché de l'esthétique dans le bassin caribéen est une valeur sûre et en plein boom.

CONTRIBUTION SOCIALE ET CULTURELLE

Si l'on veut comprendre les raisons de ce succès dans le secteur de la beauté et de l'esthétique, il est important d'observer ce qui se passe sur le plan social et culturel. Dans la société antillaise contemporaine, les soins chez le coiffeur commencent de plus en plus tôt. Auparavant occasionnelle, réservée aux communions, aux mariages et aux baptêmes, l'esthétique prend aujourd'hui de plus en plus de place dans le quotidien des femmes. Les Antillaises, comme les autres femmes de la planète sont influencées par la télévision, les magazines, internet et les phénomènes de mode. Ayant accédé au monde du travail en force, elles disposent de revenus dont elles peuvent jouir à leur guise.

A partir du lycée, les jeunes filles entre 16 et 18 ans se rendent en moyenne une fois par mois ou tous les deux mois chez le coiffeur pour leur défrisage. Le revenu de leurs parents leur permet de disposer d'un budget qui n'était pas disponible à leurs mères et encore moins à leurs grand-mères à leur époque. Parallèlement, les progrès réalisés en matière de recherche et de développement ont rendu possible une mise à disposition d'une plus large palette de choix au niveau des produits et des services adaptés aux besoins du cheveu noir. Une étude française récente concernant le marché de la beauté et du bien-être rapporte que « la beauté ethnique révèle un essor important ces dernières années et s'apprête à devenir la dernière niche inexplorée d'un marché à l'offre pléthorique » (Le marché 1). Dans le même document le lecteur apprend que le marché des cosmétiques ethniques ou ethno-cosmétique vaut 50 millions d'euros en France et que le panier moyen d'une cliente est de 3 à 5 fois supérieure à celui d'une blanche.

Précisément, en matière de nouveautés, les Dominicaines semblent avoir plusieurs longueurs d'avance sur les professionnelles guadeloupéennes. Dans le domaine concerné (le service à la personne), elles disposent de plusieurs atouts non négligeables. Dans les salons où elles travaillent, selon les consommatrices interrogées, elles bénéficient de facteurs clés de succès qui contribuent à la satisfaction des clients et renforcent ainsi leur réputation de divas de la beauté.

Les facteurs clés de succès

La politique de communication	Une bonne communication
Le plan marketing	Des tarifs attractifs Une bonne image (elles ont les cheveux bien entretenus, sont manucurées et pédicurées) Elles sont leurs propres modèles
La qualité de service et des produits	Un bon accueil L'expérience Une atmosphère conviviale Une bonne présentation Un savoir-faire inégalé L'accès à du rêve La confiance Des techniques plus performantes Un bon rapport qualité prix
Le bien être et l'épanouissement	Elles contribuent à développer une meilleure image de soi Elles participent à la préservation du capital beauté Elles contribuent à l'équilibre et au développement d'une image sécurisante

En plus des services traditionnels, dans les salons on vend du rêve, du design. Le salon devient un lieu unique où on se fait choyer. On se réinvente et on acquiert du bien-être. Ces professionnelles offrent des techniques, des tarifs, et un service qui n'a pas d'équivalent sur place et que nous allons maintenant examiner en détail.

De plus en plus, l'ascension sociale se crée autour de l'esthétique. On mise sur son image, sa beauté. Ceci appelle de plus en plus de technicité. Pour vendre du rêve et rester compétitif sur ce marché fortement concurrentiel, il faut du savoir-faire, être à l'affût de techniques de pointe. Concernant les techniques, il faut diviser le sujet en deux et discuter d'un côté des produits utilisés et de l'autre du traitement des cheveux en soi. Les stylistes dominicaines utilisent des produits de marque populaires dans le milieu professionnel

comme Sebastian, Biolage, Paul Mitchell et Nexus, pour ne citer qu'eux. Cependant, elles font usage également de produits dominicains traditionnels à base de fruits, de légumes naturels et de protéines animales.

S'agissant des techniques de coiffage, après avoir lavé les cheveux, elles appliquent l'après-shampooing. Puis, elles couvrent la tête de la cliente d'un bonnet en plastique et la laissent sous le bonnet séchoir (*el secador*) pendant 10 à 20 minutes. Ensuite, elles lui rincent les cheveux et mettent les rouleaux (*los rolos*). Puis, la cliente passe entre une heure et une heure et demie sous le séchoir (*secador*). La durée est fonction de la nature et de la longueur des cheveux. Après quoi vient le coiffage des cheveux. Si vous voulez que vos cheveux soient lisses, les coiffeuses décrêpent à l'aide d'un sèche-cheveux (*secar a mano*) et d'une brosse les boucles ou les ondulations laissées par les rouleaux.

Il s'agit ici de la version simplifiée du processus. Il faut savoir que des phases intermédiaires du *lavado y secado* (lavage et séchage) comprennent un traitement chaud d'huile, un massage du cuir chevelu (*un masaje*) qui stimule les racines (*estimular las raíces*), ainsi que l'application d'un traitement spécial (*tratamiento, suero, ampollas, gotas*) si besoin est.

En outre, les coiffeuses possèdent une technique de coiffage appelée « doobie » (*envoltura*), qui donne aux cheveux des femmes noires du corps et du volume sans utiliser de produits relaxants chimiques corrosifs. Après avoir lavé les cheveux et appliqué l'après-shampooing (*un acondicionador para sobre el cabello*), on pose les gros rouleaux (*los grandes*) puis la cliente s'installe sous le séchoir bonnet. Une fois les cheveux complètement secs, on les défrise au sèche-cheveux à l'aide d'une brosse ronde (*cepillo redondo*) et ensuite on les enroule autour de la tête, et on les maintient au moyen d'épingles ou de pinces. On attache pardessus un foulard en soie avec lequel on s'endort. Plus les cheveux restent attachés longtemps, plus l'effet s'améliore. On peut répéter ainsi l'opération chaque soir. On obtient ainsi des cheveux légers qui rebondissent et ont beaucoup de volume.

Ainsi, il en ressort que les techniques de coiffage et les produits utilisés par les coiffeuses dominicaines sont bénéfiques aux cheveux. Elles appliquent en profondeur un après-shampooing avant de faire quoique ce soit. Ensuite, elles utilisent le séchoir qui cause moins de dommage que le sèche-cheveux et les fers chauds. Et même si elles utilisent le séchoir après avoir enlevé les rouleaux, elles passent moins de temps à les sécher au moyen du sèche-cheveux. Par conséquent, il cause moins de tort aux cheveux.

D'un autre côté, les produits naturels pour cheveux contiennent des vitamines et des protéines qui viennent des fruits et des légumes, autrement-dit de la nature. Ils nourrissent les cheveux en leur procurant les nutriments nécessaires à l'obtention d'un rendu et d'une texture soyeuse. Au final, votre cheveu est en bonne santé. Beaucoup de femmes trouvent qu'après avoir utilisé ces produits, leurs cheveux restent en bonne santé de façon permanente.

On a pu observer que l'un des plus gros problèmes résultant de l'usage des produits et techniques (noirs) américains est qu'ils endommagent les cheveux. Les crèmes relaxantes, les colorants chimiques et les méthodes de coiffage corrosifs comme les permanentes ou les couleurs ont tendance à abimer la tige du cheveu. En revanche, les salons de coiffure dominicains ont la réputation de se concentrer sur la promotion de la santé des cheveux. L'accent est mis sur le maintien et le traitement des cheveux. Cela est dû en grande partie au grand nombre de produits coiffant fabriqués avec des ingrédients propres à la Caraïbe. En utilisant une gamme de produits concentrés sur la santé des cheveux, les professionnelles s'inscrivent dans une démarche de développement durable.

Les coiffeuses *pan'nyol* ont trois autres éléments déterminants dans leur arsenal commercial, le délai d'attente qui tend à diminuer du fait de la rapidité à laquelle s'exécute chaque étape des prestations, les tarifs compétitifs et les services complémentaires. L'une des plaintes les plus courantes dans les salons antillais, concerne le temps d'attente. Aux dires de clientes interrogées, il n'est pas rare d'être prise en charge une heure après l'horaire programmé de votre rendez-vous. Ensuite, en fonction du service requis, il est possible de passer au moins 30 minutes sous le casque pour le séchage. Tout compte fait, lorsque l'on met bout à bout le temps consacré aux différentes opérations, il est fréquent qu'une cliente passe en moyenne un temps relativement long dans un salon. On constate que dans beaucoup de salons, l'équipe de travail est composée en moyenne d'une à deux personnes, ce qui contribue à augmenter les délais d'attente. A l'inverse, beaucoup des consommatrices fréquentant des salons dominicains affirment que beaucoup d'efforts sont réalisés afin d'écourter les délais d'attente notamment en proposant des prestations complémentaires (soins des pieds et des mains, soins du visage, maquillage...). Ce qui contribue à renforcer ce professionnalisme et à bien mettre en évidence que dans l'esthétique ce qui prime c'est l'anti-stress. Cette valeur ajoutée constitue l'arme secrète des coiffeuses.

Non seulement vous perdez moins de temps dans un salon dominicain, mais on cherche à l'optimiser au maximum pour renforcer votre capital beauté. Ainsi, le gain de

temps est inestimable pour des femmes qui doivent mener de front vie professionnelle et vie familiale.

D'autre part, alors que les salons antillais sont devenus plutôt coûteux, leurs homologues dominicains parviennent à facturer moins cher les prestations tout en offrant les mêmes services à leurs clientes. Ainsi, ces dernières jouissent de la possibilité d'avoir leurs cheveux entretenus par une professionnelle plus souvent. Et cela signifie souvent des cheveux en meilleure santé.

La fidélisation du client est importante. Il faut donc faire preuve d'ingéniosité et être attentif aux besoins du client tant sur le plan esthétique que financier. D'où la nécessité de mettre en place des tarifs attractifs pour mieux répondre à leurs attentes.

Si d'une manière générale chez la Caribéenne l'esthétique est culturelle, l'attention accordée au corps semble encore plus mise en valeur chez la Dominicaine, et la Brésilienne. Sur le plan de la plastique, rien ne semble négligé ou laissé au hasard. Le culte de la beauté est entretenu. L'un des exemples les plus convainquants est sans doute le nombre élevé de Caribéennes hispaniques, d'Amérique centrale et d'Amérique latine qui de manière régulière se classent parmi les trois finalistes du concours de Miss Monde ou de Miss Univers.¹⁴ Aleida Morel, une experte en maquillage et soin de la peau, confie :

La plus part des Dominicaines ont les cheveux bouclés (*el pelotexturado*) et ceux-ci demandent beaucoup d'attention. Par conséquent, presque toutes les Dominicaines vont au salon de coiffure (*el salón de belleza* ou la *peluquería*) une ou deux fois par semaine. A la République Dominicaine, et quelque soit le pays où nous vivons, le salon de coiffure occupe une grande place dans notre culture (The Dominican Hair 1).

Les atouts majeurs dont dispose la femme originaire de la RD sont ses cheveux (le résultat d'un mélange entre Africains, Européens et Amérindiens), son teint, ses ongles bien faits et son maquillage impeccable et les secrets de beauté bios concoctés depuis la nuit des temps pour maintenir cette belle apparence. Les îles de la Caraïbe présentent des sociétés hautement stratifiées issues de la plantocratie. En tant que telles, le pouvoir se négocie à la jonction des rapports de classes, de race et de pigmentation de la peau. Dans une analyse socioéconomique et politique des îles de la région, Colette Maximin affirme : « Dans les

¹⁴La gagnante de Miss Univers 2008 était vénézuélienne, la première dauphine était de la Colombie et la seconde de la RD. La RD a remporté le titre en 1982 et en 2003. Miss univers 2009 était une vénézuélienne et sa seconde dauphine était une Dominicaine. En 2010, la deuxième dauphine de Miss Monde était une vénézuélienne.

sociétés pluriethniques et très stratifiées de la Caraïbe, il est impossible d'éluder les facteurs de race et de classe » (La Parole 91). Plus sa peau est claire, plus l'individu est bien perçu dans la société. Et inversement, plus sa peau est sombre, plus négative est sa perception.

A ce propos, le discours sur les cheveux cristallise de manière admirable le concept d'identité et d'image de soi. « La texture du cheveu s'est vu dotée d'un véritable coefficient de discrimination » affirme Juliette Sméralda (Peau noire 8). Sur l'échelle de gradation, le cheveu crépu est relégué en bas de liste au profit du « bèlchivé »¹⁵ (*pelobueno*) qui souligne presque toujours l'ascendance européenne. En fait, le cheveu et la pigmentation de la peau sont au cœur du discours discriminatoire. Sméralda précise : « Depuis le 16^{ème} siècle, les traits que sont la couleur plus ou moins foncée de la peau, l'état laineux de la chevelure et un visage prognathe (oblique) se trouvèrent fréquemment associés, dans le discours sur l'infériorité intellectuel et social des porteurs » (Peau noire 8).

D'une certaine manière, par un jeu de transfert au niveau du subconscient, la femme dominicaine, qui dans beaucoup mais pas tous les casa le teint clair, une texture de cheveux non négroïde, dispose d'une poitrine généreuse et d'un arrière train ample est un condensé de tout cette glose raciale et esthétique valorisante. De plus, là où la Guadeloupéenne élevée dans le culte de la respectabilité apostolique et romaine donne la primeur à la tempérance et la sobriété quant à son image extérieure, la latine semble avoir moins d'inhibition à exposer son corps, en particulier à la vue des hommes.

Il s'en suit qu'en plus des techniques de coiffure révolutionnaires, les shorts moulants, les matières qui prennent la forme du corps comme le lycra, les talons-aiguilles à la hauteur vertigineuse, tout comme les combinaisons ahurissantes de faux ongles ont fait leur apparition sur le marché guadeloupéen.

Si certaines *pan'nyol* se parent sans difficulté de toute cette panoplie dans leur quotidien, il existe un cadre qui a et continue de propulser la latine sur le devant de la scène sociale guadeloupéenne où elle est sublimée, la piste de danse. La vague des danses latines a déferlé sur la Guadeloupe dans les années 90 et n'a cessé d'aller grandissante depuis. Associée d'abord aux salles de sport¹⁶, la salsa¹⁷, la bachata et le merengue se sont aujourd'hui organisées en clubs ou associations qui comptent de nombreux

¹⁵Le cheveu de bonne qualité.

¹⁶Le club Stélia et Sam Body ont été les premiers à engager des professeures latines.

¹⁷Au niveau du grand public on ne distingue pas vraiment les trois danses. Ainsi, le terme « salsa » qui est apparu en premier est générique. Dès lors, il importe peu que la salsa soit cubaine et que les ressortissants hispaniques soient de la République Dominicaine.

sympathisants.¹⁸De nombreuses boîtes de nuit comme le Blue Night, Amazone, la Casa del tango, Lola Palozza, et Bik Kréyol organisent également des soirées spéciales consacrées aux danses latines. De la simple offre de cours, on est passé aujourd'hui à l'organisation de compétitions très prisées comme Salsamania qui font venir les professionnels de rangs mondiaux dans l'île.

Il convient de remarquer que l'engouement pour la musique de la République Dominicaine précède de loin l'intérêt pour la danse. Au courant des années 80, les Guadeloupéens admirent José Luis Guerra, et avant lui Wilfredo Vargas et Johnny Ventura. Le premier est sans doute le crooner dominicain le plus connu en Guadeloupe. Ainsi, la piste de danse a confirmé l'importance de la salsa en tant que prescriptrice de mode.

La danse, vecteur de sensualité, contribue dans une certaine mesure à renforcer dans les mentalités cette importance de l'esthétique dans la relation « amoureuse, » et chez les hommes tend à créer cette idée de la beauté latine comme « standard ».

Les hommes guadeloupéens, qui ne l'oublions pas sont à l'origine de la migration des Dominicaines sur le territoire, ont pris note. Et chemin faisant, de simple « consommateurs »¹⁹ du début, ils sont passés d'un rapport purement mercantile avec les femmes latines à une relation amoureuse. Dorénavant, la femme n'est plus perçue comme une « salope » dont on paie les services avec tout le mépris inclus dans l'échange, mais comme une compagne souhaitable. Au quotidien, la relation prend soit la forme du concubinage soit de plus en plus celle du mariage. Le recensement de 1999 montre que « parmi les immigrés qui vivent en couple 41% sont en union avec une personne non immigrée » (Atlas 19). L'étude va plus loin en affirmant que « les femmes immigrées forment plus souvent que les hommes immigrés en couple avec une personne non immigrée » (respectivement 49% et 31%) (Atlas 19).

En dernier ressort, la force conjuguée des soins esthétiques, de la danse, de la musique et du code amoureux font que, de plus en plus, la République Dominicaine est devenue une destination de rêve promue par les agences de voyage. De Pointe-à-Pitre, il est aujourd'hui possible de se rendre par avion à Boca Chica, Puerto Plata, Punta Cana ou Saint-Domingue pour une somme modique.²⁰En plus des autres attractions, le festival de merengue, qui a lieu en Juillet, attire un public nombreux.

¹⁸Au nombre des associations et clubs, on compte Camino, Café con léché, la Candéla, Salsarosa et Viva Salsa.

¹⁹Dans le cadre de la prostitution s'entend.

²⁰Par exemple, l'agence Penchard Voyages propose neuf formules différentes de séjour allant de 2 à 8 jours, à des tarifs compris entre 344 € à 1.039 € et qui inclus le vol aller-retour et l'hébergement.

CONCLUSION

Grâce à son goût prononcé pour l'esthétique, l'élévation de son niveau d'étude, et son mental d'entrepreneur ainsi que la reconnaissance de ses compétences dans le secteur de la beauté, le statut d'immigrée de bas de gamme qui est malheureusement encore le lot commun des Haïtiennes et de Dominicaines tend à ne plus s'appliquer à la Dominicaine. En effet, si les premières à débarquer en Guadeloupe se cantonnaient à la prostitution, aujourd'hui les nouvelles venues ont d'autres options qui s'offrent à elles.

Leur maîtrise de savoir-faire dont la demande est en constante progression de la part de la population locale leur offre des perspectives de débouchés tant sur le plan économique, social que culturel. Ainsi, vu le succès des techniques et compétences qu'elles ont emmenées avec elles de la RD, on assiste dans une certaine mesure à une « latinisation » de l'esthétique antillaise. On constate donc une forte intégration par l'activité économique qui tend de plus en plus à se renforcer et ce grâce à l'implantation également de surfaces de vente dédiées à la cosmétique et à l'esthétique (magasins de vêtements, produits d'esthétique...).

Cependant, loin d'être éphémère cette « dominicanisation » prend racine et s'étend au champ amoureux. Bien que les mariages inter-dominicains prédominent toujours, il est à noter que les Guadeloupéens vivant maritalement avec des Dominicaines ou les épousant est en progression constante.²¹ En plus de leur plastique, il est clair que l'intégration par l'activité économique met ces femmes en position de force et augmente sensiblement leurs chances de trouver un prétendant fiable, eu égard à la respectabilité acquise par le biais du travail. Arrêtons-nous un instant sur le nombre d'enfants nés de ces relations, qui sont de droit français. Fort des bénéfices de la scolarisation mise à leur disposition, une fois sur le marché de l'emploi ils seront en mesure de jouer un rôle de premier ordre dans la société. Leur intégration et celle de leurs mères les positionne de telle manière à influencer la Guadeloupe sur le plan social, économique et culturel.

En effet, si jusqu'à maintenant l'impact des Haïtiens et Dominicains n'est pas nécessairement notoire²² dans la mesure où ils sont issus de cultures créolophones comme

²¹ Outre un constat ponctuel de la tendance, l'INSEE n'a malheureusement pas de chiffres à proposer.

²² L'amour des Guadeloupéens pour le kompadirèk haïtien dément cette perception. D'autre part, la présence et l'influence du groupe *TambouGuinen* dans le carnaval de Guadeloupe reste à étudier. Enfin, lorsque l'artiste

les Guadeloupéens²³, il en va autrement des Dominicains. Il nous semble que même si l'intégration demande que ces derniers maîtrisent les langues du pays d'accueil, la présence du langage espagnol appelle un repositionnement linguistique de la part du gros de la population d'accueil qui peut à terme porter des fruits.

A l'ère de la mondialisation, il serait peut-être bon de cultiver le rhizome latin/hispanique. On peut penser que l'émergence de cadres, de diplômés hautement qualifiés maniant couramment le français, l'espagnol, l'anglais et le créole représente un avantage majeur non négligeable. On peut imaginer des accords commerciaux et de coopération plus substantiels entre la Guadeloupe et la République Dominicaine par l'entremise du Conseil Régional, sous le haut patronage de l'Élysée. Dans le champ universitaire, des partenariats entre les universités dominicaines et l'UAG afin de soutenir un programme d'études caribéennes latines de premier ordre sont également envisageables. Le paysage audiovisuel local gagnerait également en une représentation plus nuancée et juste des différentes composantes (linguistiques, raciales, identitaires) de la société guadeloupéenne. Il sera intéressant de se pencher sur les recensements à venir et les changements observés au sein de la communauté dominicaine.

REFERENCES

ATLAS des populations immigrées en Guadeloupe. INSEE édition 2006

CARDET, L. L'esthétique se veut touche à tout. **Franchise Magazine**. Web site. Disponible à: <<http://www.franchise-magazine.com>>. Consulté le 14 Mai 2012.

CODE de la Santé publique, article L.5131-1 - **Commentaire d'utilisateurs sur la crème**. Site Web. Disponible à: <<http://www.unhomme.fr/page/.../marche-cosmetique.php>>. Consulté le 14 Mai 2012.

Enquête INSEE 2006 - **Étude du marché des cosmétiques en France**. Site web. Disponible à: <<http://www.oodoc.com>>. Consulté le 14 Mai 2012.

ÉTUDE marketing. Site web. Disponible à: <<http://www.paperblog.fr/828768/le-marche-de-la-cosmetique-bio-en-plein-boom-causes-et-consequences/>>. Consulté le 14 Mai 2012.

FRANCE, Antilles Guadeloupe. 20.04.2009

auteur, compositeur, interprète Dominique Coco nomme son groupe KaraïbKoumbeat, l'observateur est en droit de se demander s'il s'agit là d'un acte fortuit ou d'une forme de révérence.

²³Quoi qu'il y ait des différences notoires.

Fabrice Hatem. Site Web. Disponible à: <http://fabrice.hatem.free.fr/index.php?option=comcontent&task=view&id=155&Itemid=45>. Consulté le 14 Mai 2012.

GUADELOUPE. Réapparition de la xénophobie anti-haïtienne. **Lutte de classe**. No 90. Septembre 2005. Disponible à: <<http://www.secretsid.com/2009/10/avene-tolerance-extreme/>>. Consulté le 14 Mai 2012.

LE MARCHÉ de la beauté et du bien-être. Disponible à: <<http://www.annoncebeaute.com>>. Consulté le 14 Mai 2012.

LE MARCHÉ des cosmétiques bio, produits de soin naturels. Disponible à: <<http://www.oodoc.com/68425-france-marche-cosmetique-france-analyse.php>>. Consulté le 14 Mai 2012.

MARKETING Etudiant. Site Web. Disponible à: <<http://www.marketing-etudiant.fr/.../marche-cosmetiques.php>>. Consulté le 14 Mai 2012.

MAXIMIN, C. **La parole aux masques**: littérature, oralité et culture populaire dans la Caraïbe anglophone du XX siècle. Paris: Éditions Caribéennes, 1991.

MOREL, A. **Dominicanidades**. Site Web. Disponible à: <<http://www.aleida.net/salon-en.html>>. Consulté le 14 Mai 2012.

MULOT, S. **Chabines et métisses dans l'univers antillais**: entre assignations et négociations identitaires. Disponible à: <<http://www.clio.revues.org/7447>>. Consulté le 6 Mai 2012.

SMERALDA, J. **Peau noire, cheveu crépu**: l'histoire d'une aliénation. Pointe-à-Pitre: Éditions Jasor, 2004.

Recebido em: 27 de maio de 2015.

Aceito em: 30 de junho de 2015.

TABULEIRO DE LETRAS

RESENHA

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 2012.

Publicado pela primeira vez na França em 1996 e traduzido para o português em 1999, *A noção de cultura nas ciências sociais* tem agora uma segunda edição brasileira (2012), afirmando-se como obra de significativo acolhimento em nosso meio, principalmente nos cursos relacionados à área das humanidades, sobretudo em razão da importância que o conceito de *cultura* adquiriu e continua adquirindo nesse campo de pesquisa.

Denys Cuche, sociólogo e antropólogo francês que trabalhou com Roger Bastide, começa definindo a cultura nos seguintes termos: "a noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos" (p. 09). Assim, para o autor, a cultura refere-se à capacidade de o homem adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar esse meio ao próprio homem; em suma, "a cultura torna possível a transformação da natureza" (p. 10), tornando-se um instrumento contra as explicações *naturalizantes* dos comportamentos humanos. Desse modo, pode-se dizer que "nada é puramente natural no homem" (p. 11), já que mesmo as funções humanas ligadas às suas necessidades fisiológicas são informadas pela cultura.

Na busca por reconstituir a gênese da noção de cultura, o autor se reporta ao século XVIII francês, época em que a palavra *cultura* adquire seu sentido moderno, referindo-se, naquele contexto, tanto à "educação do espírito" quanto à "civilização". Já no século XIX, agora num contexto alemão, o termo designa tudo o que é autêntico e contribui para o enriquecimento intelectual e espiritual, inaugurando (com o pensamento de Herder e a ideia de cultura como resultado da *alma* e do *gênio de um povo*) o conceito relativista da cultura.

A partir de então, o conceito de cultura começa a se afirmar cada vez mais, com a contribuição de Edward Tylor (a cultura como "expressão da totalidade da vida social do homem", p. 35) e a dimensão coletiva da cultura, abordando os fatos culturais, pela primeira vez, sob uma ótica geral e sistemática; com a contribuição de Franz Boas, cuja obra é uma tentativa de pensar a *diferença*, que, para ele, é de ordem cultural e não racial (Boas substitui o conceito de *raça* pelo de *cultura*, que dava, de modo mais adequado, conta da diversidade humana); com a contribuição de Emile Durkheim, que vinculava a *cultura* à noção mais ampla de *social*, não sem adotar certo evolucionismo em suas posições, desenvolvendo a tese da *consciência coletiva*; e com a contribuição de Lucien Lévy-Bruhl, estudioso das culturas primitivas, colocando no centro de suas reflexões a ideia de *diferença cultural*.

Dessa fase em diante, o conceito de cultura conhece verdadeiro triunfo, seja com as teses de etnólogos americanos, discípulos de Boas – ressaltando a dimensão histórica dos fenômenos culturais (Kroeber, Wissler) e elaborando o conceito de *modelo cultural* (*cultural pattern*) –, seja pelas análises funcionalista de Malinowski – defendendo a observação direta das culturas em seu estado presente (perspectiva sincrônica), já que toda cultura constitui um todo coerente, que sofre mudança essencialmente por meio de contatos exteriores –, seja ainda por contribuições gerais, de Edward Sapir, Ruth Benedict, Margaret Mead, Ralph Linton, Abram Kardiner, entre outros. Especial destaque merece a contribuição da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss, propondo a ideia de *invariabilidade da cultura*: "a antropologia estrutural assume como tarefa encontrar o que é necessário para toda a vida social, isto é, os elementos universais culturais, ou, em outras palavras, os *a priori* de toda a sociedade humana" (p. 98).

O autor aborda ainda as relações entre cultura e os conceitos de aculturação, de hierarquia e de identidade. Sobre o primeiro (aculturação), que se relaciona à ideia de *contatos culturais*, lembra que o conceito de *aculturação* designa um movimento de aproximação entre culturas (*ad-cultura*) e não um movimento de desculturação (*a-cultura*); desse modo, define o conceito como fenômenos que resultam do contato entre grupos de diferentes culturas, provocando mudanças nos modelos culturais de um ou dos dois grupos. Não se trata, assim, nem somente de *mudança cultural*, nem somente de *assimilação*, nem somente de *difusão cultural*, mas de um processo mais complexo e completo, tal como fora estudado por Herskovits, Linton, Redfield, Bastide e outros. Sobre o segundo (hierarquia), o autor lembra que a cultura é um produto histórico, reproduzindo, portanto, relações sociais que, em geral, se assentam numa situação de hierarquia, inclusive adquirindo *valores* sociais

diferentes, já que também vivem – como as sociedades – em estado de contato, tensões etc. Daí a ideia de que há culturas dominantes e dominadas (embora isso não queira dizer que, necessariamente, uma cultura seja superior a outra): "nesta perspectiva, uma cultura dominada não é necessariamente uma cultura alienada, totalmente independente. É uma cultura que, em sua evolução, não pode desconsiderar a cultura dominante (a recíproca também é verdadeira, ainda que em um grau menor), mas que pode resistir em maior ou menor escala à imposição cultural dominante" (p. 145). É, enfim, dessa hierarquização das culturas que nascem certos subtipos culturais, como a *cultura popular*, a *cultura de massa*, a *cultura operária*, a *cultura burguesa* etc. Sobre o terceiro (identidade), o autor afirma que embora os termos cultura e identidade tenham grande ligação, a primeira depende em grande parte de processos inconscientes, enquanto a segunda remete a *normas de vinculação* conscientes, motivo pelo qual a identidade só pode ser entendida num *contexto relacional*. Considerando, contudo, a estreita relação entre as concepções de cultura e de identidade, percebe-se que a noção de identidade também apresenta vieses distintos, podendo ser entendida como vinculação original de um indivíduo aos seus grupos (suas *raízes*), como resultado de um patrimônio genético (sua *raça*) ou como resultado de uma herança cultural (sua *cultura*). O que, na verdade, deve ser destacado em qualquer situação é a natureza *social* da identidade: "a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais" (p. 182).

O autor conclui ressaltando a *confusão conceitual* a que o uso indiscriminado do conceito de cultura pode levar, lembrando que casos recentes do emprego do termo acabaram gerando noções específicas a ele relacionadas, como as de cultura política, cultura de empresa, cultura de imigrantes etc.

Embora não haja aprofundamento em nenhum dos aspectos do livro, Denys Cuche apresenta-nos um complexo e rico painel de teorias, conceitos, ideias e caminhos percorridos pela noção de cultura que, como dissemos no início, é cada vez mais empregada pelas várias áreas do saber humano.

Recebido em: 07 de maio de 2015.

Aceito em: 30 de junho de 2015.